



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LINEKER ALAN GABRIEL NUNES

MIGRAÇÃO E TRABALHO:
O CASO DOS HAITIANOS EM CASCAVEL/PR

LINEKER ALAN GABRIEL NUNES

MIGRAÇÃO E TRABALHO:
O CASO DOS HAITIANOS EM CASCAVEL/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr^a. Ideni Terezinha Antonello

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Nunes, Lineker Alan Gabriel.

Migração e Trabalho: O caso dos Haitianos em Cascavel/PR / Lineker Alan Gabriel

Nunes. - Londrina, 2018.

155 f. : il.

Orientador: Ideni Terezinha Antonello.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Migração - Tese. 2. Trabalho - Tese. 3. Haitianos - Tese. 4. Cascavel/PR - Tese. I. Antonello, Ideni Terezinha. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

LINEKER ALAN GABRIEL NUNES

MIGRAÇÃO E TRABALHO:
O CASO DOS HAITIANOS EM CASCAVEL/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr^a. Ideni Terezinha Antonello
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^a. Karla Rosário Brumes
Universidade Estadual do Centro-Oeste -
UNICENTRO

Prof. Dr^a. Líria Maria Bettiol Lanza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 15 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por poder conceder, passo a passo, a oportunidade de realizar o que, em minha infância parecia muito distante ou quase impossível: Ter perspectiva. Realizar o mestrado é mais um passo que contraria meu “destino” na infância. Estou contrariando as estatísticas!

Agradeço também à minha família que sempre esteve disposta a me ajudar e a me acolher, em todos os momentos, em especial à minha mãe: Meu exemplo de vida e maior inspiração.

Também à Rosi, minha namorada, que se mostrou companheira e compreensível em todos os momentos, de ausência ou de sobrecarga de trabalho.

Agradeço também à Professora Ideni, que mesmo no “escuro” me aceitou como orientando e me ensinou, direta e indiretamente, muito sobre ser humano e sobre ser competente. Foi um prazer enorme e um fardo muito leve a carregar ser seu orientando, contrariando (e muito) a dicotomia acadêmica orientador x orientando. Muito obrigado!

Agradeço também a todos os imigrantes haitianos que contribuíram, doando um pouco de seu tempo para relatar suas experiências. Vocês são a chave dessa pesquisa. Sem sua ajuda essa pesquisa não seria possível. O sorriso sempre marcante, mostra que, embora vivendo as maiores dificuldades, não há o que temer!

Agradeço a Rosângela da Cáritas pela ajuda e pelas portas sempre abertas. Pessoa extraordinária, bondosa e que dedica seu tempo para o outro, fazendo o que de mais belo há: A caridade. Muito obrigado.

Agradeço à todos os colegas da Pós-graduação de Londrina, da turma e os que conheci fora. Também, aos colegas agora londrinenses, Douglas e Solange, pela ajuda e pelos bate-papos, me hospedando várias vezes.

Também agradeço às professora Karla e Líria, pelas valiosas contribuições no acompanhamento da pesquisa e pela disposição em estar presentes, mesmo num momento político-institucional complicado. Muito obrigado!

NUNES, Lineker A. G. **Migração e trabalho**: O caso dos haitianos em Cascavel/PR. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

A presente pesquisa tem dois objetivos inter-relacionados. O primeiro visa abordar a migração dos haitianos para o Brasil e Cascavel/PR e o segundo analisar a inserção do imigrante haitiano no mundo do trabalho no município de Cascavel/PR, considerando-se a centralidade do trabalho como estratégia de reprodução social do migrante no Brasil. Para a fundamentação teórica da pesquisa, utiliza-se autores que tratam da categoria trabalho e das transformações ocorridas no trabalho a partir do sistema de metabolismo do capital. Também são abordados conceitos e tipologias da migração com a finalidade de, posteriormente, melhor compreender o fenômeno da migração haitiana em direção a Cascavel/PR. A metodologia da pesquisa é de natureza mista (quantitativa e qualitativa). Assim, a partir da aplicação de questionários (23), em Português e Francês, junto aos imigrantes haitianos e de entrevistas semi-estruturadas com imigrantes haitianos e com um grupo de haitianos, representantes de instituições públicas (Agente da Polícia Federal e Vereador) e de instituições religiosas (Cáritas e Ágape) foram levantados os problemas enfrentados pelos imigrantes haitianos no espaço cascavelense: Preconceito racial, seletividade no ambiente de trabalho, desemprego, moradias precárias, ausência da presença e assistência do poder público, dentre outros. Assim, de maneira geral, a presente pesquisa elencou e discutiu o que concerne a problemática da inserção no mercado de trabalho, que constitui-se como elemento central para o entendimento da migração haitiana em Cascavel/PR.

Palavras-chave: Migração. Trabalho. Haitianos. Cascavel/PR.

NUNES, Lineker A. G. **Migration and work:** The case of the Haitians in Cascavel /PR. 2017. 153 p. Paper (Masters in Geography) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

The present research has two interrelated objectives. The first one aims to address the migration of Haitians to Brazil and Cascavel / PR and the second to analyze the insertion of the Haitian immigrant in the world of work in the municipality of Cascavel / PR, considering the centrality of work as a strategy of social reproduction of the migrant in the Brazil. For the theoretical basis of the research, authors are used that deal with the work category and the transformations occurring in the work from the system of capital metabolism. Concepts and typologies of migration are also discussed in order to better understand the phenomena of Haitian migration towards Cascavel / PR. The methodology of the research is mixed (quantitative and qualitative). Thus, from the application of questionnaires (23) in Portuguese and French, together with Haitian immigrants and semi-structured interviews with Haitian immigrants and a group of Haitians, representatives of public institutions (Federal Police Agent and Councilman) and of religious institutions (Caritas and Agape), the problems faced by Haitian immigrants in the Cascavelan space were raised: racial prejudice, selectivity in the work environment, unemployment, precarious housing, absence of presence and assistance of public power, among others. Thus, in general, the present study lists and discusses what concerns the issue of labor market insertion, which is a central element for the understanding of Haitian migration in Cascavel / PR.

Keywords: Migration. Job. Haitians. Cascavel / PR.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Contraposição Fordismo-Toyotismo	29
Figura 2	–	Localização do município de Cascavel, no Paraná.....	40
Figura 3	–	Linha de produção de corte de aves da Globoaves (Janeiro de 2017).....	48
Figura 4	–	Tipologia das migrações segundo Matos (1993).....	51
Figura 5	–	Localização das Placas Tectônicas	62
Figura 6	–	Localização do Haiti	65
Figura 7	–	Abrigo para imigrantes haitianos em Brasiléia	79
Figura 8	–	Rota percorrida pelos haitianos até chegar ao Brasil.....	80
Figura 9	–	Haitianos com vínculo formal de trabalho na Região Sul, segundo os principais municípios, 2011-2014	93
Figura 10	–	População haitiana residente em municípios do Oeste do Paraná - 2016	97
Figura 11	–	Distribuição territorial dos imigrantes haitianos em Cascavel/PR	99
Figura 12	–	Distribuição territorial dos imigrantes haitianos em Cascavel/PR, por bairros	106
Figura 13	–	Comemoração do dia da bandeira do Haiti em 2014, em Cascavel	108
Figura 14	–	Igreja de haitianos, no bairro Coqueiral, em Cascavel/PR.....	109
Figura 15	–	Termo de recomendação de empresa do ramo frigorífico da região Oeste	119
Figura 16	–	Vista de moradias de imigrantes haitianos em Cascavel/PR	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Emprego Formal em Cascavel/PR.....	42
Tabela 2	– Emprego Formal por atividade produtiva em Cascavel/PR – Saldo (2010-2016).....	43
Tabela 3	– Empregos em Cascavel/PR 2010-2015 (Total).....	44
Tabela 4	– Ocorrência de terremotos no Haiti com magnitude igual ou superior a 6.5 (Escala Richter), 1902-1992.....	63
Tabela 5	– Estimativa da população haitiana no exterior (2015)	73
Tabela 6	– Número Total de vistos emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), por posto de requerimento, entre 2012 e 2016	85
Tabela 7	– Número de autorizações concedidas a haitianos, segundo Resolução normativa, 2011-2015	87
Tabela 8	– Número de autorizações concedidas a haitianos, segundo sexo, 2011-2015	87
Tabela 9	– Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo principais atividades econômicas, PR, SC e RS, 2011- 2014	94
Tabela 10	– População haitiana residente em municípios do Oeste do Paraná – 2016.....	97
Tabela 11	– População haitiana por bairros em Cascavel/PR - 2016.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Pessoas ocupadas por setor 2007-2013 em Cascavel/PR	41
Gráfico 2	–	Produto interno bruto municipal – Cascavel (2013).....	42
Gráfico 3	–	Evolução do número de funcionários – Coopavel 2011-2016	45
Gráfico 4	–	Coopavel – Abate de aves no frigorífico (milhões de aves abatidas).....	46
Gráfico 5	–	Coopavel – Abate de suínos no frigorífico (mil suínos abatidos).....	46
Gráfico 6	–	Haitianos que se registraram na Polícia Federal, período 2012-2016	84
Gráfico 7	–	Número total de solicitações de refúgio de haitianos, por ano de solicitação.....	86
Gráfico 8	–	Número de haitianos com registros permanentes, segundo ano de registro, 2000-2014	88
Gráfico 9	–	Número de haitianos com registros permanentes, segundo UF entrada, Brasil, 2000- 2014.....	89
Gráfico 10	–	Número de haitianos com registro permanente, segundo Unidade da Federação de residência, por ano de registro, Brasil, 2000-2014	90
Gráfico 11	–	Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo o sexo, Brasil, 2011-2014.....	91
Gráfico 12	–	Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo a atividade econômica, Brasil, 2011-2014	92
Gráfico 13	–	Ocupação declarada pelos imigrantes haitianos ao se registrarem na Polícia Federal	92
Gráfico 14	–	Haitianos em Cascavel – Empresa onde trabalha	100
Gráfico 15	–	Ocupação dos imigrantes haitianos em Cascavel – 2015, 2016 e 2017	101
Gráfico 16	–	Porcentagem de imigrantes haitianos em Cascavel, por idade.....	103
Gráfico 17	–	Haitianos em Cascavel, por sexo, 2015-2016-2017	104
Gráfico 18	–	Imigrantes haitianos em Cascavel, por bairros – 2015, 2016 e 2017	105
Gráfico 19	–	Cidade de origem dos imigrantes haitianos em Cascavel	113
Gráfico 20	–	Em que ano veio para o Brasil?	114
Gráfico 21	–	O que o motivou a sair do Haiti?	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de Refugiados ambientais	58
Quadro 2 – Etapas da migração haitiana.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
BNRH	Banco Nacional da República do Haiti
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
FMP	Força Multinacional Provisória
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MJ	Ministério da Justiça
MINUJUSTH	Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
MPI	Migration Policy Institute
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional de Migração
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População economicamente ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RN	Resolução Normativa
USGS	United States Geological Survey

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAPITALISMO	16
2.1	Discussão sobre a Categoria Trabalho.....	16
2.2	As Mudanças nas Relações Sociais de Produção: o Fordismo e o Toyotismo	24
2.3	Cascavel: História e Economia.....	36
2.3.1	Histórico de Formação do Município de Cascavel/PR.....	37
2.3.2	Características dos espaços da produção em Cascavel/PR	40
3	DISCUSSÃO SOBRE MIGRAÇÕES, CONCEITOS E TIPOLOGIAS	49
3.1	O HAITI: HISTÓRICO E (DE) MIGRAÇÕES	59
3.1.1	Haiti: Características Físicas e Terremoto.....	59
3.1.2	Caracterização e Histórico do Haiti.....	64
3.2	Haiti: um país de emigração	70
3.3	Imigração haitiana para o brasil.....	75
3.3.1	A Trajetória dos Haitianos em Território Brasileiro e a Política Migratória Brasileira.....	77
3.4	Contextualização da migração haitiana no brasil	83
4	A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA CASCAVEL/PR	95
4.1	Imigrantes haitianos em cascavel: conquistas e desafios	107
4.2	Experiências vividas pelos imigrantes haitianos em cascavel	111
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	138
	ANEXOS	145
	ANEXO A – LEI Nº 6.728/2017	146
	ANEXO B – Projeto de Lei Nº 53 de 2017	147

APÊNDICES	149
APÊNDICE A –	Termo de consentimento livre e esclarecido	150
APÊNDICE B –	Questionário aplicado aos haitianos – Português	151
APÊNDICE C –	Questionário aplicado aos haitianos – Francês	152
APÊNDICE D –	Roteiro de entrevista com os imigrantes haitianos	153
APÊNDICE E –	Roteiro de entrevista com a representante da Cáritas Cascavel	154
APÊNDICE F –	Roteiro de entrevista com o representante da Polícia Federal em Cascavel	155

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem dois objetivos inter-relacionados. O primeiro visa abordar a migração dos haitianos para o Brasil (e Cascavel/PR) e o segundo analisar a inserção do migrante haitiano no mundo do trabalho no município de Cascavel/PR, tendo em vista a centralidade do trabalho como estratégia de reprodução social do migrante no Brasil.

Trata-se de investigação introdutória a respeito da migração haitiana em Cascavel/PR, já que anteriormente, há conhecimento somente da pesquisa de Martins et al (2014), de título “A diáspora haitiana: Da utopia à realidade”. Portanto, ressalta-se a importância da presente dissertação como meio de difusão da realidade pertinente aos imigrantes haitianos no município de Cascavel.

Os primeiros imigrantes haitianos chegam ao município de Cascavel em 2012. A partir disso, indagações a respeito da presença dos imigrantes haitianos surgem: Porque escolhem o município de Cascavel para se instalar? Quais suas motivações? Estão empregados em que atividades? Que problemas enfrentam? Dentre outras. Logo, urge a necessidade da presente dissertação de, por meio de recursos de base quantitativa e qualitativa, abordar a migração haitiana no município de Cascavel.

No que tange os objetivos, como objetivos específicos têm-se: Identificar as motivações para a presença dos imigrantes haitianos no Brasil e em Cascavel; Localizar/ descobrir as atividades produtivas na qual os imigrantes haitianos se inserem em Cascavel; Identificar as dificuldades/desafios encontradas pelos imigrantes haitianos em Cascavel; Espacializar a migração haitiana no município de Cascavel.

Dessa maneira, a partir dos objetivos gerais e específicos elencados que a problemática central da pesquisa visa responder ao porque da presença dos imigrantes haitianos em Cascavel, quais suas motivações e dificuldades no espaço cascavelense.

Considera-se fundamental elucidar que o mundo do trabalho se torna um dos focos da pesquisa, uma vez que o acesso ao mercado de trabalho é que fomenta a presença e a permanência do migrante haitiano neste município.

A metodologia da pesquisa, de natureza mista, foi constituída de três etapas, sendo a primeira o levantamento de obras que tratam do trabalho e suas mediações,

tendo como sustentação teórica os pressupostos da Geografia do Trabalho, assim como de teorias que abarcam as migrações internacionais e a migração dos haitianos para o Brasil.

A segunda etapa consistiu no levantamento de informações (em jornais, revistas, artigos, dentre outros) do mundo do trabalho em Cascavel e da migração dos haitianos para Cascavel e sua posterior busca pela inserção no mercado de trabalho.

A terceira etapa consistiu na aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas com haitianos e representantes de órgãos governamentais e entidades que trabalham com os imigrantes (Apêndices: B, C, D, E e F). Tanto os questionários como as entrevistas foram divididos em temáticas (Profissão, ocupação no Brasil e em Cascavel, escolaridade, habitação, preconceito racial, dentre outros).

Desse modo, foram aplicados, juntamente aos imigrantes haitianos residentes em Cascavel, uma amostragem de 23 questionários, sendo distribuídos em duas línguas: Português e Francês (Apêndices B e C). Os questionários foram acompanhados de um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

O questionário é composto de 26 perguntas, de cunho qualitativo e quantitativo. As questões pautam-se na tentativa de buscar averiguar a trajetória percorrida pelos imigrantes, sua situação legal em território brasileiro e sua ocupação e condições (gerais) de vida em Cascavel.

Foram realizadas 12 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: 7 – imigrantes haitianos, 1 – grupo de haitianos, 1- responsável pelo setor de migração da Polícia Federal em Cascavel, 1 – representante da Cáritas Cascavel, 1 – pastor que atua na acolhida dos imigrantes no município, 1 – Vereador responsável pela lei que institui o dia do imigrante haitiano no município de Cascavel.

Optou-se por realizar entrevistas semi-estruturadas pela possibilidade de, mesmo sendo produzido previamente um roteiro, o entrevistador ter, no momento, a liberdade de perguntar, como também de direcionar a entrevista para os objetivos da investigação.

As entrevistas tiveram como objetivo: apurar as motivações dos imigrantes haitianos em migrar para o Brasil; identificar o caminho pelo qual os imigrantes passaram até chegar em Cascavel, bem como detectar os problemas e dificuldades encontradas pelos imigrantes em Cascavel.

A natureza mista da metodologia justifica-se pela necessidade de, por tratar-se de estudo inicial sobre a questão haitiana no município de Cascavel, necessita tanto de dados empíricos e estatísticos como de explicações teóricas para explicar o atual momento vivido no município, com o intuito de conferir a pesquisa maior embasamento e amplitude.

Também, a escolha dos sujeitos elencados para os questionários e entrevistas (haitianos e representantes de órgãos governamentais e entidades que trabalham com os imigrantes) perfazem os sujeitos ativos nas questões pertinentes aos imigrantes haitianos no município (Cáritas Arquidiocesana e Ágape), ou seja, justificam-se pela atuação dos mesmos junto aos haitianos e pela vivência dos imigrantes no espaço cascavelense, nas variadas atividades produtivas.

Então, a pesquisa divide-se em três capítulos: O primeiro trata-se de uma abordagem sobre o trabalho e suas implicações perante o sistema de mediações do capital, além da caracterização da mudança nos processos produtivos (fordismo e toyotismo).

No segundo capítulo, foi realizado levantamento acerca das características físicas e do histórico do Haiti, enfocando na migração de sua população em decorrência de fenômenos da ordem ambiental e social. É realizada a abordagem acerca da migração haitiana para o Brasil a partir do terremoto de 2010. Emerge como ponto central as questões que fomentaram a migração haitiana em direção a um novo destino (Brasil), o qual anteriormente não fazia parte dos movimentos migratórios do país.

No terceiro capítulo é feita a caracterização da migração haitiana em Cascavel. Busca-se apreender territorialmente os desdobramentos da presença dos imigrantes no mundo do trabalho do município. Para tanto, são utilizadas informações de órgãos governamentais e de entidades que trabalham com a acolhida e com a inserção dos imigrantes na sociedade cascavelense.

Objetiva-se então, a partir das discussões e metodologias empregadas, compreender o mundo do trabalho no qual os imigrantes haitianos estão inseridos, elencar as dificuldades vivenciadas pelos imigrantes, como também suas conquistas, considerando-se a curta trajetória no município de Cascavel.

2 O TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CAPITALISMO

2.1 DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIA TRABALHO

A partir dos anos 2000, Há um debate acerca do uso da categoria trabalho na Geografia, se este deve ser utilizado ou não ou até mesmo se o trabalho seria um tema geográfico. No Brasil, encontramos aporte e sustentação teórica para a chamada Geografia do Trabalho, principalmente a partir dos estudos de Thomaz Junior (2002 e 2006), bem como de outros pesquisadores, vinculados ao Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT), que se dedicam a discussão e a pesquisa sobre o mundo do trabalho. Dentro disso, concordamos com Thomaz Junior (2002, p. 1) que é necessário assumir

[...] nossas limitações, não vislumbramos apresentar um roteiro a ser seguido pelos pesquisadores em geografia, encimados com a temática do trabalho. Tampouco imaginamos que seria necessário fazermos afirmações prévias, desamparadas das pesquisas, se a geografia do trabalho deve ter esse ou aquele perfil, essa ou aquela marca. E mais, se realmente é um tema a ser abordado pela geografia, ou ainda, como sugerem alguns desavisados, se o trabalho é um tema geográfico. Propomo-nos, sim, a lançar algumas reflexões preliminares ao debate.

Cabe salientar que ao se pesquisar tendo como pressuposto a Geografia do Trabalho para a realização de análises de determinado fenômeno, há que se considerar as marcas territoriais do trabalho.

Então, considerando-se o espaço como categoria central de análise da Geografia, bem como suas sub-categorias de análise, pautar-se-á no exercício geográfico de análise escalar dos fenômenos e desdobramentos do trabalho. Desse modo, conforme Thomaz Junior (2004, p.11):

[...] a Geografia do trabalho deve chamar para si a tarefa de apreender o mundo do trabalho através do espaço geográfico, entendido, pois, como uma das características do fenômeno, e da rede de relações categoriais/teóricas/escalares, ou seja, a paisagem, o território e o lugar de existência dos fenômenos, num vai e vem de múltiplas determinações.

Dentre os autores que se dedicam à análise da categoria trabalho dentro (ou não) da Geografia, podemos destacar Antunes (2005) que fala da existência de uma classe que *vive-do-trabalho*.

Moreira (2013, p. 132) defende a “[...] fração dedicada às tarefas do trabalho (a classe do trabalho) e na fração dedicada ao mando e domínio do conjunto (a classe que vive da classe do trabalho)”.

Moreira (2013, p. 140) discorre que “[...] a sociedade do trabalho foi a ossatura estrutural da sociedade capitalista, que, entretanto, estruturalmente nela se apoiou”. A partir daí observa-se a forte imbricação existente entre a sociedade capitalista e o trabalho, sendo este ontologicamente pertencente a todas as sociedades, mas que no atual contexto assume a característica de ser regulado pelas necessidades do capital.

Também, pensando-se no contexto capitalista e no que tange a relação do capital com os sujeitos envolvidos, Marx (1996) trata do chamado exército industrial de reserva, que se constitui a partir do interesse da classe capitalista em manter uma classe trabalhadora excedente, forçando a uma tendência na baixa nos salários e criando assim uma grande ou até ilimitada mão de obra ociosa e excedente. De acordo com o autor

[...] se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independente dos limites do verdadeiro acréscimo populacional (MARX, 1996, p. 263).

Colocando isso dentro da questão migratória, constata-se que a mão de obra estrangeira (como exército industrial de reserva), sendo qualificada ou não, é proveitosa para o capitalista, pois gera mão de obra excedente, diminuindo a autonomia do trabalhador e contribuindo para a precarização do trabalho.

A questão colocada remete aos imigrantes haitianos no mercado de trabalho brasileiro e em Cascavel/PR. Sendo contratados na maioria das vezes por empresas do ramo frigorífico e da construção civil, os mesmos (assim como todos os trabalhadores) encontram-se sujeitos às dinâmicas do mercado desses segmentos.

Vê-se aí claramente a não-existência de fronteiras para a ação do capital, haja vista a migração de haitianos para o Brasil. Tratando-se de um trabalhador que é desprovido de bens e capital, há uma facilidade no que tange sua mudança.

Ao se fundamentar na centralidade da categoria trabalho, sabe-se que o mesmo configura-se como sendo a categoria ontológica fundamental para a (re) produção da vida humana. É aquilo que nos diferencia dos animais, por exemplo, sendo responsável por um conjunto de transformações no espaço geográfico.

Nesse sentido, Marx (1996) considera que o trabalho difere os seres humanos dos animais, tendo como premissa que homem antes de concretizar as suas ações (trabalho) para uma finalidade, idealiza o produto final do trabalho na sua mente. Em passagem clássica, Marx diferencia o pior arquiteto da melhor abelha, ao afirmar que o pior arquiteto:

[...] construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1996, p. 298).

Vê-se então que o homem, a partir de sua ideação e mediante a sua corporalidade interage com a natureza, transformando-a. Dessa forma, Marx (1996) considera a intrínseca relação entre o homem e a natureza a partir de sua ação, mediando e regulando seu metabolismo com o meio natural. Do mesmo modo:

Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1996, p. 297).

O trabalho é então para Marx, inicialmente criador de valores de uso, sendo uma condição de existência do homem. O trabalho torna-se fundamental então, pela sua característica de mediação entre sociedade e natureza.

O trabalho, nesse contexto, constitui-se como “[...] fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico

básico da omnilateralidade¹ humana” (ANTUNES, 2009, p. 167). Ou seja, pode-se também entender o trabalho como sendo inerente a constituição das sociedades humanas.

Nesse sentido, de acordo com Antunes (1999, p. 136) percebe-se que o trabalho está presente em variadas dimensões da sociedade, pois “[...] a sociabilidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem etc. encontram sua origem a partir do próprio ato laborativo. O trabalho constitui-se como categoria intermediária que possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social”.

Faz-se necessário dizer, nesse momento, que não estamos nos referindo ao trabalho assalariado, fetichizado e estranhado (aquele em que há um distanciamento entre o trabalhador e o produto do seu trabalho e da atividade produtiva), mas ao “[...] trabalho como criador de valores de uso, o trabalho na sua dimensão concreta, como atividade vital (work)”(ANTUNES, 2009, p.167).

Nas palavras de Thomaz Junior (2002, p. 10)

[...] temos o trabalho como referência ontológica fundante da práxis social. Em síntese, ontologicamente prisioneiro da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões é, pois, a base fundante do autodesenvolvimento da vida material e espiritual, sendo que circunscrito à sua forma concreta garantiria a realização de uma vida cheia de sentidos, emancipada para o ser social que trabalha.

Nesse sentido, o trabalho insere-se na sociedade como um vetor primordial da socialização. Mediante a função que cada um exerce como trabalhador (o artesão, o professor, o pintor, entre outras), subdivisões e relações sociais de produção são realizadas.

Pensando-se numa primeira grande transformação ocorrida no trabalho, é fundamental considerar a emergência do sistema capitalista, a partir dos séculos XV e XVI. Desde então, dá-se outra conotação ou sentido ao trabalho. É importante então, nesse momento, trazer para a discussão a questão do trabalho como produtor de valores de uso e de valores de troca. Encontra-se em Marx (1996) o aparato teórico para o fomento do debate.

¹ O conceito de Omnilateralidade, oposto à unilateralidade, refere-se à uma formação (educação) não alienada e não vinculada à divisão social do trabalho e às relações burguesas de estranhamento do trabalhador frente ao trabalho.

Inicialmente, Marx (1996, p. 172) nos informa que:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana.

Têm-se então, como criador de valores de uso, o trabalho como sendo responsável pela satisfação das necessidades primordiais do ser humano. Essa natureza do trabalho como necessidade Marx (1996) também denomina “trabalho concreto”.

O que acontece é que com a emergência do sistema capitalista e seu conjunto de mediações, o trabalho assume um caráter dúplice: O trabalho como gerador de valores de uso (Responsável pelo trabalho concreto) e o trabalho como gerador de valores de troca (Responsável pelo trabalho abstrato). O segundo refere-se ao trabalho na perspectiva da sociedade tendo como mecanismo de mediação o capital. A partir daí emerge uma série de implicações.

Nas palavras de Marx (1996, p. 175),

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso.

Antunes (2010) nos adverte que o caráter útil do trabalho e toda sua dimensão concreta torna-se subordinada a outra condição, a de ser “[...] dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada para gerar mais-valor” (2010, p. 10).

Vê-se que a partir da emergência da sociedade capitalista, o trabalho assume outra forma, ou seja, “[...] tornando-se assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado, fetichizado e abstrato” (ANTUNES, 2010, p. 10).

Com esse panorama, todos os frutos do ato laborativo do trabalhador não o contempla, mas sim ao capitalista, detentor dos meios de produção. A esse trabalho, realizado para outro, alheio ao trabalhador, Marx (1996) chama de trabalho estranhado. A principal característica é a não existência da auto-realização do trabalhador perante os resultados do trabalho.

O trabalho estranhado faz com que no sistema capitalista o trabalhador não se reconheça, mas se negue no trabalho. A negação do trabalhador faz referência a

não-realização (ou contentamento) do próprio trabalhador no trabalho, sendo o trabalho uma forma de intermédio para a satisfação das necessidades. Nesse sentido, Marx (1983, p. 153) nos informa que:

Daí que o trabalhador só se sinta junto a si fora do trabalho e fora de si no trabalho. Sente-se em casa quando não trabalha e quando trabalha não se sente em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas compulsório, trabalho forçado. Por conseguinte, não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele.

O trabalho perde então seu caráter como sendo vital para a reprodução das necessidades humanas e passa a ser utilizado como responsável pela produção de mercadorias. Os objetos essenciais então tornam-se coisas. Marx (1996) traz para análise o conceito de “reificação” no qual os objetos, apresentando valor de qualquer natureza, passam a ser dotados de valor econômico. Logo, sob o jugo do chamado trabalho abstrato, objetos passam a ser coisas ou reificados. Assim, o trabalho acaba tornando-se meio e não mais primeira necessidade.

Há então, a partir dos séculos XV e XVI, uma mudança nos sentidos do trabalho, aprofundada no século XX. Nesse contexto, torna-se indispensável a indagação sobre os sentidos do trabalho na sociedade contemporânea, haja vista a ocorrência de uma série de transformações/ modificações.

Como bem nos informa Antunes (1999, p. 15), dentre as transformações centrais podemos citar o desemprego (seja ele estrutural, conjuntural, entre outras), o qual se constitui por uma grande quantidade de trabalhadores em condições precarizadas, como também por uma degradação do trabalho que se amplia cada vez mais mediante a lógica estabelecida na sociedade, que prioriza a produção de mercadorias e a valorização do capital, em detrimento do trabalho enquanto fruto de auto-realização.

Na sociedade capitalista, a partir dos séculos XV e XVI muda-se os sentidos do trabalho. Este, que originalmente servia para suprir as necessidades materiais dos diferentes tipos de sociedade, sob a ótica capitalista, torna-se objeto necessário a produção de mercadorias. Então, situado em uma sociedade capitalista – o trabalho (nesse caso subjugado a produção de mercadorias) está submetido à lógica do capital, como “[...] resultado da divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital” (ANTUNES, 1999, p.19).

Desse modo, com base na compreensão de Mészáros (2002) e Antunes (1999), é possível pensar o trabalho a partir da perspectiva do sistema de metabolismo social do capital. Este sistema estabeleceu-se de tal forma que há uma subordinação estrutural do trabalho ao capital, no qual o trabalho produtor de valor de uso é subordinado ao valor de troca. Essa estrutura materializa-se, por exemplo, nas relações encontradas no trabalho assalariado, dentre outras formas de relação de produção.

Nesse sentido, de acordo com Antunes (1999, p. 179-180), o metabolismo social do capital,

[...] configurou-se como um sistema de controle onde o *valor de uso* foi totalmente subordinado ao seu valor de troca, às necessidades reprodutivas do próprio capital. Para que tal empreendimento fosse consolidado, efetivou-se uma subordinação estrutural do trabalho ao capital e sua conseqüente divisão social hierarquizada, fundada sobre o trabalho assalariado e fetichizado.

Com o decorrer do processo histórico que envolve a humanidade como um todo, emerge o que Mészáros (2002) chama de sistemas de mediações, sendo que os mesmos são divididos em “sistema de mediação de primeira e de segunda ordem”.

O sistema de mediações de primeira ordem tem como finalidade a reprodução e preservação das funções vitais da sociedade. Nesse sistema não há o estabelecimento de hierarquias estruturais de dominação e subordinação, portanto, as relações sociais não se encontram sob julgo do capital, não existindo a divisão hierárquica do trabalho ao capital.

Nesse sentido, Mészáros (2002, p. 213) estabelece condições de regulação cruciais para a o sistema de mediações de primeira ordem. Sendo então:

- a regulação da atividade reprodutora biológica, mais ou menos espontânea e imprescindível, e o tamanho da população sustentável, em conjunto com os recursos disponíveis;
- a regulação do processo de trabalho, pelo qual o indispensável intercâmbio da comunidade com a natureza produz os bens necessários para gratificação do ser humano, além dos instrumentos de trabalho, empresas produtoras e conhecimentos pelos quais se pode manter e aperfeiçoar esse processo de reprodução;
- o estabelecimento de relações adequadas de troca, sob as quais as necessidades historicamente mutáveis dos seres humanos podem ser associadas para otimizar os recursos naturais e produtivos (inclusive os culturalmente produtivos);
- a organização, a coordenação e o controle das múltiplas atividades pelas quais se asseguram e se preservam os requisitos materiais e

culturais para a realização de um processo bem-sucedido de reprodução sociometabólica das comunidades humanas cada vez mais complexas;

- a alocação racional dos recursos humanos e materiais disponíveis, combatendo a tirania da escassez pela utilização econômica (no sentido de economizadora) dos meios e formas de reprodução da sociedade, tão viável quanto possível com base no nível de produtividade atingido e dentro dos limites das estruturas socioeconômicas estabelecidas; e
- a promulgação e administração das normas e regulamentos do conjunto da sociedade, aliadas às outras funções e determinações da mediação primária.

Ao analisar cada condição colocada pelo autor, constatamos que nenhuma exige ou implica a subordinação do trabalho ao capital, pelo contrário, mostra o trabalho como categoria ontológica fundamental e produtor de valores de uso, vitais à sobrevivência humana.

Já o sistema de mediações de segunda ordem consiste na submissão das funções reprodutivas sociais à lógica da expansão do capital, ou seja, há a submissão

[...] das relações de gênero e família até a produção material e a criação de obras de arte [...] à exigência absoluta de sua própria expansão, ou seja: de sua própria expansão constante e de sua reprodução expandida como sistema de mediação sociometabólico (MESZÁROS, 1995, p.188).

No contexto da sociedade capitalista atual, percebe-se que dentro do sistema de metabolismo social do capital, o sistema de mediações de primeira ordem subordina-se ao sistema de mediações de segunda ordem.

A partir do exposto anteriormente, observa-se que o trabalho como categoria ontológica perfaz várias esferas da sociedade, sendo uma das bases fundantes da sociedade ao longo do processo histórico da humanidade.

Acontece que dentro do sistema capitalista de produção, o trabalho deixa de ser apenas parte de uma relação metabólica existente entre o homem e a natureza, mas passa a fazer parte de um sistema de mediações, no qual tanto o homem como a natureza submetem-se ao metabolismo do capital, havendo então uma subordinação ao capital.

No decorrer desta primeira parte da investigação, até o momento, debruçamo-nos sobre a categoria/conceito de trabalho e seu contexto dentro da sociedade capitalista, com base em Antunes, Marx, Mészáros e Thomaz Junior. Contexto esse que engendra uma série de consequências: subordinação, precarização, exploração.

Dessa forma, passa-se a realizar uma análise das mudanças nas relações sociais de produção a partir da introdução da lógica fordista de produção e sua transformação mediante a introdução do toyotismo, com a atual chamada reestruturação produtiva do capital.

2.2 AS MUDANÇAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO: O FORDISMO E O TOYOTISMO

Colocadas as questões pertinentes ao trabalho e seu sistema metabólico de mediações, é importante, considerando o trabalho dos imigrantes haitianos em Cascavel (na linha de produção dos frigoríficos, na construção civil ou mesmo no trabalho informal), realizar uma discussão sobre as formas de acumulação do capital pautadas no fordismo e sua transição para o toyotismo. Se faz necessária uma discussão, a fim de obter embasamento acerca dessa transição, para uma posterior análise e constatação sobre a possibilidade do trabalho dos haitianos (principalmente nos frigoríficos) estar relacionado às lógicas de produção fordista e toyotista.

Portanto, no contexto das transformações/mutações ocorridas no mundo do trabalho, coloca-se como fundamental a passagem do fordismo para o toyotismo (Nos anos 1950), engendrada pela “reestruturação produtiva do capital”. Para autores como Harvey (2008), por exemplo, essa passagem é denominada “acumulação flexível” em contraposição a lógica fordista. Apreender os desdobramentos provocados a partir daí torna-se crucial, pois nos permite compreender a estruturação do mundo do trabalho na contemporaneidade.

Nesse sentido, considera-se que o Fordismo se constitui em um modelo de produção idealizado por Henry Ford por volta de 1914, caracterizava-se pela racionalização e pela maximização da produção e do lucro. O modelo vai de encontro com a emergência uma sociedade majoritariamente urbana e industrial.

Aspecto fundamental do modo de produção industrial (fordista) são as chamadas *linhas de montagem (ou de produção)*. A partir das linhas de montagem, ocorrem mudanças significativas no processo produtivo, pois há uma maior agilidade e velocidade no ritmo de produção. Além disso, Ford repensou a carga horária de trabalho, que muitas vezes chegara a cerca de 16 horas diárias, para instaurar o que chamara de “[...] dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para os

trabalhadores da linha automática de montagem de carros [...]” (HARVEY, 2008, p. 121).

A inserção das oito horas de trabalho, mais a remuneração atrativa, associados à produção na linha de montagem (ou de produção) vêm a corroborar para com uma maior exploração da produção. Há então, uma certa otimização do processo produtivo a partir dos estímulos e incentivos criados por Ford. Pode-se ver também que essas iniciativas não deixam de confirmar a criação de um cenário de exploração e degradação do trabalho.

Cabe destacar a influência do Taylorismo sobre o fordismo, a partir dos escritos de Frederick Taylor sobre a “organização científica do trabalho”. Tão logo, o que havia de diferente e de,

[...] especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista (HARVEY, 2008, p. 121).

Vê-se claramente que os princípios de produção de Ford extrapolam a esfera da produção nas fábricas, perfazendo também a esfera cotidiana, mais especificamente a do consumo, a partir da imposição de padrões de consumo, inserido na sociedade uma nova regulação dos modos de vida pautada no consumo.

Dessa forma, os mesmos trabalhadores responsáveis por produzir determinada mercadoria eram os responsáveis por consumi-la. Ao mesmo tempo em que se tinha a padronização do consumo para a massa proletária, se constata a emergência de um novo tipo de racionalização dos modos de vida. Há, de acordo com Gramsci, segundo salienta Harvey (2008, p. 121), a emergência de “[...] um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem”.

É importante apontar alguns desdobramentos principais ocasionados pelo sistema de produção fordista. Gounet (1999) nos informa que foram cinco as principais transformações.

Primeiro, o autor aponta que Ford acreditava num sistema de produção em massa e, para tanto, era necessário racionalizar a produção e combater os desperdícios. Um fator chave que emerge é o tempo de produção, pois quanto mais curto este for, mais se reduz os custos de produção e conseqüentemente o valor final do produto, por exemplo, a produção de automóveis.

Segundo, cita-se o chamado parcelamento das tarefas. Agora cabe ao operário realizar apenas um número limitado de gestos, sempre similares. O operário não precisa mais saber realizar todo o processo de produção, no caso específico de Ford, a produção de automóveis). Há, ao mesmo tempo, uma certa “especialização” e desqualificação do trabalhador.

Em terceiro lugar podemos apontar a invenção da linha ou linha de montagem. Este mecanismo é responsável por ligar etapas da produção e por estabilizar o ritmo de produção imposto ao trabalho que executa as atividades/funções repetitivas conforme o ritmo da linha de produção. Permite, dentre outros aspectos, uma produção fluida.

Em quarto lugar, ressalta-se a ideia de Ford da padronização das peças utilizadas na produção. Assim, criam-se modelos para um mesmo elemento ou peça. O que acontece é que para que isso ocorra é necessário que Ford compre as firmas fabricantes das peças. Conseqüentemente há uma verticalização da produção.

Por último, vê-se que esses processos são necessários e levam à automatização do processo produtivo (em escala moderada, é claro, haja vista o desenvolvimento técnico-científico da época). Do ponto de vista da produção, os resultados são impressionantes, pois, por meio do processo de racionalização da produção, diminui-se consideravelmente o tempo de produção, como informa Gounet:

Os resultados dessas transformações são, no mínimo, prodigiosos. A antiga organização da produção precisava de 12:30 horas para montar um veículo. Com o taylorismo, ou seja, apenas com o parcelamento das tarefas, a racionalização das operações sucessivas e a estandarização dos componentes, o tempo cai para 5:50 horas. Em seguida, graças ao treinamento, para 2:38 horas. Em janeiro de 1914, Ford introduz as primeiras linhas automatizadas. O veículo é produzido em 1:30 hora, ou seja, pouco mais de oito vezes mais rápido que no esquema artesanal usado pelos concorrentes (1999, p.19).

A partir dos argumentos apresentados acerca do Fordismo, nota-se, em relação ao trabalho que este,

[...] tem como premissa a especialização desqualificada, pela qual o trabalhador especializa-se em doutrinar seus movimentos corporais para realizar uma única tarefa, cujo ritmo é dado pela linha de montagem que leva o trabalho até ele. O princípio norteador desse sistema é a separação entre engenharia (conhecimento), controle (método rigoroso de observação), produção qualificada e padronizada pela máquina e execução desqualificada na linha de montagem (ANTONELLO, 2013, p. 102-103).

Têm-se, durante algumas décadas, o sistema fordista como sendo o padrão a ser seguido no que se refere à produção industrial e consumo de massa, até que na década de 1960 esse modelo passa a entrar em crise. Inicia-se a partir de então (década de 1970), a chamada reestruturação produtiva do capital, responsável pela consolidação do trabalho em moldes “flexíveis”.

Para Harvey (2008) a grande questão relativa à decadência do fordismo é a sua rigidez. Rigidez no sentido de dificuldade de adaptação às condições e contradições postas pelo sistema capitalista. Havia então:

[...] problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho (especialmente no chamado setor “monopolista”). E toda tentativa de superar esses problemas de rigidez encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora - o que explica as ondas de greve e os problemas trabalhistas do período 1968-1972 (HARVEY, 2008, p. 135).

A partir da década de 1970, ao apresentar sinais de declínio, podemos dizer que há uma crise do padrão de acumulação fordista. Essa crise gera uma consequente reestruturação. O capitalismo, assim, se baseou em uma nova forma de reestruturação do capital, na busca de manter a sua hegemonia para reprodução de sua forma de acumulação. Antunes (1999) elucida que:

[...] o quadro crítico, a partir dos anos 70, expresso de modo contingente como crise do padrão de acumulação taylorista/fordista, já era expressão de uma crise estrutural do capital que se estendeu até os dias atuais e fez com que, entre tantas outras conseqüências, o capital implementasse um vastíssimo processo de reestruturação, visando recuperar do seu ciclo reprodutivo e, ao mesmo tempo, repor seu projeto de dominação societal, abalado pela confrontação e conflitualidade do trabalho, que [...] questionaram alguns dos pilares da sociabilidade do capital e de seus mecanismos de controle social (ANTUNES, 1999, p. 47).

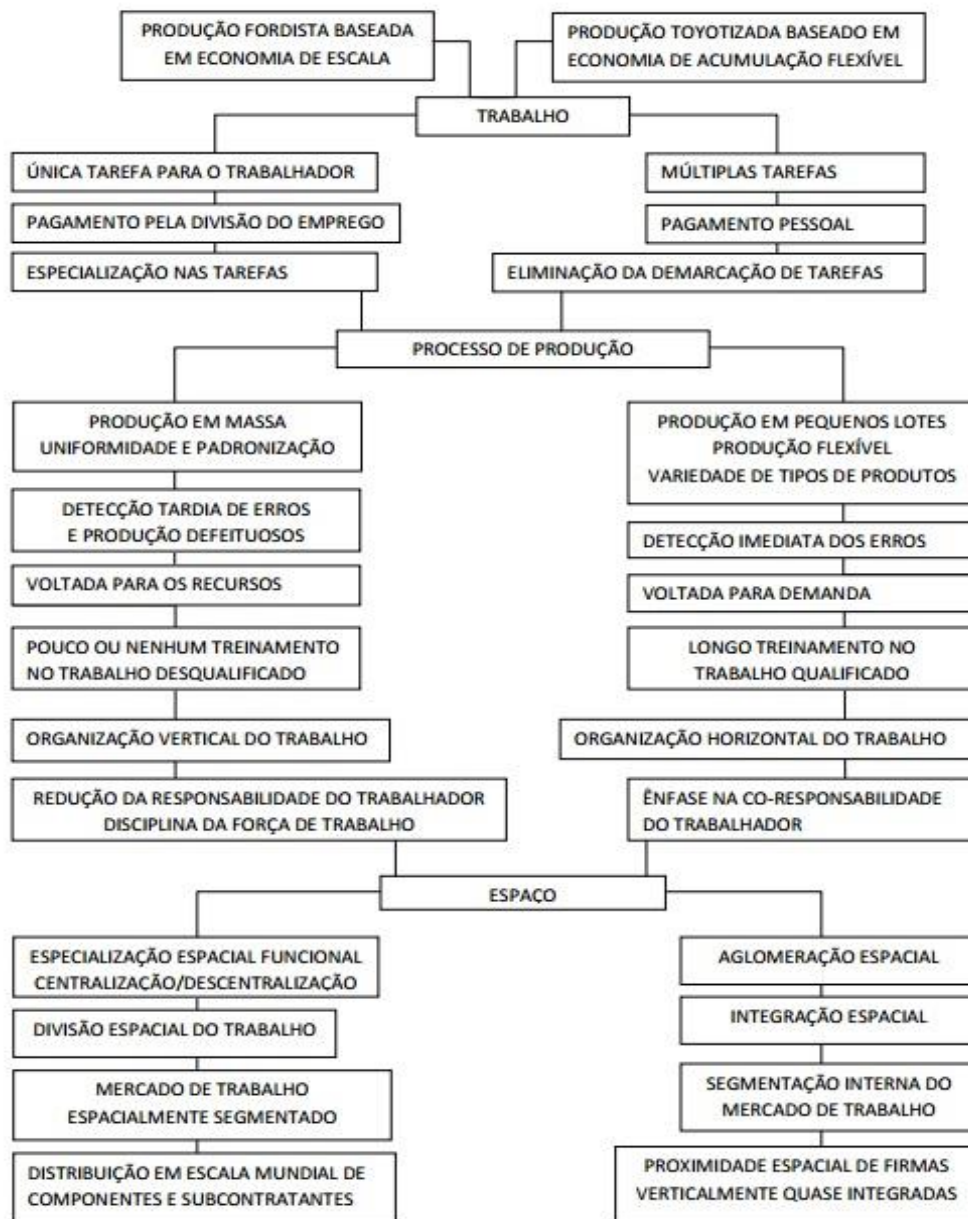
Desde então, há uma consolidação das mudanças impostas pela reestruturação produtiva do capital. Harvey (2008) chama a esse novo padrão de reestruturação/organização do capital e consequentemente do trabalho de “acumulação flexível”. Assim, somam-se fatores que caracterizarão esse novo período: A deficiência nos padrões de acumulação fordistas face aos novos avanços tecnológicos; Novas bases organizativas do trabalho em decorrência da

reestruturação produtiva; Ensejados pelo contexto da globalização, emerge, no mundo do trabalho, um panorama de automatização e uma maior generalização da informação. Nesse sentido,

A acumulação flexível [...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças nos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (HARVEY, 2008, p. 140).

Na Figura 1 é possível observar as principais diferenças e contraposições no que tange o fordismo e o toyotismo.

Figura 1 – Contraposição Fordismo-Toyotismo



Fonte: ANTONELLO (2013, p. 105).

Observa-se, a partir da figura anterior e considerando-se os elementos trabalho e processo de produção espaço, as diferenças no que tange o fordismo e o toyotismo. De maneira geral, nota-se que o trabalhador, no processo de produção toyotizado, necessita possuir maior versatilidade, executando variadas funções. Além disso, a produção passa a ser voltada para a demanda, em pequenos lotes e ocorre a proximidade espacial de firmas, através da aglomeração e da integração espacial.

Thomaz Junior (2006) nos informa que, dentro do contexto da reestruturação produtiva do capital, o capital se propõe, dentre outras ações: a) Deteriorar e precarizar as condições de trabalho; b) Intensificar as jornadas de trabalho; c) Ampliar os horizontes da mão-de-obra infantil; d) Desempregar assalariados; e) Fragilizar relações de trabalho formais; f) Intensificar as práticas da terceirização e das cooperativas de trabalho; g) Rebaixar salários.

Considerando-se o padrão de racionalidade capitalista, que não leva em conta as condições objetivas e subjetivas do ser humano, como apontado anteriormente, há, a partir da reestruturação produtiva do capital, uma série de impactos para a classe que vive do trabalho. Instaura-se um “cenário de barbárie”, havendo impacto não só nas condições e relações de trabalho, como também nas condições de saúde do trabalhador².

A partir de então têm-se novas formas de acumulação de capital e, como resultado, um novo padrão de organização na esfera do trabalho. Esse novo padrão foi denominado de Toyotismo. O toyotismo inicia-se entre as décadas de 1950 e 1970. Surgiu pela necessidade de competitividade da indústria japonesa frente à norte-americana. Desse modo, o toyotismo aparece, à priori, como um modelo de produção baseado no fordismo, mas, adaptado à realidade japonesa.

A partir da década de 1970 o modelo japonês teve grande visibilidade nos países ocidentais, pois se apresentava como uma possibilidade de superação da crise do capitalismo a partir da ineficiência dos padrões de acumulação, em voga até então. É claro que, assim como o toyotismo foi adaptado à realidade japonesa, o mesmo deveria, para sua adaptação no ocidente, ser inserido de acordo com as particularidades encontradas em cada país. A respeito disso,

O sistema industrial japonês, a partir dos anos 70, teve grande impacto no mundo ocidental, quando se mostrou para os países avançados como uma opção possível para a sustentação capitalista da crise. Naturalmente, a “transferibilidade” do toyotismo carecia, para sua implantação no Ocidente, das inevitáveis adaptações às singularidades e particularidades de cada país. Seu desenho organizacional, seu avanço tecnológico, sua capacidade de extração intensificada do trabalho, bem como a combinação de trabalho em equipe, os mecanismos de envolvimento, o controle sindical, eram vistos pelos capitais do Ocidente como uma via possível de superação de sua crise de acumulação (ANTUNES, 2002, p. 30).

² A respeito dos impactos do trabalho degradado na saúde do trabalhador, gerados pela reestruturação produtiva do capital no contexto capitalista, ver Heck (2013).

Antunes (2002, p. 30) nos informa que foi a partir desse contexto que se presenciou, para o ocidente a expansão da “[...] via japonesa de consolidação do capitalismo industrial”. Então, esse novo sistema de organização da produção ganha força, sendo visto que o modelo de produção toyotista não apresentava apenas “peculiaridades culturais” (SAYER, 1986), mas características de demasiada importância, como a possibilidade de produzir modelos diferentes na mesma linha.

No que tange o toyotismo, o mesmo caracteriza-se pela flexibilização do trabalho e da mão de obra. Bem como, pelo chamado “Just in time” ou Kanban, o qual deduz a produção na quantia exata, sendo esta regida conforme a demanda, pela automação e racionalização de recursos; pelo “trabalho em equipe” (team); programa de gerenciamento pela qualidade total e pela terceirização.

Observa-se, no toyotismo, um outro perfil do trabalhador, caracterizado pela diversidade de atividades, exercendo variadas funções. Há, nesse sistema produtivo, a prática da chamada “pluriespecialização”, no qual o trabalhador deve ser “polivalente”, “multifuncional”, “participativo”. Assim,

No caso a forma organizativa do trabalho toyotizada tem como princípio técnico a diversidade das atividades, isto é, a imposição ao trabalhador de desenvolver a capacidade de ser “polivalente”, pois defende, ao invés da desespecialização, a pluriespecialização dos operadores, os quais são chamados a sentirem-se parte da empresa, co-responsáveis pelo o resultado da produção, cristalizando-se o reverso do mecanismo ideológico fordista (ANTONELLO, 2013, p. 103).

Percebe-se que a produção, a partir da emergência do toyotismo, torna-se mais dinâmica, mais complexa. Surgem como consequência desse novo padrão produtivo, uma série de desdobramentos negativos para o trabalhador. Cita-se, dentre outros

[...] maior exploração dos trabalhadores, por três meios principais. Antes de mais nada, intensifica o trabalho, sobrecarregando ao máximo cada operário. Ele deve ser mais rápido, deve reduzir todos os “tempos mortos” [...], deve cumprir novas tarefas, como o controle de qualidade ou a manutenção corrente das máquinas. Com o toyotismo, o trabalhador não tem mais um minuto para si. [...] o toyotismo reduz os salários e degrada a proteção social nas fábricas, apoiando-se na terceirização. [...] Finalmente, o toyotismo divide completamente os trabalhadores. Aloca-os em firmas menores. Assim, 10 mil operários podem participar na execução de um veículo, mas somente 2 mil são empregados de uma montadora. Os outros 8 mil não têm relação direta com ela (GOUNET, 1999, p. 8-9).

O sistema de produção toyotista se caracteriza por uma estrutura organizativa horizontalizada e mais integrada. Efeito disso é a chamada terceirização, delegando-se a terceiros a responsabilidade pela produção de determinado produto, havendo uma maior especialização por parte das fábricas. Além disso, ocorre a descentralização espacial das firmas/fábricas.

Há, a partir da organização espacial, a penetração dos efeitos da reestruturação produtiva do capital no espaço vivido do trabalhador. Com isso, há uma transcendência da esfera do trabalho e da produção para a esfera da reprodução da vida. Assim,

[...] o exercício do poder do capital se estende para todo o tecido social, impactando, portanto, não somente as relações específicas à atividade laborativa, mas todas as esferas do ser que trabalha, ultrapassando o momento da produção, ganhando a dimensão da reprodução da vida a subjetividade da classe trabalhadora, as formas de organização política (THOMAZ, JÚNIOR, 2004, p. 10).

O toyotismo, como visto, pauta-se em variados métodos para que haja uma maior produção. Acontece que, se comparado ao fordismo, percebe-se que a exploração do trabalho no toyotismo é intensificada, a partir dos métodos empregados na produção (Lean production, Team work, Qualidade total, dentre outros). Portanto, o toyotismo:

[...] trata-se de um processo de organização do trabalho cuja finalidade essencial, real, é a da intensificação das condições de exploração da força de trabalho, reduzindo ou eliminando em muito tanto o trabalho improdutivo, que não cria valor, ou suas formas assemelhadas, especialmente nas atividades de manutenção, acompanhamento, inspeção de qualidade, funções que passaram a ser diretamente incorporadas ao trabalhador produtivo. Reengenharia, lean production, team work, eliminação de postos de trabalho, aumento da produtividade, qualidade total, fazem parte do ideário (e da prática) cotidiana da "fábrica moderna" (ANTUNES, 1999, p. 54-55).

Outra característica refere-se à maior ou menor produtividade sob o regime toyotista. No auge do fordismo, as empresas mais produtivas e mais lucrativas eram aquelas que detinham mais funcionários. Na era da acumulação flexível destacam-se empresas que detêm um número reduzido de funcionários – as empresas “enxutas” – e com grandes índices de produtividade, os quais se tornaram possíveis

pela revolução tecnológica a partir da emergência do período técnico-científico-informacional³.

Antunes (2002, p.30) cita algumas repercussões dessas mutações que ocorrem de maneira imediata no mundo do trabalho, que são:

[...] desregulamentação enorme dos direitos do trabalho, que são eliminados cotidianamente em praticamente todas as partes do mundo onde há produção industrial e de serviços; aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; precarização e terceirização da força humana que trabalha; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil, de parceria, ou mesmo em um "sindicalismo de empresa".

Observa-se que há uma maior fragilização do contingente que vive do trabalho, considerando-o no sentido de classe. A fragilização faz parte do enfraquecimento, gerado pela fragmentação no interior da classe trabalhadora, por conseguinte, o enfraquecimento desta em relação às imposições impostas pelo empresariado.

Nesse sentido, Antunes (2005) trata das novas morfologias assumidas pelo trabalho, pós contexto de reestruturação produtiva do capital, ampliando o conceito de classe que *vive-do-trabalho*. De acordo com o autor,

[...] uma noção ampliada, abrangente e contemporânea de classe trabalhadora, hoje, a classe-que-vive-do-trabalho, deve incorporar também aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, como o enorme leque de trabalhadores precarizados, terceirizados, fabris e de serviços, part-time, que se caracterizam pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Deve incluir também o proletariado rural, os chamados bóias-frias das regiões agroindustriais, além, naturalmente, da totalidade dos trabalhadores desempregados que se constituem nesse monumental exército industrial de reserva (2005, p. 52).

O autor coloca que o caráter de precarização do trabalho continua, mas agora, não apenas considera-se como classe que *vive-do-trabalho* os empregados na indústria, mas todo o trabalhador, indo dos “[...] trabalhadores do telemarketing

³ Santos (2006, p. 159) nos informa que o período técnico científico-informacional é caracterizado, à priori, pela emergência de objetos técnicos que “[...] tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos técnicos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio-técnico-científico-informacional*”.

aos motoboys, dos jovens trabalhadores do McDonald's aos digitalizadores do setor bancário [...]” (ANTUNES, 2005, p. 143)

Nesse contexto, pode-se considerar os imigrantes haitianos como fazendo parte desse processo. À medida que o capital se internacionaliza, amplia-se também a mobilidade do capital e conseqüentemente do trabalho. Assim,

[...] como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho. Assim como o capital dispõe de seus organismos *internacionais*, a ação dos trabalhadores deve ser cada vez mais internacionalizada (ANTUNES, 2005, p. 81).

Os trabalhadores haitianos (e os do mundo todo) estão sujeitos à essa dinâmica. Como exército industrial de reserva e ao mesmo tempo, como classe que vive-do-trabalho, os imigrantes, trabalhadores sem fronteiras, buscam, no Brasil e em outros destinos, condições de sobrevivência. Nesse sentido questiona-se: Qual é a fronteira para a mobilidade da força de trabalho haitiana?

Acredita-se que a fronteira para a mobilidade da força de trabalho dos haitianos seja o limite imposto pelas forças estruturais do capital. Considerando-se a inexistência das fronteiras para a ação do capital, na mobilidade em busca do trabalho, os imigrantes haitianos encontram-se condicionados a essa dinâmica, estando presentes onde as forças produtivas e a necessidade por mão de obra encontram-se disponíveis (A exemplo da migração de haitianos, depois de dificuldades em território brasileiro, em direção ao Chile, por exemplo).

Então, pensando-se num contexto de expansão e financeirização do capital, há a busca por padrões cada vez maiores de acumulação. Para tanto, barreiras estruturais (que são poucas) devem ser rompidas para essa ação. De acordo com Harvey (2011, p. 61), “As reservas de trabalho existem em toda parte e há poucas barreiras geográficas ao acesso capitalista”.

Para Harvey (2011), para que haja a expansão e reprodução do capital, o chamado “exército industrial de reserva”, assim intitulado por Marx, deve atender à determinadas características. Então, essa população

[...] deve ser acessível, socializado e disciplinado, além de ter as qualidades necessárias (isto é, ser flexível, dócil, manipulável e qualificado quando preciso). Se essas condições não forem satisfeitas, então o capital enfrenta um sério obstáculo à acumulação contínua (HARVEY, 2011, p. 55).

Harvey (2011) também trata da relação capital-estado, mostrando como o estado atua no sentido de garantir as condições necessárias para a expansão do capital, rompendo as barreiras estruturais, oferecendo e capacitando (somente o necessário) mão de obra. Também, as condições da imigração ou o tipo da oferta de trabalho têm a ver com essa relação, como explicita Harvey:

[...] a inevitável segmentação geográfica dos mercados de trabalho significa que as questões da oferta de trabalho se resumem numa série de problemas locais integrados nas estratégias regionais e estaduais, mitigada pelos movimentos migratórios (do capital e do trabalho). O Estado se envolve, *inter alia*, quando se trata de imigração e leis trabalhistas (salário mínimo, jornada de trabalho e regulação das condições de trabalho), fornecimento de infraestruturas sociais (como educação, formação e saúde) que afetam a qualidade da oferta do trabalho e políticas destinadas a manter o exército de reserva (a provisão de bem-estar social) (HARVEY, 2011, p. 56).

No que se refere ao Brasil, o processo de reestruturação produtiva passa a ter seus primeiros impactos a partir da década de 1980, na qual:

[...] se manifestaram os primeiros impulsos do processo de reestruturação produtiva, mas é a partir do início da década seguinte que atingiu nova amplitude e profundidade, momento em que as inovações técnicas e organizacionais assumem um caráter mais sistêmico em todo o circuito produtivo dos diversos setores econômicos. No entanto, guardando traço de semelhança em relação à busca da competitividade do capital e a adoção de novos padrões organizacionais e tecnológicos compatíveis (THOMAZ JUNIOR, 2002, p. 7).

Sobre o processo de reestruturação produtiva no Brasil, Alves (2000) coloca três principais fatores determinantes, sendo o primeiro advindo da crise do capitalismo industrial, acentuando a dívida externa brasileira. O segundo é a ascensão do “novo sindicalismo”, como sendo uma forma de resistência às novas formas de dominação, advindas da modernização da base técnica, dentro do espaço de produção. O terceiro é a adoção de “[...] novos padrões organizacionais-tecnológicos, inspirados no toyotismo, o ‘momento predominante’ do complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital” (ALVES, 2000, p. 121).

Alves também nos informa que, no que tange o controle organizacional do trabalho, surge no Brasil, nos anos 1980, os Círculos de Controle de Qualidade (CQC’S) e o sistema de produção *Just-in-time*, ou *Kanban*. Há com isso, a mudança nos padrões organizacionais, mas sem alterar as relações hierárquicas e desiguais

no processo produtivo. Alves (2000, p. 124-125) elucida que o processo de reestruturação produtiva no Brasil,

[...] possui um sentido de nova ofensiva do capital na produção, tendo em vista que as inovações organizacionais (e tecnológicas) que surgiram no campo da produção industrial no Brasil permitiram dar, para o capital, uma estratégia não apenas às novas determinações da economia política mundial – o incremento da competitividade e produtividade -, mas, principalmente, às novas determinações da política de classe, apresentando a necessidade de uma nova hegemonia do capital na produção, adequada às novas condições da Terceira Revolução Industrial.

Posteriormente, nos anos 1990, há uma nova ofensiva do capital sobre o trabalho, a partir de moldes neoliberais. Alves (2000, p. 247) informa que surge o desemprego estrutural e a precariedade do emprego e dos salários, a partir de uma maior fragilidade na legislação trabalhista. Surge, então, um novo e precário mundo do trabalho no Brasil, defendido pelo autor.

Ao debruçarmo-nos acerca dos desdobramentos do fordismo e do toyotismo, observamos impactos negativos no que se refere ao bem-estar e à qualidade nas condições de trabalho. Daí surge um panorama de dominação, degradação, subordinação e precarização no mundo do trabalho.

Nesse contexto que a presente investigação de mestrado, levantando a problemática dos migrantes haitianos, ao se inserir na linha de produção dos frigoríficos, investiga se estarão os haitianos sujeitos a essas condições de precarização impostas no mundo do trabalho, cabendo, posteriormente, investigar as condições de trabalho e sobrevivência dos haitianos em Cascavel.

2.3 CASCAVEL: HISTÓRIA E ECONOMIA

Pretende-se, a seguir, caracterizar, a partir de dados estatísticos e informações de jornais e revistas, o mundo do trabalho em Cascavel. É necessário apresentar essas informações a fim de se traçar um perfil das atividades econômicas predominantes no município, bem como mostrar as atividades que apresentam índices negativos.

Caracterizar os aspectos econômicos do município de Cascavel se faz de grande valia, pois contribui para apreender as características do mundo do trabalho a qual os haitianos estão submetidos em Cascavel.

Para tanto, será feita inicialmente uma breve caracterização do histórico do município de Cascavel e posteriormente a descrição das características sócio laborativas.

2.3.1 Histórico de Formação do Município de Cascavel/PR

Abordar o histórico do município de Cascavel implica necessariamente lembrar dos ciclos econômicos pelos quais a localidade do oeste do Paraná passou. Tropeirismo, Erva-mate, Madeira e Soja constituem esses ciclos.

Cascavel inicialmente constituía-se como rota de passagem de tropeiros (por volta de 1730). Não havia institucionalização do nome do município ou povoado consolidado. Na época, a área servia como ponto de acampamento para os tropeiros. Sperança e Sperança (1980) ao tratar da história do município de Cascavel conta que é no período que compreende o tropeirismo, que o nome “Cascavel” surge, na seguinte situação:

Acampados à beira de um pequeno ribeirão de águas límpidas os homens da tropa surpreendem-se à noite com insistente chocalhar de guizos, indicando a presença de cobras cascavéis aninhadas nas proximidades, inquietando os cavalos e alarmando os viajantes. Um deles acaba por matar um ofídio de proporções imensas (SPERANÇA; SPERANÇA, 1980, p. 12).

Desde então, popularmente a localidade passa a se chamar Cascavel ou ainda de “Rio das Cascavéis” ou “Rio Cascavel”. Desse modo, passa a constar no mapa de rotas de tropeiros e posteriormente no das companhias ervateiras.

É a partir do ciclo da erva-mate que Cascavel passa a ser um povoado e atrair cada vez mais pessoas. Na década de 1930 começam a ocupar a localidade colonos, caboclos e descendentes de imigrantes eslavos. Com isso, surgem diversas rotas de passagem da erva-mate nos arredores de Cascavel, consolidando o estabelecimento do povoado. Desse modo:

O povoamento do Município teve início em 1930 quando José Silvério de Oliveira, acompanhado de parentes, fixou residência na localidade. A facilidade de aquisição de terras levou o precursor a atrair mais habitantes para o sertão, desenvolvendo-se o povoado, às margens da estrada que liga Guarapuava à Foz do Iguaçu (IBGE Cidades, s.d).

A erva-mate serviu como base da economia paranaense nessa época. Era predominante no Oeste do Paraná em decorrência da baixa densidade populacional,

mas aos poucos sofre sinais de estagnação. A erva-mate “[...] prossegue em primeiro lugar na lista das exportações até 1930, quando os ciclos paralelos da madeira e do café irresistivelmente dominam o Paraná [...]” (SPERANÇA; SPERANÇA, 1980, p. 26)

Esgotado o ciclo da erva-mate na década de 1930, Cascavel passa a ser palco de uma nova dinâmica econômica e populacional. Houve a atração de colonos italianos, alemães e poloneses que anteriormente estavam estabelecidos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. A atração deve-se à possibilidade do corte da madeira na região oeste do Paraná, notadamente do Pinho.

Configura-se, a partir daí, o grande fluxo migratório que caracteriza Cascavel e a região Oeste do Paraná, a partir do estabelecimento de migrantes advindos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. De acordo com Sperança e Sperança (1980, p. 119)

Os colonos catarinenses e gaúchos que se dirigem às terras do Paraná para cortar a madeira logo organizam na atual área do Município de Cascavel culturas de subsistência, plantando milho, feijão e trigo, além de criar grande quantidade de suínos, na origem do que será um dos maiores rebanhos do País. O êxodo de colonos sulistas rumo ao Paraná tem início a partir de 1920 [...].

Com isso, na década de 1940, instalam-se em Cascavel as primeiras madeireiras, atraídas pelo grande potencial que a localidade apresentava. A partir da exploração da madeira, Cascavel passa a ter uma expansão de suas malhas urbanas e viárias e começa a ter o status de pólo econômico regional do Oeste do Paraná.

Ao mesmo tempo em que proporcionou, até o momento, a maior pujança econômica de Cascavel, o ciclo madeireiro foi responsável por devastar grandes áreas, comprometendo o bioma local. Em poucos anos há um esgotamento desse bem na no município e na região Oeste, configurando o declínio do ciclo madeireiro. Conforme Sperança:

O ciclo da madeira, que exibiu grande vigor ao longo de toda a década de 60, passava a dar sinais de esgotamento. Esse declínio, entretanto, apresentava-se compatível com o célebre impulso recebido pela agricultura, que em 1970 encontraria um necessário divisor de águas (2011, p. 234).

Tendo em vista o crescimento populacional começam a ser ofertados em Cascavel serviços essenciais à população, tais como: segurança pública, saúde, educação, dentre outros. A necessidade de oferta advém do crescimento

populacional desencadeado pela madeira e da autonomia incipiente de Cascavel em relação à Foz do Iguaçu, pelo fato de ser distrito administrativo de Foz do Iguaçu.

Cascavel desmembra-se oficialmente de Foz do Iguaçu em 14 de dezembro de 1952. Sperança e Sperança (1980) defendem que é o ciclo madeireiro, conferindo crescimento e autonomia a Cascavel, o responsável pelo desmembramento e criação do município.

É na década de 1970 que Cascavel (bem como vários outros municípios do Paraná) passa por sua maior transformação e passa a se consolidar como um dos mais importantes municípios do estado do Paraná. Surge aí o ciclo econômico da agricultura, representado principalmente pela produção de soja e milho.

O surgimento desse ciclo deve-se, em partes, ao anterior. Pode-se dizer que o ciclo madeireiro “abriu caminhos” para a agricultura, a partir da derrubada de árvores e limpeza das áreas para cultivos. Pois,

Os colonos catarinenses e gaúchos que se dirigem às terras do Paraná para cortar a madeira logo organizam na atual área do Município de Cascavel culturas de subsistência, plantando milho, feijão e trigo, além de criar grande quantidade de suínos, na origem do que será um dos maiores rebanhos do País (SPERANÇA; SPERANÇA, 1980, p. 119).

Portanto, passa-se de uma produção agrícola policultura para uma agricultura monocultora, a qual surge em Cascavel dentro do contexto da Revolução Verde e da Modernização da Agricultura brasileira (década de 1970). A terra roxa, associada ao relevo com poucas irregularidades, facilitavam a mecanização e o incremento de técnicas agrícolas modernas, ao mesmo tempo em que se constituíam no município bancos de crédito rural, cooperativas, empresas atuantes no ramo de insumos, máquinas, assistência técnica, dentre outras.

Esse cenário coloca Cascavel como parte do Complexo Agroindustrial (CAI), que, de acordo com Müller (1989) envolve o a geração de produtos agrícolas por meio de seu beneficiamento e transformação, como também a produção de bens industriais para a agricultura e os serviços financeiros, técnicos e comerciais. Então, configura-se como uma cadeia produtiva, extrapolando os limites do rural, havendo uma maior proximidade e similaridade entre as atividades agrícolas e industriais.

Logo, a agricultura sob a perspectiva moderna trouxe, além da modernização da base técnica, uma série de implicações para o município. Cita-se: o êxodo rural, responsável por grande incremento na população urbana; intensificação dos

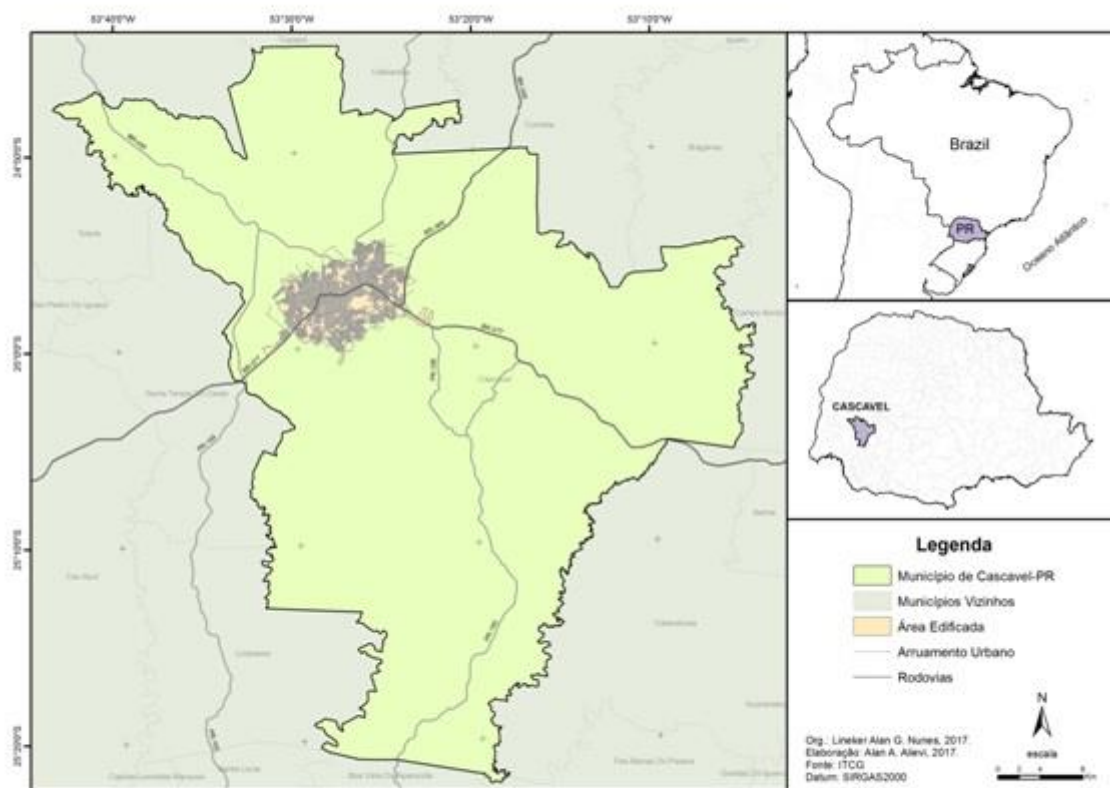
conflitos por terra, a partir do aumento da concentração fundiária e o surgimento de problemas urbanos.

2.3.2 Características do Mundo do Trabalho em Cascavel/PR

O município de Cascavel localiza-se na Mesoregião Oeste do Paraná (Figura 2). Constitui-se num dos principais municípios da região, pólo de desenvolvimento, sendo chamado localmente de a “capital do oeste” devido à sua localização estratégica, sendo um importante corredor viário.

De acordo com o censo demográfico do IBGE de 2010, Cascavel possuía uma população de 286.205 habitantes, atingindo uma população estimada de 316.226 habitantes, em 2016 (IBGE, 2017). Apresenta densidade demográfica de 136,23 hab/km² (IBGE, 2010).

Figura 2 – Localização do Município de Cascavel, no Paraná



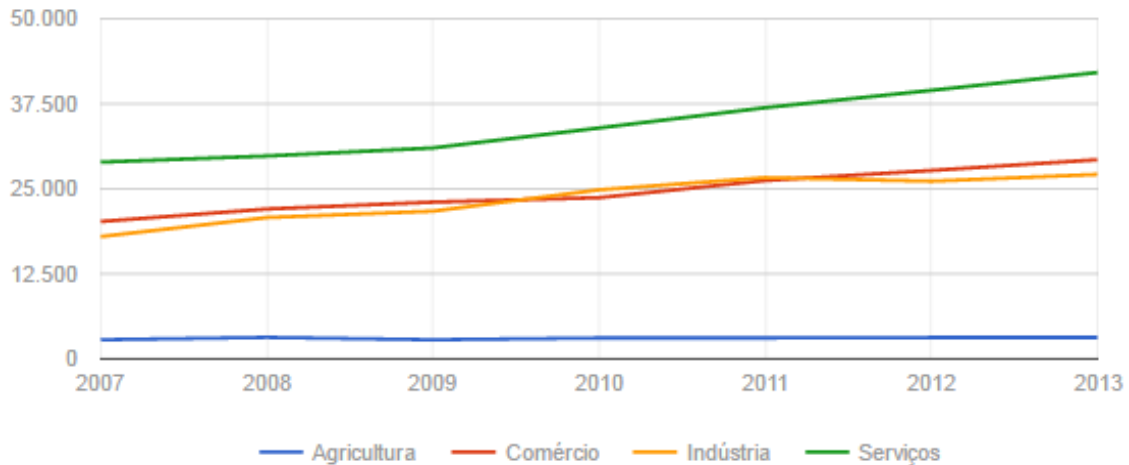
Fonte: Elaboração de Alievi (2017) e Organização de Nunes (2017).

No que se refere as informações estatísticas acerca do perfil do trabalho, o município de Cascavel possuía uma população economicamente ativa (PEA) de 161.365 pessoas, sendo sua população ocupada (PO) de 153.513 pessoas (IBGE, 2010).

O município destaca-se pelas atividades no ramo agroindustrial, a partir da produção de culturas para exportação (soja, milho e trigo, por exemplo), além de ser um grande produtor de aves e suínos, contando com dois frigoríficos principais: Cooperativa Agropecuária de Cascavel (Coopavel) e Globoaves. Anualmente é realizado o Show Rural Coopavel, evento que é considerado uma das maiores feiras agropecuárias do Brasil.

No que se refere aos setores da economia cascavelense, o setor que merece destaque é o de serviços (Gráfico 1). Em 2013, concentrava 42.106 pessoas ocupadas no setor, contra 29.282 pessoas no comércio, 27.119 pessoas na indústria e 3.193 pessoas na agricultura.

Gráfico 1 - Pessoas ocupadas por setor 2007-2013 em Cascavel/PR



Fonte: IBGE (2017)

Em 2014, por exemplo, Cascavel foi a segunda cidade do estado do Paraná a gerar novos empregos (4.175), cabendo destaque ao setor de serviços, com 2.134 postos. Na liderança, ficou o município de Curitiba com 7.106 postos (GAZETA DO POVO, 2015). Nesse sentido, a tabela 1 apresenta o saldo de empregos formais em Cascavel no período de 2010 a 2016.

Tabela 1 – Emprego Formal em Cascavel/PR

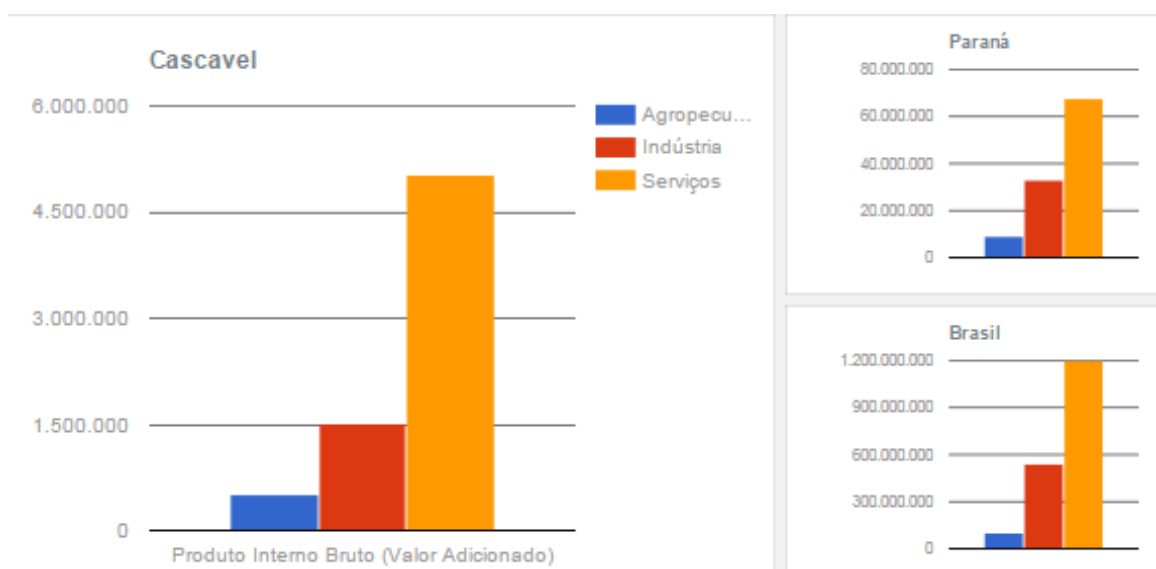
2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
6.289	5.332	3.124	3.447	4.140	-1.629	-3.350

Fonte: CAGED/MTE, 2017.

Mesmo tendo balanço positivo em 2014, Cascavel apresentou nos anos anteriores índices mais expressivos, como em 2010 (6.289 novos empregos) e em 2011 (5.332 novos empregos). A partir de 2015, observa-se que o saldo da geração de empregos no município de Cascavel passa a ser negativo, sendo extintos 1.629 postos em 2015 e 3.350 postos em 2016.

É necessário considerar que os haitianos residentes no município possam ser, talvez, os primeiros a sentir os números negativos no que tange os postos de trabalho no município, ou seja, estão mais suscetíveis ao desemprego e ao trabalho informal.

O setor de serviços, sendo a atividade responsável pelo maior número de empregos em Cascavel (Gráfico 2), conseqüentemente é incumbido pela maior parte do PIB municipal, seguido pela indústria e pelo setor agropecuário. Observa-se que essa tendência não ocorre somente a nível local, sendo comum ao estado do Paraná e ao Brasil.

Gráfico 2 – Produto interno bruto municipal – Cascavel (2013)

Fonte: IBGE, 2017.

Em números, no município de Cascavel, o setor de serviços apresenta um valor adicionado de R\$ 5.024.859, sendo R\$ 1.520.197 da indústria e R\$ 509.522 da agropecuária, mostrando a existência de uma vasta gama de atividades do setor de serviços em detrimento das atividades da indústria e da agropecuária.

Já no que tange o emprego formal em Cascavel (novos empregos), gerados pelas diferentes atividades produtivas, elencou-se quatro variáveis principais: Indústria, construção civil, comércio e serviços (tabela 2).

Tabela 2 – Emprego Formal por atividade produtiva em Cascavel/PR – Saldo (2010-2016)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Indústria	2.315	651	-119	1.088	610	-1.008	-476
Construção Civil	315	453	564	-584	659	-419	-275
Comércio	2.107	1.722	1.368	1.005	245	-473	-672
Serviços	1.610	2.306	1.309	1.702	2.068	201	-1.132

Fonte: CAGED/MTE. A partir de dados do IPARDES, 2017b.

Percebe-se que em cada ano, determinada atividade torna-se predominante, não havendo necessariamente um padrão. Em 2010, por exemplo, a indústria gerou 2.315 postos de emprego, seguida pelo comércio (2.107), serviços (1.610) e construção civil (315).

Em 2012 (ano de chegada dos primeiros haitianos ao município de Cascavel), há destaque para o comércio (1.368) e serviços (1.309), seguidos pela construção civil (564) e com déficit da indústria (-119).

É importante destacar os déficits apresentados por todos os setores a partir de 2015 e sendo repetidos em 2016, havendo retração de geração de empregos. Estimando-se que a maioria dos haitianos que vivem em Cascavel buscam emprego na indústria e na construção civil, presume-se ainda mais dificuldades em relação à manutenção do emprego ou a entrada no mercado de trabalho.

No que concerne ao montante de empregos em Cascavel (tabela 3) no período 2010-2014 há um constante crescimento, havendo decréscimo a partir de 2015. Há então em 2014 103.769 postos de trabalhos ocupados, contra 102.510 em 2015.

Tabela 3 – Empregos em Cascavel/PR 2010-2015 (Total)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Empregos (Total)	87.146	92.436	94.767	100.229	103.769	102.510

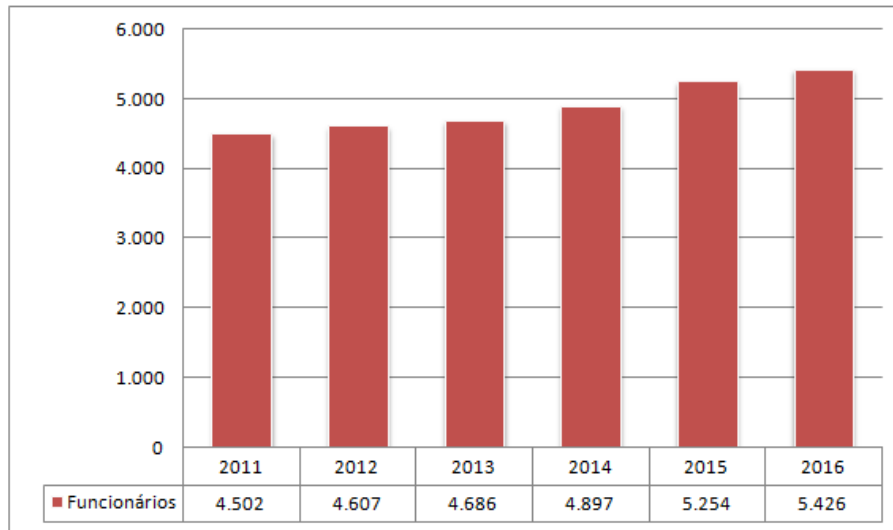
Fonte: RAIS/MTE. A partir de dados do IPARDES, 2017b.

Os dados apresentados, até o momento convergem no sentido de mostrar retração nos postos de trabalho em Cascavel. Pode-se dizer que o declínio dos números se deve à crise econômica vivenciada pelo Brasil, que começou a mostrar seus efeitos de maneira mais contundente a partir de 2015.

No que se refere ao trabalho no ramo agroindustrial, mais especificamente no setor frigorífico, em Cascavel, duas empresas representativas e que absorvem grande mão de obra local: A Cooperativa Agroindustrial de Cascavel (Coopavel) e o frigorífico Globoaves. Nesse sentido, realizar-se-á uma breve caracterização das mesmas, tendo em vista que, no mundo do trabalho, são locais onde os imigrantes se inserem e buscam sua sobrevivência.

A Coopavel, que tem fundação em 1970 e início das atividades de abate de frangos em 1994 e de bovinos e suínos em 1998, constitui-se numa cooperativa do Oeste e Sudoeste do Estado, contando com “[...] 30 filiais na região Oeste e Sudoeste do Paraná, tem 4.751 associados, 5.426 colaboradores” (REVISTA COOPAVEL, 2017). Atua também na produção de sementes, fertilizantes, rações, trigo, esmagamento de soja, dentre outras.

A Coopavel emprega uma parcela considerável de trabalhadores no município de Cascavel, no que tange o setor industrial (Gráfico 3). Contava em 2016 com 5.426 funcionários, apresentando, desde 2011, um crescimento de quase mil novas contratações.

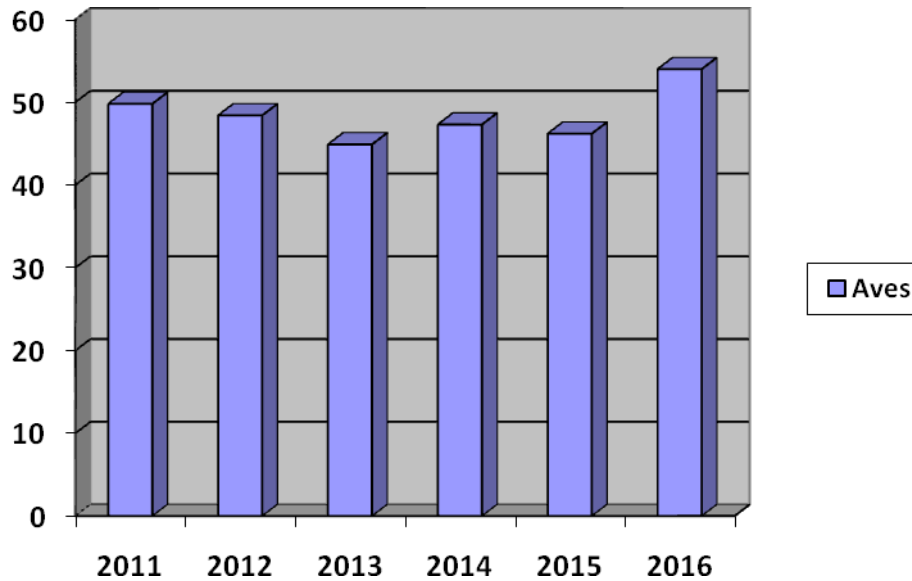
Gráfico 3 – Evolução do número de funcionários – Coopavel 2011-2016

Fonte: Relatório Anual Coopavel, 2016.

Ainda, conta com número expressivo no abate de aves e de suínos, tendo como foco, além do mercado interno, as exportações para o mercado externo. Com isso contou, em 2016, com um faturamento de R\$ 2,12 bilhões e lucro de R\$ 53,8 milhões. Desse modo:

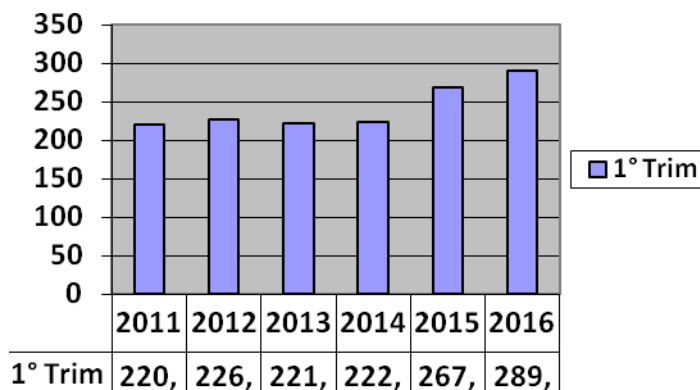
[...] as indústrias contribuem para 75% deste faturamento, com produtos comercializados em todo o país e no exterior, em países como Holanda, Alemanha, Espanha, Ilhas Canárias, Inglaterra, Uruguai, Chile, Aruba, África do Sul, Croácia, Iraque, Catar, Bahrein, Japão, China, Hong Kong, Emirados Árabes Unidos, Romênia, Macedônia entre outros (COOPAVEL, s.d).

Com isso, com a produção voltada para o mercado externo, têm-se a expansão no abate de aves (Gráfico 4). Em 2011, houve o abate de 49,8 milhões de aves, como também 48,4 milhões em 2012, 44,9 milhões em 2013, 47,3 milhões em 2014, 46,2 milhões em 2015 e 54 milhões de frangos abatidos em 2016.

Gráfico 4 – Coopavel: Abate de aves no frigorífico (milhões de aves abatidas)

Fonte: Relatório anual Coopavel, 2016.

Já no que tange o abate de suínos, a produção ocorre em menor grau, mas mesmo assim com vistas à exportação.

Gráfico 5 – Coopavel: Abate de suínos no frigorífico (mil suínos abatidos)

Fonte: Relatório anual Coopavel, 2016.

O déficit no número de empregos em Cascavel, apresentado a partir de 2015, mostra a forte dependência existente em relação a determinados segmentos da economia. Por exemplo, empresas que empregam uma quantia considerável de funcionários passaram por crises e consequentes cortes orçamentários e de mão-de-obra.

A Globoaves, fundada em 1985, constitui-se numa das empresas que tem participação na absorção da mão de obra haitiana do município de Cascavel. Atuante no mercado avícola, a empresa especializou-se na produção de pintos de um dia⁴, como também no abate de frangos, tendo sua produção voltada para o mercado externo.

Pensando-se nas questões econômicas, de corte orçamentários e de mão-de-obra, colocadas anteriormente, no município de Cascavel, a Globoaves se insere nesse contexto.

Assim, exemplo claro em Cascavel encontra-se no caso da Globoaves. Em junho de 2016 a empresa, que contava com três turnos de trabalho, anunciou a suspensão de um turno, compreendendo mais de mil trabalhadores. A empresa alegou que a suspensão foi desencadeada pela “[...] falta de milho no mercado interno, principal item da alimentação dos frangos. Sem o alimento, aves chegam a morrer e praticar o canibalismo” (CGN, 2016).

Como medida, foi aderida por parte da empresa, a participação no programa “Bolsa qualificação”⁵ do governo federal. Com isso,

[...] pelo menos 1.800 trabalhadores foram incluídos no programa “Bolsa Qualificação”. Isso significa que o governo federal arcará com o salário por 90 dias, enquanto os trabalhadores participam de cursos na empresa. Serão três módulos com 60 horas cada (CGN, 2016).

As atividades do frigorífico ficaram suspensas, colocando os trabalhadores em situação de fragilidade perante a realidade e implicações que se apresentaram. Houve a retomada somente em janeiro de 2017, após mais de 180 dias sem atividades. Então, foi firmada parceria com a Cooperativa Lar, de Medianeira/PR, onde, durante determinados dias da semana, as instalações da Globoaves são utilizadas para o abate de aves da Lar. A figura 3 mostra o cotidiano da linha de produção na Globoaves após a retomada das atividades.

⁴ Processo no qual os ovos são chocados de maneira artificial e mais rápida.

⁵ De acordo com o MTE – Ministério do Trabalho e Emprego (2016), o Bolsa Qualificação é um benefício do Governo Federal, onde os trabalhadores com contrato de trabalho suspenso por questões econômicas realiza curso (s) de qualificação profissional, oferecidos pelo empregador.

Figura 3 – Linha de produção de corte de aves da Globoaves (Janeiro de 2017)



Fonte: CGN, 2017.

A partir dos dados apresentados, percebe-se que a configuração dos setores da economia em Cascavel estrutura-se a partir da dinâmica do setor de serviços, mas com grande importância da indústria e da agricultura. A partir de 2015, a pujança e crescimento dos setores da economia é substituída por uma recessão, ocasionando a diminuição dos postos de trabalho e o desemprego.

Coloca-se que é importante considerar, a todo momento, a presença dos haitianos nas atividades econômicas e processos elencados, pois, atraídos pelas ofertas de trabalho em Cascavel, os imigrantes vivenciam um outro cenário, o que tende a fomentar e a aprofundar, como já discutido no primeiro capítulo, a subordinação, exploração e precarização do trabalho e do cotidiano dos haitianos no município.

3 DISCUSSÃO SOBRE MIGRAÇÕES, CONCEITOS E TIPOLOGIAS

A palavra “migrar” originalmente vêm do termo em latim “migrare”, que se refere à mudança, deslocamento, mover-se de um lugar para outro. Acontece que esses deslocamentos apresentam uma série de variáveis, podendo ser internos, externos, sazonais, de pequena ou longa duração. Isso faz com que a questão da migração seja unidimensional.

Estudar o campo das migrações constituiu-se, desde sempre, num grande desafio para as ciências sociais, inclusive para a Geografia. Compreender as causas, as dinâmicas gerais e as motivações individuais emergem como pistas para a compreensão da migração nos moldes contemporâneos.

Pode-se considerar que historicamente, a geografia tenha sido a ciência que mais se apropriou da temática das migrações, impulsionada pelo seu objeto de estudo: o espaço. Logo

[...] entre as várias disciplinas, aquela que lhe tem dado mais atenção tem sido, talvez, a geografia, dados os vínculos comuns com o espaço. O facto de muitos geógrafos utilizarem regularmente contributos teóricos provenientes de outras ciências sociais reflecte, talvez, a situação geral dos estudos sobre o tema (PEIXOTO, 2004, p. 3).

Apresentando-se de maneira interdisciplinar, o campo das migrações tem sido considerado “terra de ninguém” (PEIXOTO, 2004). É pertinente, a partir das colocações anteriores, levantar, conforme Matos (1993) o seguinte questionamento: Por que as pessoas migram? Pode-se dizer que,

[...] as respostas vêm de dois lados e apontam para suspeitos aparentemente incompatíveis: as decisões individuais racionais e as estruturas sociais coercitivas. No fundo, o que está em causa é determinar qual a unidade de análise: o indivíduo ou a sociedade, o migrante ou o processo migratório (MATOS, 1993, p. 2)

Também, transitar dentro dos estudos migratórios pode ser uma tarefa paradoxal, haja vista a amplitude do fenômeno, como também a dificuldade de conceituação e de apreensão de suas escalas de análise. Pensando-se nessas dificuldades, Salim (1992, p. 119) nos informa que:

[...] basicamente, a migração é qualificada em função do tipo de movimento ou deslocamento espacial que representa, podendo ser contínua, circular, intermitente, de retorno, por situação de domicílio, intra ou inter-regional etc. Como agravante, inexistente unanimidade no entendimento do que seja migração, migrante ou, simplesmente, mobilidade, e surgem ainda dificuldades para se delimitar o que seriam fluxos ou correntes migratórias – nomadismo, evasão populacional, movimentos sazonais, etc -; áreas de origem e destino – delimitação geográfica, o limite entre o rural e o urbano, áreas sócio-espaciais, etc -; migração e intervalos de tempo – mês, ano etc – e assim por diante.

Salim (1992) também coloca a dificuldade de concepção sobre o conceito de migração, sendo o mesmo um “gargalo”. Contudo, a falta de unidade conceitual dentro do campo das migrações não a torna inexplorável, mas sim, promove o estímulo e a busca, no campo científico, por esclarecimentos, impulsionando a produção acadêmica.

Buscando apreender os principais ramos teóricos do campo das migrações, ou o que chama de “truncos teóricos”, Salim (1992) elenca três principais: Modelos neoclássicos contemporâneos, perspectiva histórico-estrutural e mobilidade da força de trabalho. O autor assim apresenta:

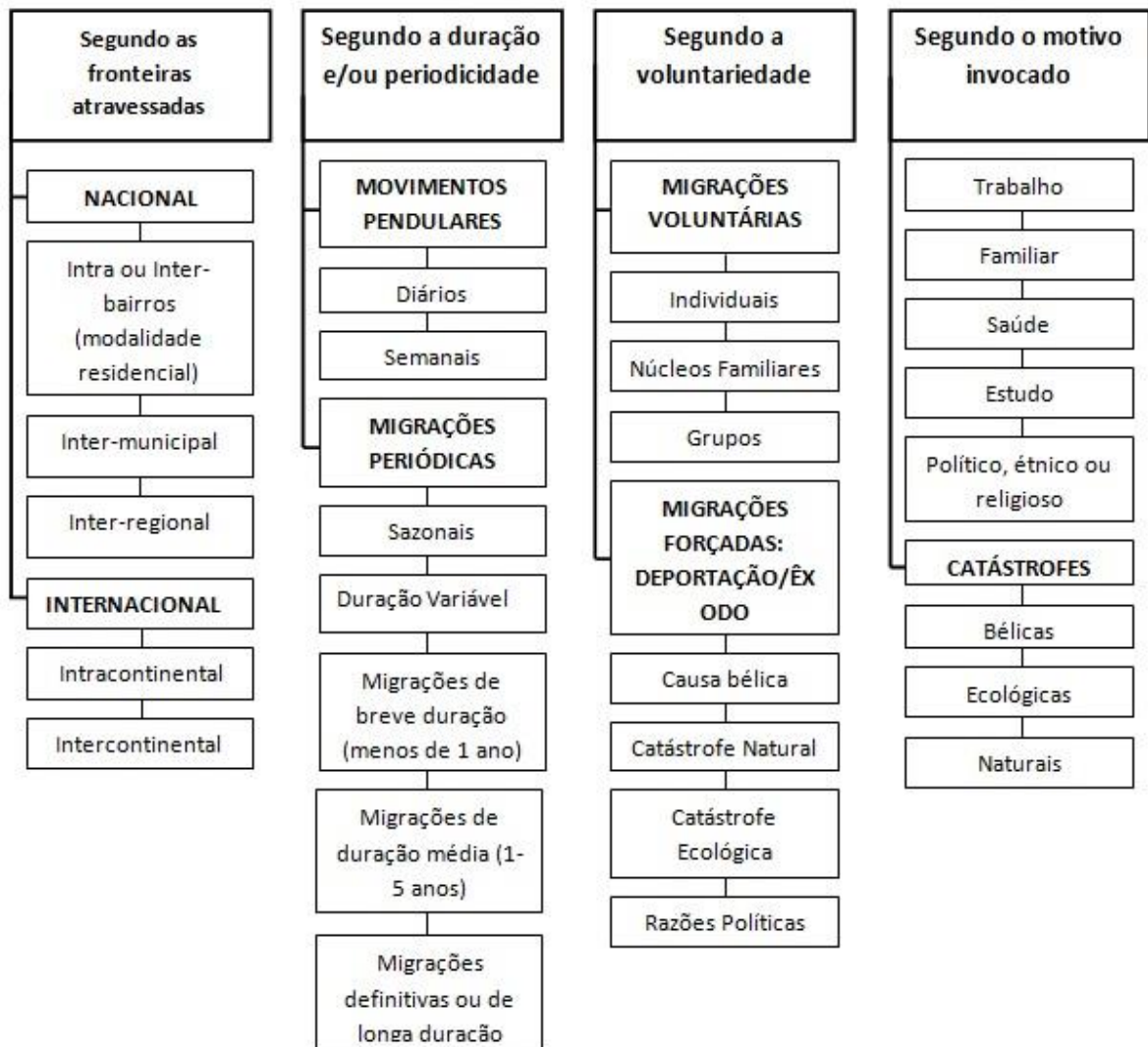
- modelos neoclássicos contemporâneos, que se preocupam com a economia do espaço e a gestão capitalista da mão-de-obra;
- perspectiva histórico-estrutural, vinculada à tradição dialética do marxismo e responsável por vasta produção crítica sobre a migração na América Latina;
- mobilidade da força de trabalho, cuja releitura dos economistas clássicos procuram “reinventar” a análise da migração no processo geral de acumulação capitalista (SALIM, 1992, p. 122).

Dentro disso, sustentamos que a migração haitiana em direção ao Brasil constitui-se como um processo social, motivado pela instabilidade política e econômica e, em segunda instância, agravada por fatores de ordem natural.

É necessário, nesse momento, elucidar a escala de análise a ser utilizada para determinado fenômeno migratório: as questões/motivações individuais ou as dinâmicas sociais. Vale lembrar que há, na maioria das vezes, uma mistura das duas motivações.

A nível de classificação, Matos (1993) elenca quatro tipologias referentes às migrações, que são: as fronteiras atravessadas, a duração e/ou periodicidade, a voluntariedade e o motivo invocado (Figura 4).

Figura 4 – Tipologia das migrações segundo Matos (1993)



Fonte: MATOS (1993).

Observa-se, a partir da figura anterior, segundo Matos, que as migrações podem enquadrar-se em variadas situações, podendo ser advindas tanto de motivações individuais quanto de questões sociais. No caso da migração haitiana em direção ao Brasil, os mesmos deslocam-se, na grande maioria das vezes, em decorrência do trabalho. Então, o trabalho urge como motivação primária.

Além disso, a catástrofe natural que atingiu o país em 2010, comprometendo suas estruturas sociais, coincidiu com a diáspora. Logo, colocar a migração haitiana no Brasil dentro da tipologia que versa sobre o motivo invocado (trabalho) e dentro de catástrofes naturais, apresenta-se de maneira coerente.

Têm-se aí o panorama da migração haitiana para o Brasil (e conseqüentemente para o município de Cascavel), engendrada a partir de uma

catástrofe de ordem natural e por seguinte social, ocorrida em uma nação e estimulada pela oferta de trabalho em empresas de outro país, mostrando que não existem limites territoriais quando se trata do trabalho.

Nesse sentido, sobre a força de trabalho migrante, pode-se dizer que:

(i) sendo jovem e saudável, o seu nível salarial de subsistência é inferior ao da mão-de-obra nativa; (ii) podendo manter uma distância social em relação ao emprego, está disposta a trabalhar sob más condições de segurança e de higiene; e (iii) dado não ter qualquer consciência de classe nem filiação sindical, é bastante fácil despedi-la em situações de recessão (MATOS, 1993, p. 10).

Já no que se refere ao migrante ou à força de trabalho exercida por ele, Gaudemar (1977) trata da mobilidade da força de trabalho e suas implicações num contexto capitalista. O autor coloca que a mobilidade da força de trabalho é uma característica do trabalhador “[...] submetido ao capital e por essa razão do modo de produção capitalista. Ela funda a condição de exercício da força de trabalho como mercadoria, distinguindo assim definitivamente o trabalhador livre do escravo [...]” (GAUDEMAR, 1977, p. 192)

Assim, considerando-se que a mobilidade da força de trabalho é, antes de tudo, condicionada à mobilidade do capital, atribui-se ao trabalhador “liberdade” para, de acordo com seus anseios e vontades, escolher onde trabalhar.

No que tange os aspectos positivos e negativos da liberdade da força de trabalho, Gaudemar (1977, p. 190) coloca que

No seu aspecto positivo, a liberdade conduz à possibilidade do trabalhador escolher o seu trabalho e o seu local onde exercê-lo; no seu aspecto negativo, ela conduz às exigências do capital e ao seu poder de despedir em qualquer altura um trabalhador, ou de transformar o seu trabalho assim como as condições em que ele o exerce. Em ambos os casos, a força de trabalho deve ser móvel, isto é, capaz de manter os locais preparados pelo capital, quer tenham sido escolhidos, quer impostos; móvel, quer dizer apta para as deslocações e modificações do seu emprego, no limite, tão indiferente ao conteúdo do seu emprego como o capital o é de onde investe, desde que o lucro extraído seja satisfatório.

A liberdade de escolher o local de trabalho e onde exercê-lo, sabe-se, não se apresenta na realidade como tal, mas limita o trabalhador a uma gama muito limitada de atividades e locais de trabalho. Observa-se que o limite da mobilidade da força de trabalho é também o limite colocado pelo capital para a expansão do trabalho. Há

que se ressaltar o fato de que a força de trabalho deve ser móvel, estando apta a deslocar-se.

Ao se referir ao sujeito dos processos migratórios (não somente à migração), que se encontra propenso à mobilidade do capital e do trabalho, Martins (1986) e Sayad (1998) nos trazem diversos elementos de fundamental importância para a compreensão do sujeito que migra.

Sayad (1998), tratando da migração de Argelinos para a França, traz uma importante indagação à tona: O que é um imigrante? Indo muito além das concepções clássicas que tratam o imigrante como alguém que “chega”, Sayad coloca que o imigrante é uma força de trabalho, geralmente temporária e em trânsito. A finalidade de ser imigrante carrega consigo o objetivo de ser um trabalhador. Conforme Sayad (1998, p. 54-55):

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão que lhe é reconhecida [...].

Para Sayad, “a razão de ser migrante” está no trabalho. Trabalho este que caracterizará o imigrante dentro dos espaços ao qual este estará inserido.

Questiona-se o por que ou os motivos que levam as populações à migração. Sayad (1998, p. 57) elucida que:

[...] só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i. e.. imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução.

O imigrante, por mais que o faça espontaneamente, busca a melhoria das condições de vida em outro local e, ora ou outra, almeja o retorno à sua terra de origem, por mais que não o consiga. Sem buscar entrar em análises subjetivas, concordamos com Sayad (1998) quando colocado que o migrante vê o ato migratório como algo passageiro.

Nesse sentido, Martins (1986), mesmo tratando das migrações temporárias no Brasil, nos traz elementos para a discussão acerca dos migrantes temporários ou da temporalidade da migração. O autor nos informa que, independente do tempo,

[...] o essencial é a concepção de *ausência*. É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo fora de casa, fora do lugar, *ausente*, mesmo quando, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente. É aquele que se considera fora do *seu* lugar, fora de suas relações sociais, e que, no limite, não se considera mesmo quando está (MARTINS, 1986, p. 49-50).

O elemento central para a definição, segundo Martins, é a ausência. Estando fora de seu lugar de origem e, não havendo sua adaptação ou a ideia do novo lugar, como sendo seu, o imigrante pode estar condicionado a ser, até o fim de sua vida, temporário. As condições sociais encontradas no país de destino, bem como a aceitação da população local também interferem nesse sentido.

Sabe-se que dentro do cenário das migrações internacionais emergem muitas variáveis de análise, sendo que cada qual é importante para compreender as motivações que levam grandes fluxos populacionais a buscar melhores condições de vida em outro país.

Inclusive, Baeninger (2016, p. 18) ressalta que dentro do atual contexto de (re) distribuição da população mundial, é necessário incorporar aos estudos sobre migração internacional os debates acerca: “[...] 1) dos processos de reestruturação produtiva e sua reestruturação urbana; 2) do Estado-nação e as migrações internacionais; 3) da relação migração e desenvolvimento e; 4) da governança das migrações internacionais”. Logo, observa-se a complexidade acerca dos estudos sobre migrações internacionais.

Nesse sentido, considerar o processo de reestruturação produtiva e sua relação com as migrações internacionais, a partir de uma consequente reestruturação urbana, que se aplica ao município de Cascavel, são de extrema importância para a compreensão da migração e do presente estudo.

Cabe, neste momento, discutir conceitos fundamentais quando nos referimos à migração. Então, salienta-se a importância de se considerar o histórico da constituição dos direitos dos migrantes e refugiados com o intuito de se ter uma maior compreensão das dinâmicas migratórias, uma vez que as migrações e o refúgio sempre foram parte integrante da história, estando presente nas diversas organizações sociais existentes.

As causas para a migração e conseqüente refúgio sempre foram relacionadas, dentre outras, à questão do trabalho. Cita-se, por exemplo, a migração de japoneses, italianos e alemães (entre outras nacionalidades) para o Brasil, no início do século XX, bem como a busca de refúgio dos sírios em direção à outros países e particularmente à Europa na última década.

Apesar de ser um fenômeno que ocorre há muito tempo, o refúgio somente foi considerado pela comunidade internacional a partir do século XX, “Isso porque o mundo assistiu a movimentos massivos de pessoas decorrentes da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa e da queda do Império Otomano, o que evidenciou a necessidade de se pensar nos deslocamentos” (FARIA, 2016, p. 610).

Nesse sentido, o marco fundamental para a proteção dos direitos dos refugiados é a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que se constitui numa organização humanitária, apolítica e social, criada para atender às necessidades das vítimas de perseguição, da violência, como da intolerância.

A partir da criação da ACNUR, é realizada em Genebra em 1951, uma conferência com intuito de estabelecer diretrizes legais para o refúgio e a criação do status de refugiado em âmbito internacional. Desta convenção originou-se a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, conhecida como convenção de 1951.

A partir da convenção, cunha-se o termo “refugiado”, que se aplica a toda a pessoa que:

[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em conseqüência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1951).

Ocorre que a convenção de 1951 apresenta limitações, não abarcando todos os casos que concernem os refugiados, por exemplo, os refugiados por questões ambientais. A mesma elenca cinco motivos de perseguição para que se considere um refugiado, a saber: raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social e opinião política.

Do mesmo modo, há duas barreiras que fazem com que sua aplicabilidade seja limitada em alguns países, pois “[...] restringia o tempo aos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 – “reserva temporal” – e a outra, chamada de “reserva geográfica”, limitava-se aos acontecimentos na Europa” (FARIA, 2016, p. 612).

Essas barreiras somente são superadas a partir do protocolo de 1967, o chamado “Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados” que conta com 140 países signatários. Com exceção da Guiana, todos os países da América são signatários do protocolo de 1967.

Como sujeitos dos processos migratórios, a população migrante recebe determinadas nomenclaturas, sendo imigrantes, emigrantes, refugiados, deslocados, apátridas, migrantes econômicos, dentre outros. Cabe, nesse momento, diferenciar os termos.

No que se refere aos migrantes, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações - OIM,

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceita de migrante. O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias (2009, p. 43).

Comumente, confunde-se os termos “migrante” e “refugiado”. É importante então elucidar as diferenças entre os termos, sendo que são considerados refugiados:

[...] pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, e então se tornarem um ‘refugiado’ reconhecido internacionalmente, com o acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. São reconhecidos como tal, precisamente porque é muito perigoso para eles voltar ao seu país e necessitam de um asilo em algum outro lugar. Para estas pessoas, a negação de um asilo pode ter consequências vitais (ACNUR, 2015, s.p).

Logo, observa-se que quando se refere aos migrantes considera-se aquelas pessoas ou contingente populacional que se desloca pelas mais diversas razões (trabalho e lazer, por exemplo). Já no que se aos refugiados, como mostrado anteriormente, estes buscam refugio em outros países em decorrência de perseguições de ordem política, étnica, religiosa, cultural, dentre outras.

Por outro lado, considera-se como migrante econômico toda pessoa que,

[...] deixa o seu lugar de residência habitual para se instalar fora do seu país de origem, a fim de melhorar a sua qualidade de vida. Este termo pode ser usado para distinguir refugiados que evitam perseguições e também se refere a pessoas que tentam entrar num país sem a autorização e/ ou recorrendo a procedimentos de asilo de má fé. Aplica-se também a pessoas que se instalam fora do seu país de origem enquanto dura uma estação de colheita, mais propriamente designados por trabalhadores sazonais (OIM, 2009, p. 44).

Destaca-se outros termos igualmente importantes para a compreensão da dinâmica migratória no todo, como também para o entendimento da migração haitiana, que são: Migração Laboral e Migrante Ambiental.

Logo, a migração laboral refere-se ao

Movimento de pessoas do seu Estado para outro Estado com a finalidade de aí encontrar emprego. A migração laboral está regulada nas leis sobre migração da maioria dos Estados. Além disso, alguns Estados desempenham um papel activo na regulação da migração laboral externa e procuram oportunidades no estrangeiro para os seus nacionais (OIM, 2009, p. 42).

Um outro ponto importante no que se refere à conceituação dos migrantes ou refugiados e que está diretamente ligados à questão da migração haitiana é o termo “migrante ambiental” ou “refugiado ambiental”. De acordo com a OIM,

[...] o termo aplica-se a pessoas ou grupos de pessoas que, devido a alterações ambientais repentinas ou progressivas que afectam negativamente as suas vidas ou as suas condições de vida, vêm-se obrigados a deixar as suas residências habituais, ou escolhem fazê-lo, temporariamente ou permanentemente, e que se deslocam dentro do próprio país ou para o estrangeiro (2009, p. 43).

São vários os movimentos de pessoas que migram forçadamente em decorrência de fenômenos ambientais, tais como terremotos e tsunamis ou fenômenos ambientais com origem antrópica. De acordo com Faria:

Os movimentos forçados da população por causas ambientais, denominados “deslocamentos ambientais” ou “desplazados ambientais”, não são fenômenos recentes. Historicamente, inúmeras populações tiveram que deixar suas terras devido à intensa degradação e esgotamento do solo, seca prolongada ou por causa de desastres naturais como terremotos e tsunamis (2016, p. 614).

O ponto fundamental para a caracterização e diferenciação dos refugiados ambientais dos migrantes econômicos, por exemplo, é constatar se o evento ou catástrofe natural atingiu a população com quão grande força a ponto de fomentar o deslocamento desta. Nesse sentido, Malta (2011) nos apresenta diferenciações quanto a esses eventos, mostrando que os deslocamentos podem ocorrer a partir de desastres, expropriações e deteriorações (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipos de refugiados ambientais

	Desastres		Expropriações		Deteriorações	
	Um evento catastrófico não intencional causa migração humana		A destruição intencional do meio ambiente o torna desapropriado para a habitação humana		Deterioração gradual do ambiente compele à migração ao dificultar a sobrevivência humana.	
Sub-Categoria	Natural	Tecnológico	Desenvolvimento	Ecocídio	Poluição	Depleção
Origem	Natural	Antropogênico	Antropogênico	Antropogênico	Antropogênico	Antropogênico
Intenção	Não intencional	Não intencional	Intencional	Intencional	Não intencional	Não intencional
Duração	Abrupto	Abrupto	Abrupto	Abrupto	Gradual	Gradual
Prazo de retorno	Curto/Médio	Longo / -	-	Longo / -	Médio / Longo	Médio / Longo
Causalidade	Uni/Multicausal	Uni/Multicausal	Unicausal	Unicausal	Multicausal	Multicausal
Exemplo	Terremoto	Acidente Nuclear	Construção de Hidrelétrica	Desfolhação	Aquecimento Global	Desflorestamento
Exemplo Real	Haiti	Chernobyl	Três Gargantas	Vietnã	Bangladesh	Amazônia Equatorial

Fonte: Malta (2011).

Cada tipo de evento que acarrete o refúgio, seja ele advindo de desastres, expropriações e deteriorações ou sendo de causa natural ou antropogênica, gera consequências, na maioria das vezes irremediáveis aos países afetados. Como exemplo, temos, no quadro 1, Chernobyl⁶.

Ao se observar o quadro 1, pode-se notar que quando atingidos por deteriorações, por exemplo, ainda é possível a permanência da população, adotando-se medidas que minimizem situação, mas quando atingidos por desastres (como é o caso dos haitianos), a estada ou até mesmo o retorno ao país de origem torna-se imprevisível. De acordo com Malta,

[...] os refugiados ambientais de desastres constituem uma excepcionalidade. Mesmo que existam medidas de prevenção (centrais de monitoramento, estrutura resistente aos terremotos, furacões ...), o desastre pode alcançar níveis inimagináveis e acima do planejamento. (2011, p. 616)

Vê-se então a importância da contextualização, quando nos referimos aos refugiados ambientais. Por conta imprevisibilidade de muitos fenômenos naturais, muitas vezes um grande contingente populacional pode ser afetado e, a partir daí suceder-se um movimento de migração em massa, sendo difícil o planejamento a partir do ocorrido.

3.1 O HAITI: HISTÓRICO E (DE) MIGRAÇÕES

O haiti apresenta, historicamente, uma trajetória de migração constante de sua população. Em busca de melhores condições de vida, a população haitiana estabelece uma tradição migrante. As causas para esse fenômeno advém das condições naturais a qual o país se insere, ocasionando desastres, como também da instabilidade do estado, a partir da influência francesa no período de sua colonização, bem como da influência norte-americana a partir do século XX.

É sob esse pano de fundo que discorreremos sobre as questões pertinentes ao país nos próximos itens.

⁶ O acidente nuclear de Chernobyl ocorreu em 26 de abril de 1986, na Ucrânia. Foi ocasionado pela explosão de um reator de uma usina nuclear e provocou a contaminação e a saída de milhares de pessoas da região.

3.1.1 Haiti: Características Físicas e Terremoto

O Haiti, situado na América Central, se constitui num país que historicamente apresenta uma série de fenômenos de ordem natural, tais como: terremotos, furacões, tempestades tropicais, entre outros.

No dia 12 de janeiro de 2010 ocorreu um grande terremoto no país, com cerca de 7.0 graus na escala Richter, que devastou a capital Porto Príncipe e causou grande destruição, colocando a população à deriva e agravando ainda mais os já existentes problemas sociais do país.

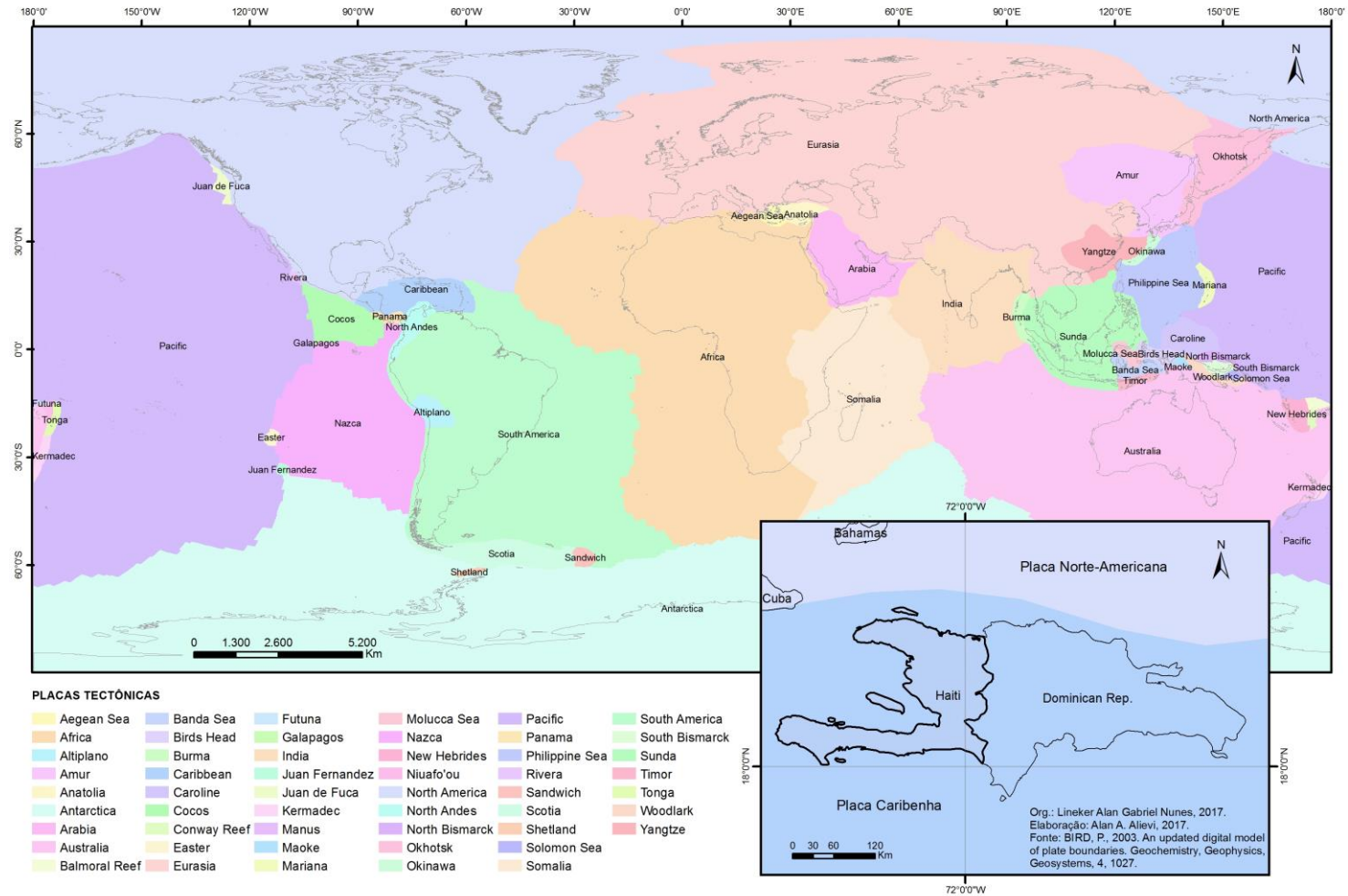
De acordo com Alessi (2013, p.82):

Se tivesse ocorrido no Japão, esse terremoto teria sido apenas mais um e raros seriam os estragos físicos na rica nação. Como ocorreu no país mais pobre das Américas, o terremoto devastou a já paupérrima região da capital Porto Príncipe. Os números oficiais de mortos no terremoto são 230.000 (duzentos e trinta mil), porém, estima-se que esse número tenha chegado a 240.000 (duzentos e quarenta mil).

A amplitude desse abalo sísmico pode ser observado no fato que três em cada dez residentes na região metropolitana de Porto Príncipe acabou emigrando para outras regiões do país, aumentando significativamente a situação de vulnerabilidade na região acolhida, espalhando assim os efeitos socioeconômicos do terremoto para outras regiões do país.

Não se constitui como objeto da pesquisa analisar os fenômenos físicos da litosfera que são sentidos no Haiti, mas é importante caracterizar e considerar a diáspora migratória haitiana como sendo resultante, também, da localização do Haiti. O país localiza-se na placa do Caribe, sendo que esta faz divisa com outras quatro placas: Norte-americana, de Cocos, Sulamericana e de Nazca (Figura 5).

Figura 5 - Localização das Placas Tectônicas



Fonte: Elaboração de Alievi (2017) e Organização de Nunes (2017).

O terremoto de 2010 originou-se a partir da chamada Falha Enriquillo-Pantain Garden, que, estima-se que originou, ao longo da história haitiana, os terremotos de 1751, 1770 e 1860. Quanto à configuração geológica do Haiti, sabe-se que:

O encontro dessas placas tectônicas proporcionou, tanto ao norte quanto ao sul de Hispaniola, a existência de um sistema de falhas, regiões em que os tremores ocorrem com mais frequência. O Haiti é bastante vulnerável a terremotos potentes, pois, além da convergência das macro-placas, encontra-se sobre a microplaca de Gonave cujo limite mais ao sul é a zona de Falha Enriquillo-Plantain Garden (EPGFZ em inglês). A falha de Enriquillo estende-se da porção central de Hispaniola até a Jamaica. Ao norte de Hispaniola, encontra-se a Falha Setentrional. O sistema de falhas vai acumulando tensão ao longo do tempo, o que faz com que os tremores sejam mais frequentes (FARIA, 2016, p. 625).

Outro ponto importante a ser investigado é levantar a frequência com que terremotos têm atingido o Haiti. A tabela 4, advinda de dados da United States Geological Survey (USGS), mostra a ocorrência de terremotos no Haiti com magnitude igual ou superior a 6.5, no período de 1902 a 1992. São elencados 22 casos de abalos sísmicos dessa amplitude (6,5 graus ou mais), podendo haver danos graves em regiões com grande população, como é o caso de Porto Príncipe.

Tabela 4 - Ocorrência de terremotos no Haiti com magnitude igual ou superior a 6.5 (Escala Richter), 1902-1992

Ano	Mês	Dia	Horário	Latitude	Longitude	Profundidade	Magnitude
1902	2	17	00:31	20.000	-70.000	0	6.9
1907	1	14	21:36	18.000	-76.000	0	7.0
1911	10	6	10:16	19.000	-70.500	0	6.8
1915	10	11	19:33	19.000	-67.000	0	6.8
1916	4	24	04:26	18.500	-68.000	80	7.0
1916	11	30	13:17	19.000	-70.000	0	6.8
1917	7	27	01:01	19.000	-67.500	50	7.0
1918	10	11	14:14	18.473	-67.631	35	7.3
1932	2	3	06:16	19.770	-75.850	25	6.8
1943	7	29	03:02	19.250	-67.500	0	7.6
1946	8	4	17:51	19.250	-69.000	0	7.9
1946	8	8	13:28	19.500	-69.500	0	7.5

1947	8	7	00:40	19.750	-75.250	50	6.8
1948	4	21	20:22	19.250	-69.250	40	7.1
1953	5	31	19:58	19.400	-70.400	33	6.9
1956	7	9	09:56	19.737	-72.994	43.9	6.9
1962	1	8	01:00	18.291	-70.461	32.6	6.7
1962	4	20	05:47	20.339	-72.074	35	6.7
1971	6	11	12:56	17.984	-69.808	59	6.5
1979	3	23	19:32	17.964	-69.076	81.5	6.7
1984	6	24	11:17	19.982	-69.369	44.1	6.7
1992	5	25	16:55	19.618	-77.883	23.1	6.8

Fonte: United States Geological Survey (2003) apud Faria (2016).

Como observado, assolado por grandes fenômenos de ordem natural que ocorrem com certa constância, o país se vê, a todo tempo, num constante processo de construção e reconstrução de sua infraestrutura.

3.1.2 Caracterização e Histórico do Haiti

O Haiti possuía uma população, em 2015 de 10.711.067 habitantes (BANCO MUNDIAL, 2015). A densidade demográfica do país é de 360,2 hab/km² (INDEX MUNDI, 2015). Apresenta o clima tropical. Sendo que apresentava um IDH (Índice de desenvolvimento humano) de 0,483, que é considerado baixo, ficando na 163ª posição no mundo, correspondendo ao pior IDH da América Latina. Além disso, o país é diglôssico, tendo como línguas oficiais o Francês e o Crioulo. Sua Capital é Porto Príncipe.

Faz parte de uma ilha, anteriormente chamada de *Hispaniola* ou São Domingos (a partir do final do século XV), que posteriormente foi dividida em duas: na parte Oeste estabeleceu-se o Haiti e na parte Leste estabeleceu-se a República Dominicana (Figura 6). A ilha, como um todo, considerada a mais produtiva das colônias francesas, era chamada de “a Pérola das Antilhas” (COTINGUIBA, 2014, p. 72).

Contudo, historicamente o país apresenta um retrospecto negativo no que tange os desdobramentos políticos, sociais e econômicos, como também os acontecimentos de ordem natural, mais latentes no decorrer dos últimos anos.

Figura 6 – Localização do Haiti.



Fonte: Elaboração de Alievi (2017) e Organização de Nunes (2017)

Assim, a independência do Haiti ocorreu em 1804, fato que o coloca como sendo a primeira República negra das Américas (BAPTISTE, 2015). Acontece que, desde então, o país teve uma série de governantes ditadores, golpes militares e intervenções internacionais, comprometendo seu desenvolvimento social. Com isso, o país passou de colônia mais rica das Américas ao país mais pobre.

Ao ser independente, no início do século XIX, derrotando as tropas de Napoleão Bonaparte, o país provoca temor nas metrópoles colonizadoras (tais como Portugal, Espanha e França), pois, a partir da revolta dos Haitianos, poderia haver a suscitação de outras rebeliões, por parte de escravos no continente americano.

Ocorre que após sua independência, surge, à nível de país, conflitos da ordem governamental. Sendo colonizado pela França, o Haiti conheceu somente o modo de conceber as relações hierárquicas e de governança estabelecidas pela

antiga metrópole. Assim, surge internamente um conflito a partir da emergência dos mulatos no poder, pois:

Os mulatos, que tomaram o poder político depois da morte do rei Christophe, com a ascensão de Boyer (1820), se orgulhavam de nunca ter sido escravos e de ser descendentes dos brancos, sentindo-se assim mais aptos para governar, já que antigos escravos não teriam legitimidade para ocupar os cargos de direção de uma nação civilizada. Como se consideravam primos dos franceses, os mulatos estavam também mais próximos do único ideal de cultura e civilização que conheciam (FIGUEIREDO, 2006, p. 375-376).

Observa-se, assim, uma primeira estratificação social no país, haja vista a separação entre mulatos e antigos escravos (negros). Com isso, pautando-se nas formas de governança do período colonial, colocava-se, a todo momento, a legitimidade dos governantes mulatos.

Ressalta-se que a França, para reconhecer o Haiti como nação independente, exigiu uma indenização. Além disso, o país sofreu, desde então, um forte bloqueio econômico, impedindo-o de adquirir meios para a produção das culturas do açúcar e do café, principalmente. A respeito disso, Figueiredo (2006) faz uma analogia ao embargo econômico sofrido por Cuba, anos mais tarde, considerando que “O Haiti foi a Cuba do século XIX: sofreu um bloqueio econômico das potências e não tinha nem dinheiro nem tecnologia para continuar produzindo o açúcar, o café e outros produtos agrícolas que exportava até sua independência” (FIGUEIREDO, 2006, p. 375).

Mais tarde, inicia-se no Haiti a ocupação e intervenção norte-americana, que perdura de 1915 a 1934. A presença estadunidense é responsável por um agravamento das condições sociais da população haitiana mediante a expropriação de terras de camponeses, implantação de corporações do ramo açucareiro e bananeiro, bem como apropriação de recursos financeiros por meio do Banco Nacional da República do Haiti (BNRH).

Cotinguiba (2014) discorre sobre os efeitos (negativos) da intervenção norte-americana, citando a entrega do BNRH ao *City Bank* de Nova York, como a substituição da agricultura de subsistência pela agricultura baseada na monocultura e com foco na exportação (da borracha, banana e cana-de-açúcar, principalmente). Além disso, houve a criação da Guarda Nacional, que posteriormente daria suporte para a ditadura de François Duvalier, iniciada em 1957.

De acordo com Galeano (2010, s.p), os Estados Unidos apenas retiraram-se do Haiti quando cumpriram com seus dois principais objetivos que eram “[...] cobrar as dívidas do CityBank e abolir o artigo constitucional que proibia vender as plantations aos estrangeiros”. Vê-se, claramente, a intervenção estadunidense na nação haitiana, deixando um legado, como já dito, de efeitos negativos.

Duvalier era médico, conhecido como Papa Doc, instaurou no país um governo repressor. Dando continuidade a esse período da história haitiana, após o assassinato de Papa Doc, em 1971, assume o poder seu filho, Jean-Claude Duvalier, o chamado Baby doc (Baptiste, 2015).

Há a continuidade de políticas repressoras e do agravamento social instaurado. Desse modo, acerca do período governado pela família Duvalier, é importante colocar que há a instauração do:

[...] sistema ditatorial de François Duvalier, conhecido como Papa Doc, eleito no mesmo ano; consolidaram um governo repressor, expulsaram representantes católicos entre outros desmandos. Ao final do governo, o Haiti era um dos países mais pobres da América, com alto índice de analfabetismo. Após sua morte, em 1971, foi substituído pelo seu filho Jean-Claude Duvalier, conhecido como Baby Doc, dando continuidade ao terror instaurado pelo seu pai, também foi apoiado pelo exército TontonsMacoutes, que em português significa bichos-papões, agravando a crise e aumentando os índices de analfabetismo, fome e, ainda, de imigrações do povo haitiano. Fugiu para a França, em 1986, onde permaneceu em exílio até janeiro de 2011 (SAMORA, 2015, p. 15-16).

Baby Doc foge para a França em 1986 após protestos populares contrários à ditadura no país. Quem assume a sucessão do país é o general Henri Namphy. Posteriormente, em 1990, sob o regime democrático, o país elege pela primeira vez um governante. Na ocasião o escolhido foi Jean-Bertrand Aristide.

Acontece que, a partir de novo golpe militar, Aristide é afastado e somente retorna em 1994, após sanções da Organização das Nações Unidas (ONU). Mesmo com eleições diretas, a partir do sistema democrático, o Haiti teve uma série de sucessões presidenciais, onde, na maioria das vezes, o governante eleito não cumpria seu mandato até o fim, sendo substituído por interinos, tanto que, desde 1957, desde a ditadura de Duvalier, o país teve 23 trocas na cadeira presidencial.

Faria (2012) discorre que a instabilidade política, os embargos econômicos, a dependência financeira e tecnológica, as intervenções externas, aliadas aos fenômenos naturais ocorridos na “Pérola das Antilhas” promoveram um cenário

catastrófico para os cidadãos do país. Colocava-se, em cada tempo e em cada sucessão governamental, empecilhos para o desenvolvimento do Haiti, que serviu, desde sempre, como fonte de riqueza para outras nações (Vide França e Estados Unidos).

Nesse sentido, Figueiredo, discorrendo sobre o histórico de ocupação do Haiti, nos mostra alguns dos atuais problemas do país:

1. O desastre ecológico como consequência do caráter predador do regime (desmatamento, erosão, seca, falta de água); 2. O problema demográfico de uma população de 8 milhões de habitantes, em sua maioria jovens, urbanos e desempregados; 3. A destruição da agricultura; 4. O crescente desequilíbrio da balança de pagamentos; 5. A ruína da indústria local; 6. A descapitalização do país; 7. A crise da moeda (2006, p. 373).

Soma-se a esses problemas o terremoto de janeiro de 2010, de cerca de 7.0 graus na escala Richter e o Furação Matthew, em outubro de 2016, que deixou mais de 100 mortos e acentuou ainda mais as precariedades do país.

Atingido por fenômenos de ordem natural, como por conflitos e instabilidade política, econômica, social (em decorrência da fragilidade de suas instituições governamentais) e apresentando um quadro sócio-estrutural precário, o Haiti configura-se num país propenso à influência e mando internacional. Exemplo disso é a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH).

A missão iniciou-se no Haiti em fevereiro de 2004. Houve, nesse período, em virtude da instabilidade instaurada, a criação de uma Força Multinacional Provisória⁷(FMP). A MINUSTAH vêm a substituir a missão anterior, tendo como objetivo garantir a paz, a segurança e a estabilidade do Haiti, em decorrência de vários acontecimentos de ordem política e de violência.

De acordo com o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e mediante a sua resolução N° 1542 de 2004, dá-se, a partir de 1º de junho de 2004, a criação da MINUSTAH. A resolução:

⁷ A FMP vêm a ocorrer logo após a deposição do então presidente do Haiti Jean Bertrand Aristide. Aristide foi eleito em 2000 com apenas 10% dos votos, gerando desconfiança e um cenário conflituoso. A respeito, ver Sá (2015).

Decide establecer La Misión de Estabilización de las Naciones Unidas em Haití (MINUSTAH), fuerza de estabilización solicitada em La resolución 1529 (2004), por un período inicial de seis meses, com La intención de prorrogarla por nuevos períodos y pide que La autoridad de la FMP se atraspasada a la MINUSTAH el 1° de junio de 2004⁸ (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2004).

Além disso, a resolução divide-se em três eixos principais, que são ambientes seguro e estável ou segurança, processo político e direitos humanos. Logo, buscava-se o:

[...] provimento de segurança e de um ambiente estável, particularmente através do desarmamento; apoio ao processo político e boa governança em preparação para futuras eleições [...] e monitoramento e apresentação de relatórios sobre os direitos humanos (LAMAS, 2005, p. 11).

De acordo com a resolução N° 1542, a missão tem como número máximo 1.622 policiais civis e 6.700 militares efetivos.

A missão atuou em ações envolvendo a saúde e a segurança pública, como por exemplo, no surto de cólera que assolou o país, em 2010, que vitimou cerca de 9 mil pessoas. Do mesmo modo, atuou na tentativa de reconstrução da ordem política e segurança após o terremoto de 2010 e o furacão Matthew em 2016.

Ocorre que em abril de 2017, o conselho de segurança da ONU anuncia o fim da Minustah no Haiti, após 13 anos de operações. A idéia é substituir a missão pela chamada Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH). A missão subsequente,

[...] deverá ser composta de até sete unidades de polícia, com 980 funcionários, e 295 oficiais individuais. O tempo inicial da operação é de seis meses, com o começo da missão previsto para 16 de outubro de 2017 e o término marcado para 15 de abril de 2018 (ONU, 2017).

O intuito com a nova missão é o fortalecimento do estado de direito e o monitoramento dos direitos humanos da população haitiana.

Considerando as argumentações acerca do histórico do Haiti, bem como das missões humanitárias recentes no país, observa-se, historicamente, uma fragilidade nas instituições do país, além do território haitiano, com sua população e riquezas

⁸ “1. Decidiu establecer a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH), força de estabilização solicitada por meio da resolução 1529 (2004), por um período inicial de seis meses, com a intenção de decisão de prorrogação por novos períodos e pede que a autoridade da FMP seja transferida para a MINUSTAH em 1° de junho de 2004”. Tradução Livre.

naturais, terem servido aos interesses da França e dos Estados Unidos. Com isso, estabelece-se no país uma tradição de migração.

Esta tradição advém então das precárias condições sócio-estruturais do país, fazendo com que a população recorra à migração como meio de busca de condições dignas de sobrevivência. Então, no próximo tópico, será abordada a tradição de migração do Haiti, que, mesmo antes do terremoto de janeiro de 2010 apresentava diásporas significativas para o país.

3.2 HAITI: UM PAÍS DE EMIGRAÇÃO

Historicamente, o Haiti constitui-se num país que apresenta tradição de emigração (BAPTISTE; VIEIRA, 2016). De tempos em tempos, associados a fatores da ordem ambiental e social, grandes fluxos populacionais oriundos do Haiti dirigem-se a outros países, como meio para a melhoria da qualidade de vida, tanto dos que migram, como dos que permanecem no país.

A análise deste item pautar-se-á na investigação da emigração haitiana ao longo do tempo, ou seja, desde o início do século XX até os dias atuais, buscando apanhar os motivos que levam a população à mudança. Entende-se que é possível assim compreender com mais clareza os fluxos migratórios de haitianos no Brasil a partir do terremoto de 2010.

Desse modo, o primeiro grande fluxo migratório do Haiti ocorre a partir do início do século XX, em direção a seu país vizinho, a República Dominicana (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016). A emigração ocorreu devido ao crescimento demográfico da população rural haitiana, que buscava meios de subsistência, como também à necessidade de mão-de-obra da incipiente indústria açucareira dominicana.

De acordo com Magalhães e Baeninger (2016, p. 234),

Estes primeiros “migrantes” deslocavam-se inicialmente para estadias muito curtas no país vizinho. A partir, no entanto, do desenvolvimento da indústria açucareira dominicana, da mobilidade pendular passava-se à ocupação da mesma das regiões fronteiriças, constituindo um processo de fixação do haitiano no território dominicano.

Magalhães e Baeninger (2016) colocam também que surgem consequências desta primeira etapa migratória haitiana, pois a migração haitiana se dá em virtude

da oportunidade de trabalho e, aproveitando-se dessa situação, os mesmos tinham condições de trabalho precarizadas, insalubres, que eram refletidas em remunerações baixas.

Aproveitando-se disso, a indústria açucareira dominicana empregou massivamente a mão-de-obra haitiana no processo de produção, sendo que “[...] no ano de 1935, o equivalente a 83% da força de trabalho empregada na indústria dominicana açucareira era de imigrantes haitianos” (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016, p. 235).

Se apresenta como segundo ciclo de emigração do Haiti, o direcionamento a outro país caribenho, notadamente Cuba. O país passa a se tornar destino dos haitianos, a partir do final da década de 1910, em decorrência do redirecionamento da produção açucareira da República Dominicana para Cuba. Esse redirecionamento ocorre a partir da influência e de interesses dos Estados Unidos, assim,

[...] não por respeito aos direitos humanos dos imigrantes haitianos, mas por atenção aos negócios que os Estados Unidos forçaram econômica, política e militarmente a orientação deste fluxo para o trabalho na produção açucareira em Cuba. Deste modo [...] como um processo social, formava-se um segundo grande ciclo emigratório desde o Haiti (MAGALHÃES ; BAENINGER, 2016, p. 235)

A forte presença de haitianos em Cuba deve-se, além da proximidade geográfica, à influência norte-americana. Mas, devido à crise de 1930, há uma redução na produção do açúcar cubano, imposta a partir da diminuição dos preços do produto no mercado internacional. Com isso, há uma desaceleração do fluxo de emigrantes haitianos a Cuba.

Então, logo após a forte emigração em direção a Cuba, os fluxos têm novamente, nas décadas seguintes, direção a República Dominicana. A emigração deve-se à facilidade de se transpor a fronteira com os dominicanos, como pela crise econômica e social agravada no Haiti depois da crise de 1930.

Magalhães e Baeninger (2016) nos informam que, posteriormente, os fluxos emigratórios oriundos do Haiti passam a compreender também os Estados Unidos. Pode-se ponderar neste momento a presença dos Estados Unidos na América Latina e no Caribe, a partir de sua influência econômica e política em países como Haiti, Cuba e República Dominicana. Lembrando que a presença e influência direta dos norte-americanos no Haiti ocorre desde 1915.

Com isso, a partir dos interesses de empresas norte-americanas, forma-se uma grande massa de trabalhadores disponíveis e sujeitos ao mercado e aos moldes de trabalho impostos, relegando ao Haiti papel de país fornecedor de bens naturais (matérias primas) e de mão-de-obra sujeita à exploração do trabalho.

Sendo dependente da França no período colonial, agora a dependência haitiana passa então a ser em relação aos Estados Unidos. De novo, neste caso “[...] a presença norte-americana não seria apenas econômica, mas também militar” (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016, p. 237).

Constitui-se, assim, o terceiro fluxo migratório haitiano. As razões para tal derivam-se do papel de centralidade dos Estados Unidos no cenário da economia-mundo, bem como seu mando e controle das instituições haitianas (políticas, econômicas, administrativas, dentre outras).

Além disso, Magalhães e Baeninger (2016) colocam que a proximidade com os Estados Unidos fomenta o processo migratório, pois cria uma forte atuação das redes sociais constituídas pelos haitianos. Os autores ressaltam outro elemento dessa dinâmica, ou seja, a presença militar dos Estados Unidos no Haiti, construindo no imaginário haitiano a imagem de um país próspero e repleto de oportunidades.

A emigração haitiana para os Estados Unidos passa a ter maior expressividade a partir da década de 1970, quando se constituem os chamados *boatpeople*. A expressão refere-se, de maneira geral, ao percurso marítimo percorrido pelos haitianos, em precárias condições. De acordo com Cotinguiba (2014, p. 84)

Esse fluxo migratório para os Estados Unidos teve expressividade a partir da década de 1970, quando se lançaram ao mar os *boatpeople*. Essa expressão remete a um conjunto de significados, podendo referir-se ao processo da viagem, às pessoas, à embarcação e ao seu drama.

Tamanho é o fluxo migratório haitiano em direção aos Estados Unidos, que até os dias atuais esse fluxo continua ocorrendo. Desse modo, de acordo com o Migration Policy Institute (MPI), as estimativas de haitianos residentes nos Estados Unidos em 2015 era de 604.000 pessoas (Tabela 5).

Comparando-se essa informação com o número de haitianos presentes nos demais países que constam na Tabela 5, pode-se inferir a influência norte-americana no país caribenho, particularmente em relação a busca deste país como destino da população do Haiti. Percebe-se que o número de haitianos nos Estados

Unidos é quase o dobro que o número apresentado na República Dominicana, que corresponde o segundo país de destino dos mesmos.

Tabela 5 - Estimativa da população haitiana no exterior (2015)

País	Estimativa (2015)
Estados Unidos	604.000
República Dominicana	329.000
Canadá	93.000
França	74.000
Bahamas	28.000
Guiana Francesa	19.000
Guadalupe	15.000
Alemanha	2.000
Suíça	2.000
Bermuda	2.000
Curaçao	2.000

Fonte: Migration Policy Institute (MPI), 2015.

Chama a atenção o fato de que os países para onde os haitianos emigram e constituem suas colônias terem, em sua maioria, algum tipo de vínculo com a França, por meio da colonização ou língua. Nota-se, por exemplo, a presença de aproximadamente 15.000 haitianos em Guadalupe, departamento ultramarino francês. Do mesmo modo, observa-se a presença haitiana no Canadá (93.000) na França (74.000) e na Guiana Francesa (19.000) (MPI, 2015).

Salienta-se o fato de que aproximadamente 1/3 da população vive no exterior, aproximadamente 4,5 milhões de pessoas. Dadas as condições políticas, econômicas e sociais, a migração em busca de trabalho surge como única alternativa à população.

Tendo então grande população no exterior, buscando fontes de renda e meios de sobrevivência, as remessas de capital enviadas ao Haiti constituem-se como importante meio econômico para a população que não migra. Portanto,

[...] embora a migração provoque a fuga de cérebros, ela também favorece o aumento das transferências de recursos que são um aporte importante para mitigar as necessidades mais urgentes da população que permanece na ilha. As remessas ajudam tanto o país caribenho que os haitianos residentes no exterior tornaram-se o décimo primeiro departamento administrativo do país (BAPTISTE; VIEIRA, 2016, p. 590).

De acordo com Fernandes, Castro e Ribeiro (2014) as remessas enviadas pelos migrantes haitianos representam aproximadamente 25% do PIB do país e são estimadas em 1,5 bilhões de dólares. Além disso, as remessas evidenciam a desigualdade social no país, haja vista que em 2010, dos que recebiam educação superior, 85% encontravam-se no exterior. Já em 2000, 36,5% dos médicos formados no Haiti estariam fora do país.

Nesse sentido, o quadro 2 sistematiza, de maneira geral, as etapas da migração haitiana, perfazendo o primeiro fluxo, em direção à República Dominicana até o último grande fluxo migratório, em direção ao Brasil, a partir de 2010.

Quadro 2 – Etapas da migração haitiana

Destino	Quando?	Motivos?
República Dominicana	Início do século XX	Crescimento demográfico rural; Necessidade de mão-de-obra da indústria açucareira dominicana.
Cuba	Década de 1910	Trabalho na produção açucareira em Cuba; Influência norte-americana no direcionamento do fluxo migratório.
Estados Unidos	Década de 1970	Centralidade e influência dos Estados Unidos no contexto econômico; Controle Norte-americano das instituições haitianas.
Brasil	A partir de 2010	A MINUSTAH; Momento econômico brasileiro e oportunidades no mercado de trabalho; Endurecimento da política migratória dos países desenvolvidos; Acesso via fronteira norte do Brasil.

Fonte: O próprio autor a partir de informações de Baptiste e Vieira (2016) e Magalhães e Baeninger (2016).

É diante dessas constatações que se chega ao último grande fluxo migratório de haitianos, dessa vez em direção ao Brasil. A partir do terremoto de janeiro de 2010, emerge uma nova diáspora do país. A seguir far-se-á análise da migração haitiana no Brasil, buscando apreender os motivos que levaram os haitianos a deslocarem-se para um destino que até então não fazia parte do fluxo migratório.

3.3 IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

A partir de 2010, com um terremoto de 7,0 graus na escala Richter, o Haiti vê as já precarizadas condições sócio-estruturais do país mais uma vez ruírem. À mercê da violência, epidemias e considerando-se a fragilidade das instituições estatais, mais uma vez surge como possibilidade para a sobrevivência a busca por trabalho em outros países.

Desde então, o Brasil entra na rota da histórica diáspora haitiana. O fato curioso é que, mesmo as migrações de haitianos ocorrendo desde o início do século XX, o Brasil nunca havia se constituído como um dos destinos de atração dos haitianos, dada a inexistência de laços históricos, econômicos e culturais entre os países.

Nesse sentido, o intuito deste capítulo é responder o seguinte questionamento: Que motivo(s) levou o Brasil a constituir-se em destino dos haitianos? Logo, realizar-se-á a análise sobre a migração dos haitianos para o Brasil a partir do terremoto de janeiro de 2010.

Pode-se considerar os vários os fatores que fizeram com que o Haiti se tornasse o país com os piores indicadores sociais da América, apresentando um grave cenário de pobreza e instabilidade. Dentre esses fatores, cita-se:

- a) a pesada indenização cobrada pela França para reconhecer a independência do país depois de ter visto seus colonos serem mortos ou expulsos da ilha; b) o forte embate entre mulatos e negros no período de constituição nacional; c) a dificuldade de se instaurar e reconhecer uma classe dirigente que se impusesse legitimamente, e que defendesse os interesses nacionais; d) o legado escravocrata, posto que, mesmo após a independência, conquistada graças ao levante dos escravos, as massas recém-libertas não tiveram acesso à posse dos meios de produção, particularmente a terra, ou ao trabalho assalariado; e) a herança monocultora que se tornou cega à necessidade de diversificar a economia para que o mercado interno fosse sustentável (BAPTISTE; VIEIRA, 2016, p. 578).

Dessa forma, os fluxos migratórios desencadeados no Haiti ao longo da história devem ser explicados e analisados por fatores de ordem econômica, social, política, como também ambiental. Ao analisar esse conjunto, vê-se que a diáspora emerge como a saída para enfrentamento da pobreza e do caos social vivido pelo país.

Em relação ao Brasil, comumente associa-se o direcionamento do fluxo migratório de haitianos ao país da América do Sul unicamente ao terremoto de 2010. Baptiste e Vieira (2016) informam que são vários os fatores que incentivaram a migração ao Brasil, podendo-se citar: a crise financeira internacional de 2008; o endurecimento da legislação migratória nos países desenvolvidos, aumentando as restrições à migração internacional; a presença do Brasil no Haiti, sendo líder da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah); a imagem do Brasil no exterior, como sendo um país com economia próspera; a porosidade das fronteiras do norte do Brasil.

Há também, em segundo plano, que se considerar o *jogo da paz*⁹, ocorrido em 2004, como um episódio que contribuiu para a construção do Brasil, no imaginário haitiano, como um país solidário e de oportunidades.

Também, como já citado, o endurecimento da política migratória dos países europeus e dos Estados Unidos, associados a um contexto de crise econômica ocorrida a partir de 2007, promoveu uma reorganização dos fluxos migratórios oriundos da América Latina e África, principalmente.

Assim, a migração haitiana para o Brasil insere-se dentro de um contexto chamado de migração sul-sul, ou seja, representa um fluxo migratório de países periféricos para outros países, também periféricos, mas que ocupam espaços e encontram-se em níveis diferentes dentro da divisão internacional do trabalho.

Villen (2015), ao tratar das percepções sobre as supostas ameaças, por parte dos imigrantes (Principalmente haitianos) à disponibilidade por emprego no Brasil, chama essa dinâmica de periféricos na periferia. A autora elucida o termo, colocando que se refere:

⁹ Partida de futebol realizada em 18 de agosto de 2004 na Capital haitiana, Porto Príncipe. A partida ocorreu após o Brasil assumir o comando da intervenção das Nações Unidas no Haiti e após um forte conflito civil em fevereiro do mesmo ano.

[...] a particularidade da força de trabalho de imigrantes e refugiados provenientes de países periféricos que, por meio dos deslocamentos internacionais, se encontram novamente vivendo e trabalhando num país periférico: daí a denominação *periféricos na periferia* (VILLEN, 2015, p. 250, grifo do autor).

O trabalho, mais uma vez, urge como necessidade dos imigrantes. Ocorre que é,

[...] exatamente sua *necessidade imediata, extrema e ininterrupta de trabalhar*. Do mesmo modo, é verdade, que por serem de proveniência de países periféricos, em geral, não-brancos, compõem uma base social representativa de um novo enquadramento para as dinâmicas de atuação do racismo no Brasil, o que ajuda também a entender a carga de agressividade muitas vezes manifestada por nacionais contra esses imigrantes (VILLEN, 2015, p. 253, grifo do autor)

Então, a partir da urgente necessidade pela busca de emprego e pelo perfil étnico-racial das últimas levas migratórias no Brasil, surgem problemas, notadamente a precarização do trabalho e o preconceito racial.

Assim, no conjunto da economia e das relações internacionais, o Brasil passa a ter na época, papel de destaque, liderando a missão das Nações Unidas no Haiti e constituindo-se, a partir dos fatores supracitados, num destino atraente e promissor aos haitianos frente às adversidades colocadas em sua nação.

3.3.1 A Trajetória dos Haitianos em Território Brasileiro e a Política Migratória Brasileira

A migração haitiana para outros países, em especial para o Brasil, após o terremoto de 2010, vêm se intensificando. A trajetória dos haitianos, até chegar ao Brasil, sofreu alterações em virtude, sobretudo, de mudanças na política migratória brasileira, a partir de Resoluções Normativas do Brasil.

Inicialmente (a partir de 2010) o norte do Brasil constitui-se como porta de entrada dos haitianos no território brasileiro. A rota migratória do norte do Brasil era regida, na maioria das vezes por “coiotes”¹⁰, haja vista que legalmente, nessa época, os haitianos ainda não tinham amparo legal do governo brasileiro.

¹⁰ De acordo com o Dicionário Michaelis (2017) refere-se ao “Guia que conhece bem determinadas partes da fronteira entre o México e os Estados Unidos e ajuda, mediante pagamento, imigrantes ilegais a entrar em território norte-americano” ou “Traficante de pessoas, geralmente para trabalho semiescravo ou prostituição”.

Sendo refugiados ambientais, os nacionais do Haiti não se enquadram na categoria de refugiados da Convenção de Genebra de 1951 e do Protocolo de 1967¹¹. Dessa forma, recorriam os designados coiotes como agentes da migração haitiana no Brasil, Fernandes e Faria nos informam que,

A ação dos coiotes inicia-se com a “venda” da idéia de que a crise econômica não afetou o Brasil, de que há carência de mão de obra e empregabilidade instantânea no país, cujos salários podem chegar a R\$ 4.000. O acesso ao “Eldorado Brasileiro” tem custo que pode variar de U\$ 1.000 a U\$ 4.500.00, dependendo do “serviço” pretendido ou persuasão dos coiotes [...] Mediante o endividamento, seja ele financeiro ou social, o maior medo que estes imigrantes apresentam é o de serem deportados e não recuperarem o dinheiro que gastaram no trajeto (2016, p. 98).

Pode-se questionar o por que da Região Norte constituir-se como a primeira porta de entrada dos haitianos no Brasil e não outras regiões ou cidades. Segundo Fernandes e Faria (2016) o processo de entrada pelas fronteiras da porção setentrional brasileira ocorreram apenas pela oferta de atravessadores, não havendo outra especificidade, importando aos haitianos entrar no Brasil, independente da porta de entrada e seguir rumo aos grandes centros econômicos.

Os trajetos referentes à entrada dos haitianos no Brasil são diversos. O caminho mais comum no início do fluxo migratório rumo ao Brasil iniciava-se em Porto Príncipe, por via aérea, com eventuais escalas em São Domingos (República Dominicana).

Como bem informa Fernandes e Faria (2016), logo após, os migrantes dirigiam-se até a cidade do Panamá e de lá até Lima (Peru). Há os que iam até Quito (Equador) e de lá até Lima. Em Lima ou em Quito, os haitianos dirigiam-se por trajeto fluvial ou terrestre até a fronteira com o Brasil. Tabatinga (AM), Brasiléia e Assis Brasil (AC) se constituíam como roteiros da entrada de haitianos no Brasil.

Em Brasiléia, inclusive, criou-se um abrigo para os imigrantes haitianos, em virtude do grande fluxo estabelecido naquele município a partir de 2011. O abrigo, em 2013, chegou a acolher 700 imigrantes¹² (Figura 7).

¹¹ O governo brasileiro leva em consideração, como normativa para o reconhecimento de refugiados, as convenções supracitadas.

¹² Em 2014, o governo do estado do Acre pagou passagem para 1,7 mil haitianos saírem do estado, decretando o fim do acampamento em Brasiléia. Dentre os destinos, estão: Porto Velho, Cuiabá, São Paulo e cidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Figura 7 - Abrigo para imigrantes haitianos em Brasília



Fonte: Luciano Pontes / Secom (2014).

Ao buscar apurar as dificuldades encontradas no trajeto dos haitianos em direção ao Brasil, como a direção desse fluxo migratório, Wroblewski (2013, s.p) coloca que:

O caminho percorrido entre o Haiti e o Brasil é longo e difícil. Do país caribenho, a maioria dos haitianos viaja dois mil quilômetros de avião para o Equador, que não exige visto de nenhum país do mundo. Por terra, eles cruzam a fronteira com o Peru e seguem viagem até Brasília – um pequeno município acriano com cerca de 21 mil habitantes –, em um percurso de mais de 3,6 mil quilômetros.

Nesse sentido, a figura 8 mostra a rota percorrida pelos primeiros imigrantes haitianos até chegar ao Brasil. Destaca-se a quantidade de localidades pelas quais os imigrantes passam.

Figura 8 - Rota percorrida pelos haitianos até chegar ao Brasil



Fonte: FARIA (2012).

Outra rota percorrida, de acordo com Fernandes e Farias (2016), era pela fronteira com a Bolívia, através dos municípios de Epitaciolândia (AC) e Corumbá (MS). Dentre outros trajetos, sabe-se que:

Em um, por via aérea, os haitianos vão até a República Dominicana e de lá para a Bolívia, no município de Ibéria. De Ibéria caminham por aproximadamente oito quilômetros na Floresta Amazônica até chegarem ao município de Cobija e, deste fronteiro município boliviano, cruzam uma das pontes sobre o Rio Acre, chegando a Brasiléia. Na outra rota, faz-se um deslocamento aéreo até Santo Domingo e daí para Quito. De Quito, através de Ônibus, dirigem-se a Letícia, na Colômbia, e deste município para Tabatinga (AM) (FERNANDES E FARIA, 2016, p. 98).

As rotas elencadas eram escolhidas de acordo com os interesses dos coioetes, a disponibilidade financeira dos imigrantes, bem como da disponibilidade de

transporte até o destino pretendido. Nesse trajeto, há relatos, segundo Fernandes e Farias (2016) de casos de roubo, extorsão, estupro, agressão e abandono nos territórios de Bolívia e Peru.

A questão migratória de haitianos no Brasil, assim, passa a chamar atenção da sociedade, em particular daqueles que tem contato os imigrantes, e do governo brasileiro.

Os governos do Brasil e do Peru (Rota da migração de haitianos), em janeiro de 2012, fecharam as fronteiras, exigindo a obrigatoriedade de visto, com o intuito de coibir a entrada ilegal de haitianos, bem como a atuação de coiotes.

Logo, como tentativa de resolução da migração ilegal de haitianos, o governo brasileiro institui, a partir do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) a Resolução Normativa nº 97/2012. Essa resolução, que vigora a partir de 12 de janeiro de 2012, versa sobre a concessão de visto permanente a nacionais do Haiti, também chamado de visto humanitário. De maneira geral, institui que:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º. O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores.

Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País.

Art. 3º Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação laboral para fins da convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor [...] (CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, 2012).

A RN nº 97/2012 vêm a ser uma boa alternativa no sentido de combater a migração ilegal de haitianos e proteger os direitos dos mesmos, em decorrência das precárias condições postas no país após o terremoto de 2010.

Ocorre que, mesmo assim, a medida, vista de uma maneira mais ampla, apenas serve como paliativo perante a questão migratória haitiana. Há uma

burocratização da migração em direção ao Brasil, que, em linhas gerais, acaba sendo cara aos haitianos.

Por exemplo, para se obter, em 2012, o visto, era necessário cumprir uma série de etapas, que vão desde ter o passaporte em dia, residir no Haiti, apresentar bons antecedentes e pagar uma taxa de U\$\$ 200 (FERNANDES; FARIA, 2016).

A medida, que buscava a redução da migração ilegal haitiana (e da migração haitiana) teve efeito contrário. A burocracia imposta barrava, em grande parte, a emissão de vistos (cem por mês) e, além disso, a migração haitiana na fronteira norte do Brasil se intensificou. De acordo com Fernandes e Faria (2016, p. 100):

[...] não houve redução da chegada de imigrantes haitianos ao Brasil via fronteira norte e o número de vistos emitido pelo Consulado, 100 por mês, não conseguia atender à crescente demanda. Em novembro de 2012, todos os agendamentos para a concessão de vistos em 2013 estavam completos e o Consulado abriu uma lista de espera. Assim, ao final de 2012, voltava-se a repetir na fronteira a situação observada antes da promulgação da RN nº 97, com a super lotação do abrigo construído para acolher os imigrantes na cidade de Brasília e, em Porto Príncipe, formavam-se gigantescas filas nas portas do Consulado brasileiro composta por pessoas que esperavam obter o visto de entrada no Brasil.

Mais uma vez, buscando contornar a situação, em decorrência da grande demanda por vistos, o governo brasileiro institui, por meio da RN nº 102 de abril de 2013, a retirada do limite de 1.200 vistos por ano a nacionais do Haiti. Além disso, além do Haiti, permitiu-se a concessão de vistos em consulados brasileiros em outros países, como: Peru, Argentina e República Dominicana.

As mudanças visavam a prorrogação do visto humanitário concedido a haitianos, sendo que ao todo foram realizadas quatro prorrogações da RN nº 97/2012, a última com validade até 30 de outubro de 2017. Tendo como intuito de que a grande maioria (ou toda) a população haitiana no Brasil possa obter, assim, o visto permanente.

Com essas mudanças, principalmente em relação à retirada da limitação do número de vistos concedidos, também, altera-se os trajetos dos fluxos de entrada de haitianos no Brasil.

Assim, Brasília e outros municípios do Norte do Brasil vêem uma redução gradativa do fluxo migratório e a partir de 2013 a entrada de haitianos em território brasileiro passa a ser, em grande parte, por via aérea, a partir de linhas que ligam Porto Príncipe a algum município brasileiro.

Reitera-se, a partir das informações colocadas, a mudança nos fluxos migratórios de haitianos em direção ao Brasil, mediante atuação do governo brasileiro. Em grande medida, as ações tinham como objetivo combater a imigração ilegal, bem como assegurar a proteção dos direitos humanos dos imigrantes.

Todavia, as medidas podem ser vistas como paliativos, visando, temporariamente, solucionar determinada questão. Por exemplo, as medidas buscaram a legalização dos imigrantes haitianos, mas, por outro lado, não asseguraram a efetiva inserção dos mesmos na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro.

Ressalta-se que o visto humanitário concedido aos haitianos não lhes dá o mesmo respaldo jurídico de proteção aos seus direitos que teriam, por exemplo, se estivessem na condição de refugiados. Ainda que adentrando nos diferentes espaços, as condições colocadas aos haitianos são, por vezes, mais precarizadas que a dos brasileiros.

É importante, então, considerando-se o trânsito dos imigrantes haitianos em território brasileiro, abordar, a partir de dados estatísticos, a migração e as atividades laborais exercidas pelos imigrantes em território brasileiro, a realizar-se no tópico a seguir.

3.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL

O presente capítulo da dissertação busca analisar quantitativamente o fenômeno migratório haitiano no Brasil a partir de dados oficiais. Para tanto, recorrer-se a bases de dados de diferentes órgãos e instituições governamentais. Fez-se necessária, anteriormente, análise qualitativa da migração haitiana em direção ao Brasil. A partir de então, busca-se relacionar as informações anteriormente apresentadas com dados oficiais.

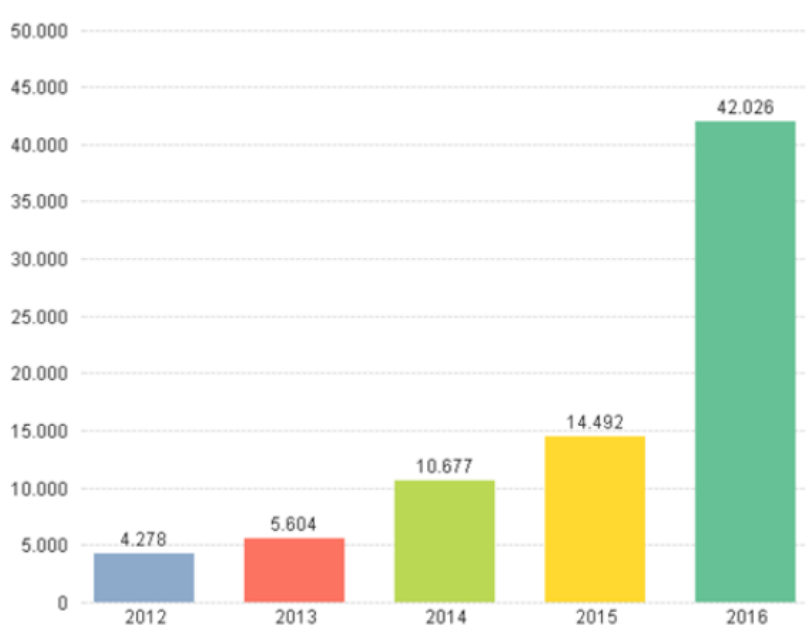
Busca-se relacionar a questão da migração e do trabalho dos haitianos no Brasil, bem como apurar em que atividades produtivas os imigrantes se inserem com mais facilidade. Com isso, pode-se definir um perfil dos trabalhadores haitianos no Brasil.

Logo, no ano de 2016, foram registrados pela Polícia Federal um total de 42.026 haitianos (Gráfico 6). Somando-se o número de registros no de período 2012

a 2016, temos um total de 77.077 registros. Há a possibilidade, ainda, desse número ser subestimado, pois, talvez, nem todos os imigrantes realizaram o registro.

Os números mostram a amplitude e a velocidade do fenômeno migratório de haitianos no Brasil. Comparando-se o ano de 2012 a 2016, houve aumento de aproximadamente 1000% no número de registros.

Gráfico 6 – Haitianos que se registraram na Polícia Federal, período 2012-2016



Fonte: Instituto Migrações e Direitos Humanos - IMDH (2016).

Outro ponto a ser abordado é em relação ao número de vistos emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores. A partir de 2013, com a RN nº 102, retira-se o limite mensal (cem) e anual (mil e duzentos) de vistos emitidos, como permite-se a emissão na República Dominicana e no Peru, por exemplo. Essas alterações estão expressas nos dados da Tabela 6.

Tabela 6 - Número Total de vistos emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), por posto de requerimento, entre 2012 e 2016*

Posto de Requerimento	2012	2013	2014	2015	2016*	Total
Embaixada do Brasil em Porto Príncipe	1.387	5.045	7.020	13.923	12.975	40.350
Embaixada do Brasil em Quito	-	1.139	3.183	3.536	2	7.815
Embaixada do Brasil em São Domingos	-	112	2	32	6	152
Embaixada do Brasil em Lima	-	-	24	16	-	40
Consulado-Geral do Brasil em Buenos Aires	-	-	3	-	-	3
Escritório de representação do MRE em São Paulo	-	-	1	-	-	1
Total	1.387	6.296	10.188	17.507	12.983	48.361

Fonte: Ministério das Relações Exteriores apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

* No ano de 2016 foram considerados somente os dados até Maio.

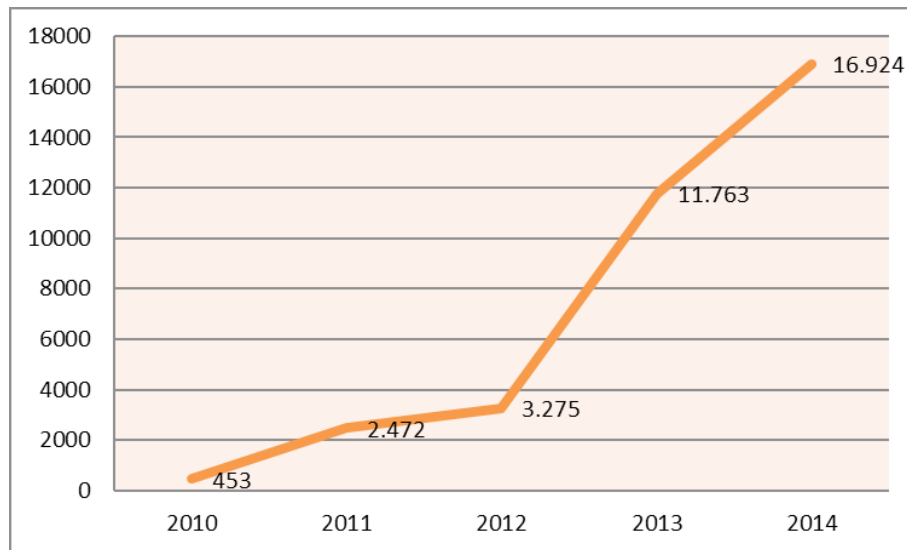
Nota-se que a partir de 2013 o número de vistos emitidos passa a apresentar números mais expressivos (6.296). Daí por diante, há a tendência de aumento da emissão dos mesmos, sendo 10.188 em 2014, 17.507 em 2015 e 12.983 até maio de 2016.

Naturalmente, Porto Príncipe apresenta o maior número de emissões, num total de 40.350 no período 2012-2016. Em seguida, Quito, rota da migração haitiana, apresenta um total no período apresentado de 7.815 emissões. São Domingos, com 152 emissões e Lima, com 40 emissões, aparecem em seguida. Mesmo que com quantidade inexpressiva, chama atenção o fato da emissão de vistos no Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires (Argentina).

Os haitianos em território brasileiro, solicitam comumente o refúgio humanitário. Ocorre que, atingidos por fenômenos naturais, que agravaram a infraestrutura e as condições político-sociais do país, o caso dos haitianos não é abarcado pela Conferência dos refugiados de 1951, nem pelo Protocolo de 1967. No Brasil, o que rege o direito dos refugiados é a Lei nº 9.474 de 1997.

O gráfico 7 mostra o número de solicitações de refúgio no período de 2010 a 2014. Observa-se uma demanda crescente, sendo 453 solicitações em 2010 e 16.924 solicitações em 2014.

Gráfico 7 – Número total de solicitações de refúgio de haitianos, por ano de solicitação



Fonte: Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal, Sistema de Solicitação de Refúgio apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

O período em que houve maior crescimento foi entre 2012 e 2013, saltando, respectivamente, de 3.275 para 11.763 solicitações. No somatório, foram, ao todo, 34.887 solicitações de refugio de haitianos junto à Polícia Federal.

Ocorre que, fazendo a solicitação de refúgio, muitos dos haitianos requerentes de tal medida a fizeram após entrada irregular no Brasil. Com isso, visavam regularizar sua solicitação, como serem contemplados pelos direitos previstos na constituição.

Visando regularizar essa situação, em 2015, o Ministério do Trabalho e Previdência Social e o Ministério da Justiça assinaram ato conjunto, dando o visto de permanência a 41.632 haitianos. Pode-se dizer que:

Tal medida foi tomada com o objetivo de regularizar a situação migratória dos haitianos que solicitaram refúgio, mas não estavam em condição de refugiados. Desse modo, observamos um crescimento exponencial no número de autorizações concedidas em 2015, no entanto, isso não significa que essas pessoas entraram no país em 2015. De fato, muitos desses imigrantes já estavam no país desde 2010, mas só tiveram sua situação migratória definida em 2015 (TONHATI; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2016, p. 29-30).

A tabela 7 mostra o número de autorizações concedidas a haitianos, no período de 2011 a 2015. No total, foram realizadas 51.124 autorizações. Nota-se que a explosão no número de autorizações se dá a partir de 2015, chegando a

41.632. Esse número vem de encontro com o ato do Ministério do Trabalho e Previdência Social e do Ministério da Justiça, como já citado.

Tabela 7 – Número de autorizações concedidas a haitianos, segundo Resolução normativa, 2011-2015

Resolução	2011	2012	2013	2014	2015	Total
RN 27	708	4.824	2.068	1.890	41.632	51.122
RN 77	-	1	1	-	-	2
Total	708	4.825	2.069	1.890	41.632	51.124

Fonte: Conselho Nacional de Imigração / Ministério do Trabalho e Previdência Social apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

Observa-se que em 2011 (708), 2012 (4.824), 2013 (2.068), 2014 (1.890), os números, comparados à quantidade de concessões estabelecidas em 2015, são inexpressivos. Do mesmo modo, mostram a grande quantidade de imigrantes haitianos com necessidade de regularização da situação jurídica em território brasileiro.

No tocante às autorizações concedidas a haitianos é possível observar na tabela 8 o número em relação ao sexo dos imigrantes, no período de 2011 a 2015. Percebe-se que em todos os anos os homens constituíram a maioria das autorizações concedidas, totalizando um total, no período de 35.071 autorizações. Em relação às mulheres, foram concedidas 9.716 autorizações no total.

Tabela 8 - Número de autorizações concedidas a haitianos, segundo sexo, 2011-2015

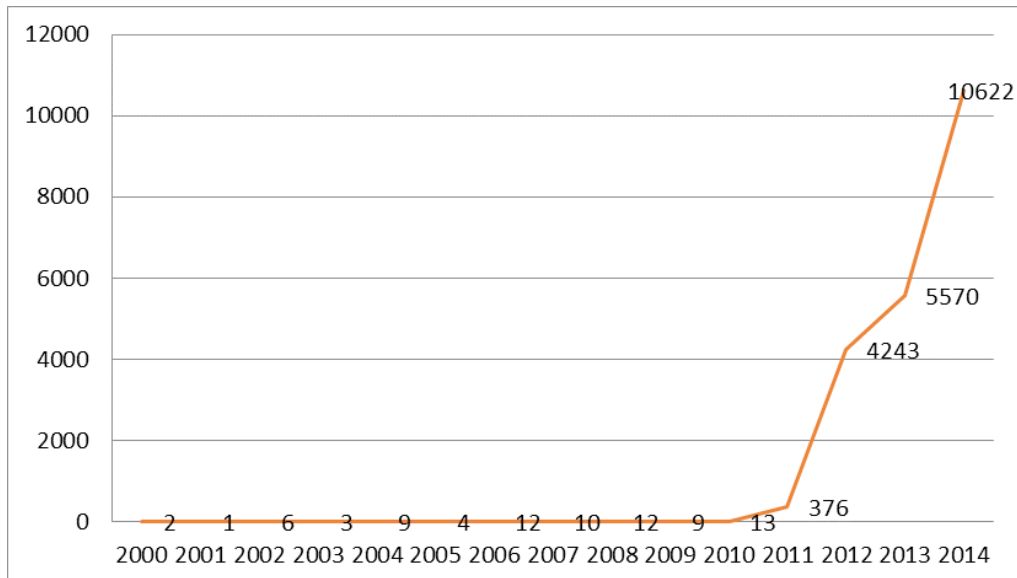
Sexo	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Masculino	585	3.989	1.630	1.541	27.326	35.071
Feminino	123	836	439	349	7.969	9.716
Não Informado	-	-	-	-	6.337	6.337
Total	708	4.825	2.069	1.890	41.632	51.124

Fonte: Conselho Nacional de Imigração/Ministério do Trabalho e Previdência Social apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

Em relação ao número de registros permanentes, no período de 2000 a 2014, observa-se no gráfico 8 que a partir de 2011 há o primeiro aumento nos registros, totalizando 376, sendo que a partir de 2012 o dado sobe para

um 4.243 registros. Já em 2013 e em 2014 a tendência de aumento confirma-se, sendo, respectivamente, 5.570 e 10.622 registros.

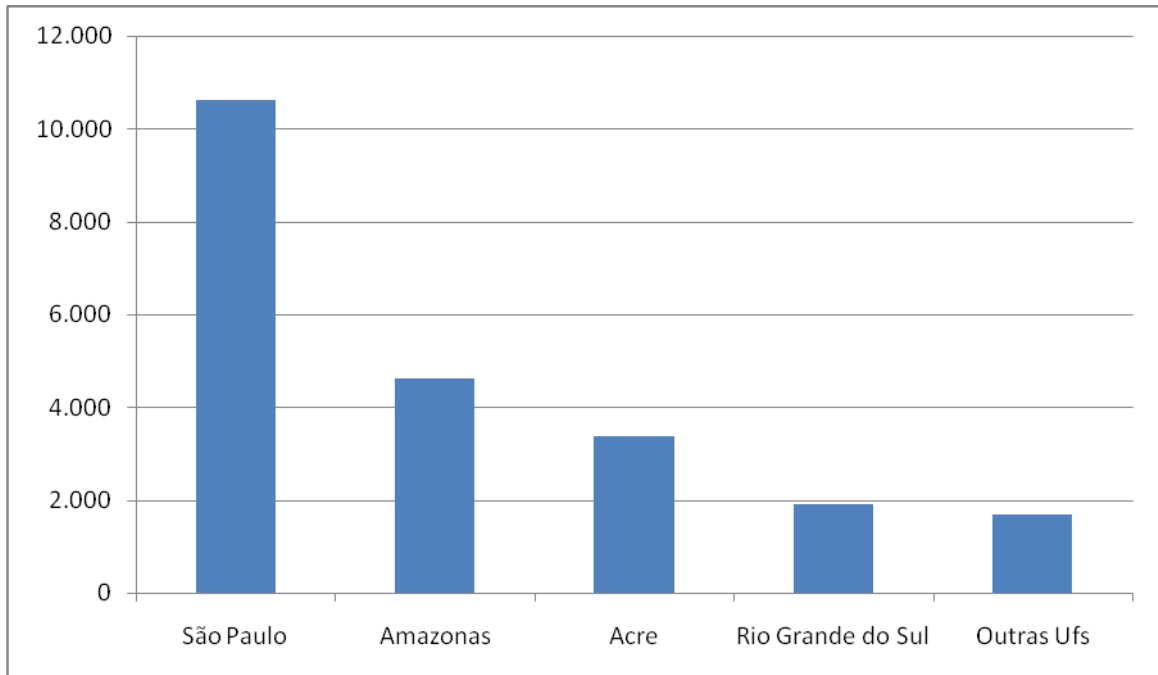
Gráfico 8 - Número de haitianos com registros permanentes, segundo ano de registro, 2000-2014



Fonte: Departamento de Polícia Federal, Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

Já em relação ao número de registros permanentes segundo a unidade da federação de entrada no Brasil (gráfico 9), observa-se que, como já citado anteriormente, os estados do Amazonas e do Acre constituem-se como destaques. O Amazonas apresentou, no período, 4611 registros, já o Acre, 3.372 registros. Como maior destaque, está São Paulo, com um total de 10.605 registros permanentes.

Gráfico 9 – Número de haitianos com registros permanentes, segundo UF de entrada, Brasil, 2000-2014

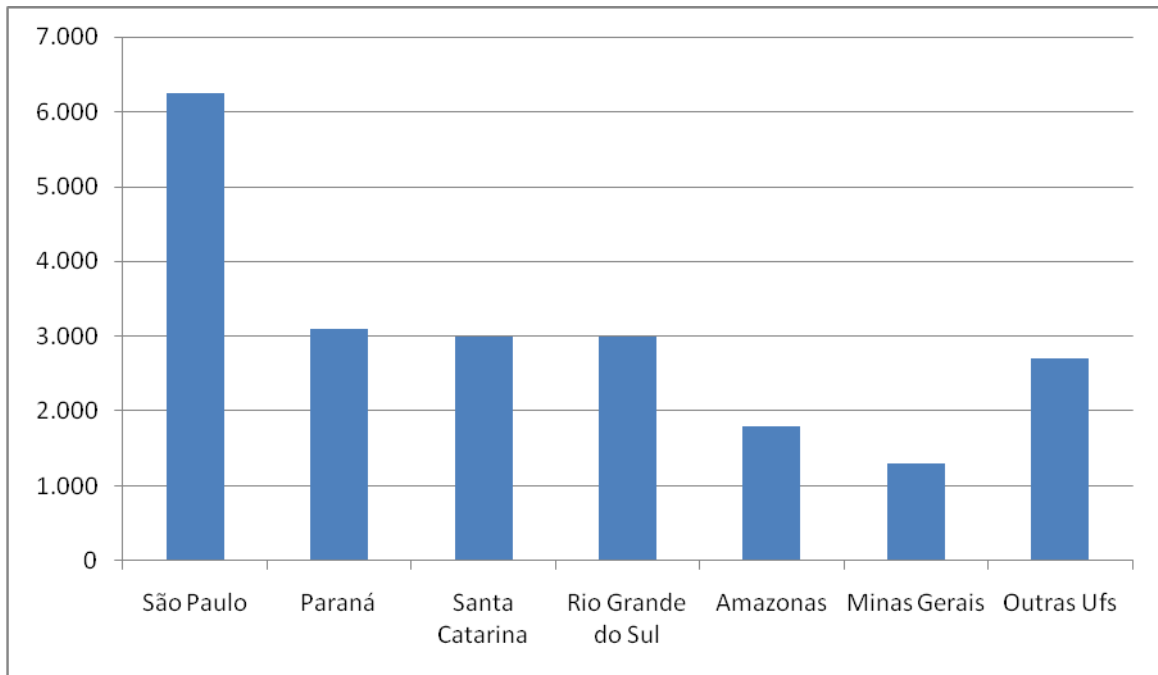


Fonte: Departamento de Polícia Federal, Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros apud CAVALCANTI et al (2015).

No tocante à região sul, nota-se que o Rio Grande do Sul se constitui como importante ponto de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil, com 1.912 registros no período.

O gráfico 10 mostra o número de haitianos com registro permanente segundo unidade da federação de residência, no período de 2000 a 2014. Cabe destaque para São Paulo, com mais de seis mil registros. Além disso, os três estados da região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) aparecem, cada um, com cerca de 3.000 mil registros. Os dados convergem, possibilitando-nos inferir o destino dos imigrantes haitianos em direção ao sul do Brasil, tendo em vista a possibilidade de oferta no mercado de trabalho, principalmente na agroindústria (MAMED, 2016).

Gráfico 10 – Número de haitianos com registro permanente, segundo unidade da Federação de residência, por ano de registro, Brasil, 2000-2014.

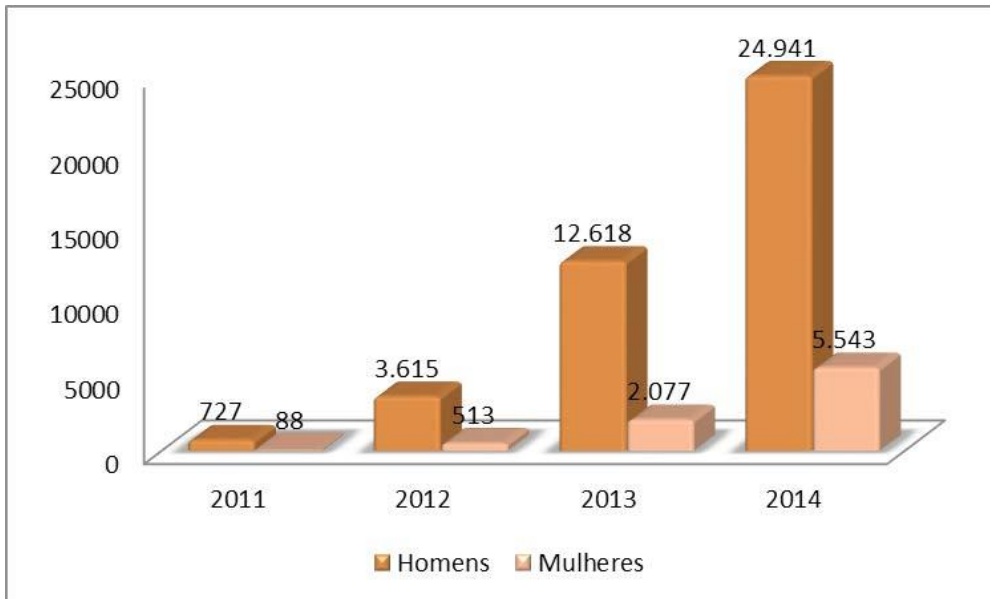


Fonte: Departamento de Polícia Federal, Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

Ao se ponderar que a principal motivação da migração dos haitianos em relação ao Brasil seja em virtude do trabalho, o gráfico 11 possibilita observar esse fato. No período de 2011 a 2014, quanto aos imigrantes com vínculo formal de trabalho, segundo sexo, temos, a predominância da presença de homens, em todos os anos.

No total, 50.122 haitianos apresentaram registro formal de trabalho no período de 2011 a 2014. Do total, 8.221 eram mulheres e 41.201 homens. Percebe-se, então, um perfil majoritariamente masculino no mercado de trabalho brasileiro, convergindo com o perfil necessário ao trabalho nos frigoríficos.

Gráfico 11 – Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo sexo, Brasil, 2011-2014.

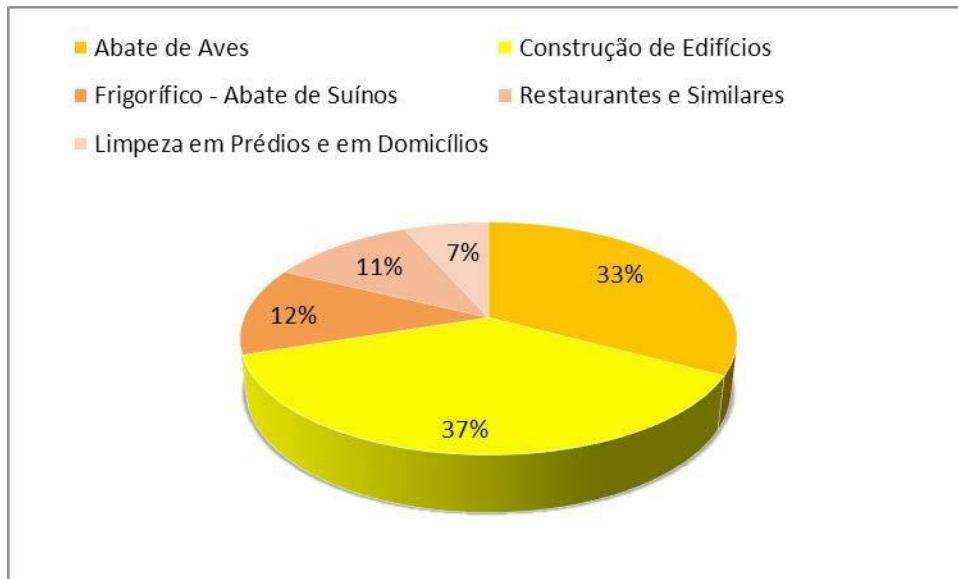


Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/ Ministério do Trabalho e Previdência Social apud TONHATI, CAVALCANTI e OLIVEIRA (2016).

Em relação aos imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho e suas respectivas atividades produtivas (gráfico 12), há cinco atividades predominantes: Abate de Aves, Construção Civil, Frigoríficos - Abate de Suínos, Restaurantes e Similares e Limpezas em prédios e em domicílios.

A atividade que mais empregou os imigrantes haitianos foi a Construção de Edifícios, com 37% do total. Logo após vêm o Abate de Aves, com 33%, seguido do setor frigorífico – abate de suínos, com 12%. Restaurantes e Similares têm 11% do total e Limpeza em prédios e em Domicílios tem 7%.

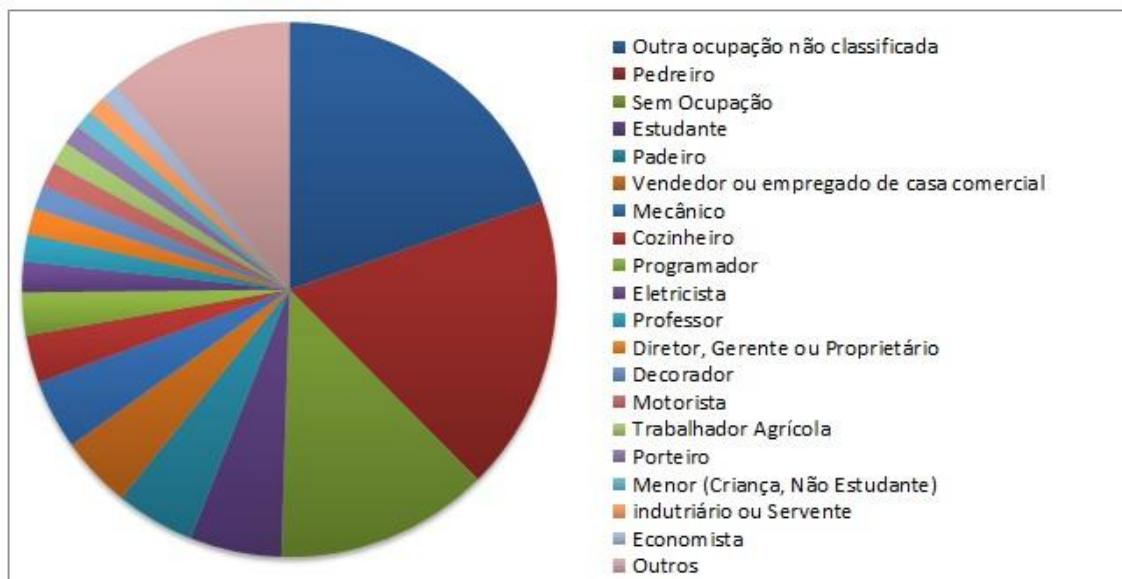
Gráfico 12 – Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo a atividade econômica, Brasil, 2011-2014



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/Ministério do Trabalho e Previdência Social apud TONHATI et al (2016b).

Mesmo havendo uma tendência do emprego dos imigrantes haitianos nas atividades supracitadas anteriormente, os mesmos trazem consigo uma série de experiências, advindas de diversas profissões exercidas em seu país, como mostra o gráfico 13.

Gráfico 13 – Ocupação declarada pelos imigrantes haitianos ao se registrarem na Polícia Federal



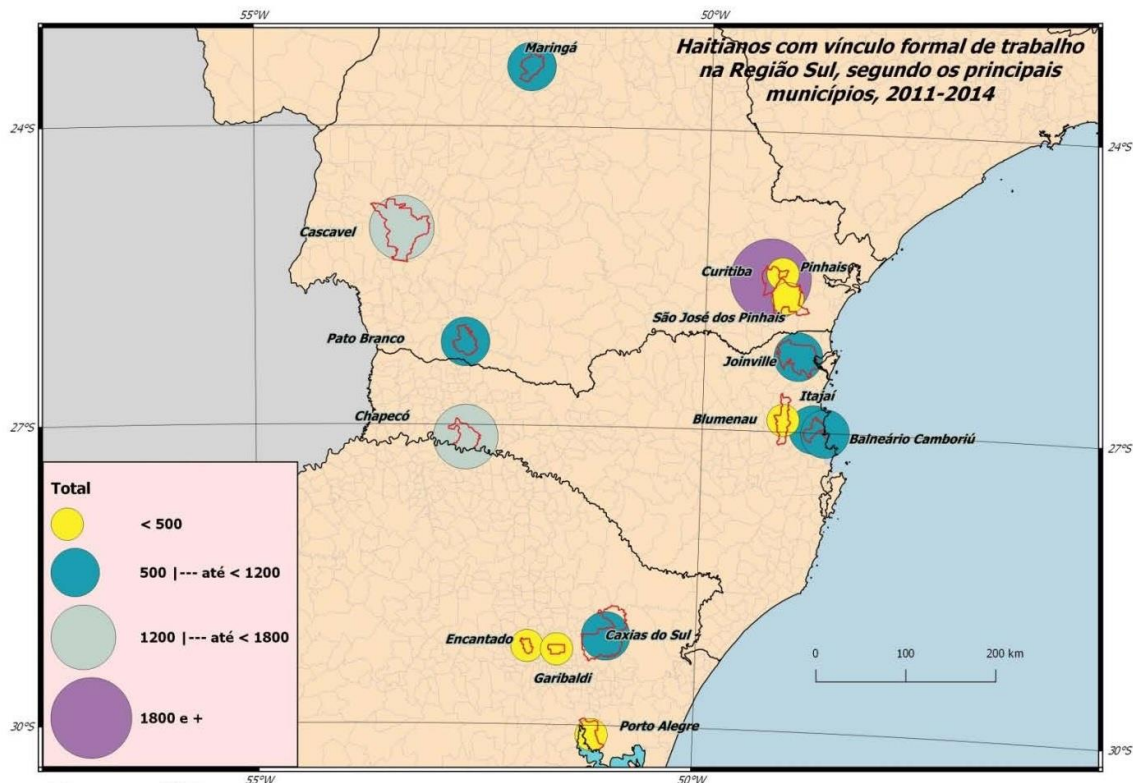
Fonte: Instituto Migrações e Direitos Humanos - IMDH (2016).

Percebe-se, a partir da análise do gráfico 13, que apresenta uma variedade de profissões, que o trabalho dos imigrantes haitianos no Brasil, é reduzido a um grupo muito limitado de ocupações, contribuindo para um inserção laboral precarizada dos imigrantes.

Ao se referir à Região Sul do Brasil é possível visualizar na Figura 9 a concentração de emprego da mão de obra de haitianos em determinados municípios. Por exemplo, no período de 2011 a 2014, Curitiba aparece como o município da Região Sul que mais empregou haitianos, com 3.385 postos (RAIS/MTPS, 2015). Além de Curitiba no Paraná, aparecem Cascavel com 1.515 postos, Maringá com 897 e Pato Branco com 758.

Observando-se a figura 9, constata-se que em Santa Catarina destaca-se Chapecó, Joinville, Balneário Camboriú, Blumenau e Itajaí. No Rio Grande do Sul destaca-se Caxias do Sul, Encantado, Garibaldi e Porto Alegre. Fato comum para a presença haitiana nas localidades supracitadas dos três Estados é que em quase todas há a presença de frigoríficos de abate de frangos e suínos.

Figura 9 – Haitianos com vínculo formal de trabalho na Região Sul, segundo os principais municípios, 2011-2014



Fonte: RAIS/MTPS, 2011-2014.

No tocante ao emprego em determinada atividade econômica, no período 2011-2014 (Tabela 9), na Região Sul, observa-se que o estado do Paraná é o que mais absorve a mão de obra haitiana nas atividades. Por exemplo, no total, em relação ao abate de aves, foram registrados 2.910 imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho no Paraná, seguido por 1.013 em Santa Catarina e 971 no Rio Grande do Sul.

Tabela 9 – Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo principais atividades econômicas, PR, SC e RS, 2011-2014

Atividade Econômica – Total de 2011- 2014	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	Total
Abate de Aves	2910	1013	971	4894
Construção de Edifícios	998	1031	836	2865
Restaurantes e Similares	535	917	347	1799
Comércio Varejista de Mercadorias em Geral,	242	493	186	921
Fabricação de Produtos de Carne	160	382	126	668
Fabricação de Móveis com Predominância de Madeira	196	227	83	506
Lanchonetes, Casas De Chá, de Sucos e Similares	231	179	122	532
Frigorífico - Abate de Suínos	163	177	121	461
Limpeza em Prédios e em Domicílios	205	165	176	546

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/Ministério do Trabalho e Previdência Social apud TONHATI et al (2016b).

Além disso, observando-se a tabela 9, nota-se que teve destaque no estado do Paraná a Construção de Edifícios, com 998 postos de trabalho. O emprego em restaurantes e similares apresenta a geração de 535 postos de trabalho, enquanto que o emprego no abate de suínos concentrou 163 postos no estado. No total, nos três Estados, a atividade que mais gerou postos de trabalho foi o abate de aves (4.894), seguido pela Construção de Edifícios (2.865) e por Restaurantes e Similares (1.799).

4 A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA CASCAVEL/PR

O município de Cascavel passa a ser rota da imigração haitiana no Brasil a partir de 2012. As informações, além de contar com registro em órgãos oficiais, também estão presentes em jornais de circulação local e regional.

Desse modo, em 2012, foi registrada a chegada de 44 haitianos – sendo 41 homens e 3 mulheres - em Cascavel. Os imigrantes foram contratados para a construção de um hospital e de um novo bloco de uma faculdade particular do município. Logo, sabe-se que

O grupo estava refugiado na cidade de Brasiléia, na fronteira do Acre com a Bolívia, desde o início de dezembro. Após chegar ilegalmente ao país em busca de emprego, os imigrantes foram procurados para trabalhar de forma legal. Na capital do Acre, Rio Branco, todos tiveram a documentação regularizada e receberam CPF, Carteira de Trabalho e passaporte. (JORNAL HOJE, 31/01/2012)

O discurso empregado pelos veículos de comunicação, em relação à presença haitiana no município de Cascavel, vai de encontro com a questão da carência de mão de obra nas principais atividades produtivas do município: Agroindústria (por meio dos frigoríficos) e construção civil. Como exemplo, tem-se

[...] Há seis meses nós procuramos mão de obra e não conseguimos suprir toda a necessidade. Mas o que pesou muito também foi a questão social, explica o engenheiro responsável pelas obras, Carlos Oya. O contato com os estrangeiros foi intermediado pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Acre. O estado é a principal porta de entrada dos haitianos no Brasil. (GAZETA DO POVO, 30/01/2012)

Desde então, estima-se que a presença haitiana em Cascavel se deve à possibilidade de sua inserção no mercado de trabalho. Os imigrantes que se dirigiram ao município posteriormente, o fizeram em virtude da contratação na fronteira do Acre e/ou por meio de informações com outros imigrantes por intermédio das redes sociais.

Martins et al (2014) em pesquisa quantitativa, trata da migração haitiana no município de Cascavel, colocando que o fator primordial da presença dos imigrantes é por conta das atividades laborativas. Desse modo, “[...] se pode afirmar que o fenômeno da imigração haitiana para o município de Cascavel está estreitamente relacionado à indústria da alimentação” (MARTINS et al, 2014, p. 5).

Além disso, defende que a presença haitiana ocorre a partir da demanda local dos frigoríficos, com sua expansão e consolidação no mercado internacional. Assim, coloca que os imigrantes haitianos:

[...] vieram substituir o trabalhador nacional, que já não se submete ao trabalho estafante nos frigoríficos. Falta mão de obra no setor. Para contornar o problema, os empresários recorriam aos trabalhadores dos municípios vizinhos, o que implicava uma elevação dos custos com transporte e moradia (MARTINS et al, 2014, p. 6)

Então, a mão de obra haitiana surge, na época (a partir de 2012), como solução para o problema da carência de mão de obra das atividades produtivas em ascensão no município. Desse modo,

[...] a migração haitiana veio a calhar para os empresários do setor. No princípio os haitianos foram buscados no Acre, por onde a maioria deles ingressou no Brasil. Posteriormente, tendo se estabelecido no município de Cascavel, os próprios haitianos passaram a chamar amigos e parentes em razão da oferta de emprego nos frigoríficos. (MARTINS et al, 2014, p. 6)

Há, com isso, uma consolidação do fenômeno migratório haitiano no município de Cascavel, havendo, cotidianamente, ano a ano, a partir de 2012, uma maior presença dos imigrantes nos diferentes espaços do município. Considerando-se o mercado trabalho como motivador desse fenômeno:

Não é exagero afirmar que eles fazem parte de um exército mundial de trabalhadores da indústria da alimentação, e que Cascavel se converteu no elo de uma cadeia produtiva global, cujo produto é exportado para mais de 150 países. (MARTINS et al, 2014, p. 6)

Dessa forma, há a consolidação do fluxo migratório de haitianos para Cascavel. Assim, em 2012 viviam em Cascavel 97 haitianos, já em 2013, o número salta para 279 e, em 2014, para 599 imigrantes (SINCRE, 2014). Em 2016, o município contava com uma população de 2.023 haitianos.

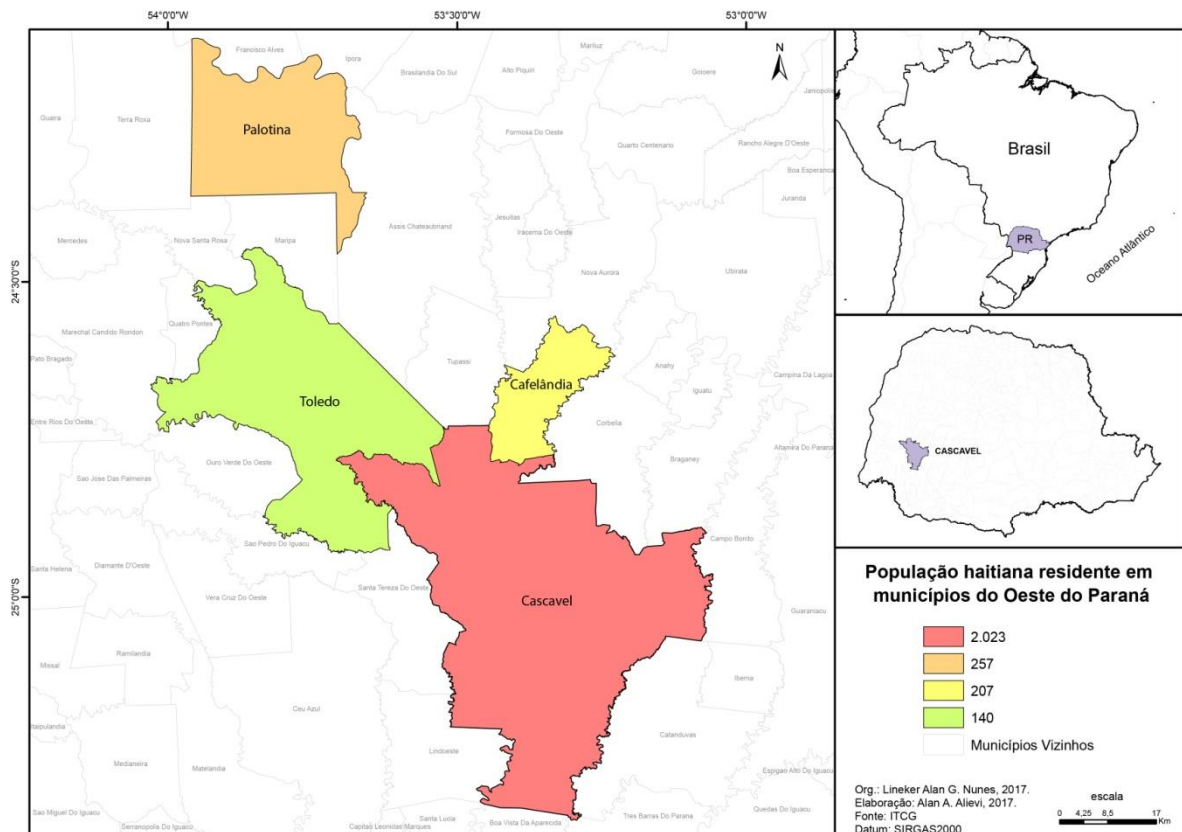
Ao comparar Cascavel com outros municípios da Mesorregião Oeste do Paraná (tabela 10), observa-se grande discrepância entre os municípios em relação aos migrantes, havendo, em Cascavel, uma maior presença dos imigrantes haitianos.

Tabela 10 - População haitiana residente em municípios do Oeste do Paraná – 2016

Município	Nº de Haitianos
Cascavel	2.023
Palotina	257
Cafelândia	207
Toledo	140

Fonte: Polícia Federal em Cascavel, 2016.

No mesmo sentido, a figura 10 mostra, a partir dos dados da tabela 10, a distribuição da população haitiana nos municípios supracitados.

Figura 10 – População haitiana residente em municípios do Oeste do Paraná - 2016

Fonte: Elaboração de Aleivi (2017) e organização de Nunes (2017).

Observa-se um acentuado número da população haitiana em Cascavel (2.023), quando comparamos o município a Palotina (257), Cafelândia (207) e

Toledo (140). Pondera-se que a presença dos imigrantes haitianos nos outros municípios se dá, assim como em Cascavel, em função do mercado de trabalho.

Em todos os municípios elencados na tabela 10, o ponto em comum é a presença de frigoríficos. Em Palotina, fica o frigorífico da C. Vale Cooperativa Agroindustrial. Em Cafelândia, fica o frigorífico da Copacol e em Toledo o frigorífico da Sadia.

Quanto à distribuição dos imigrantes haitianos no município de Cascavel, por bairros, podemos observar na tabela 11, a concentração dos imigrantes, em grande parte, nos bairros Alto Alegre, Coqueiral, Santa Cruz e Brasília.

Tabela 11 - População haitiana por bairros em Cascavel/PR - 2016

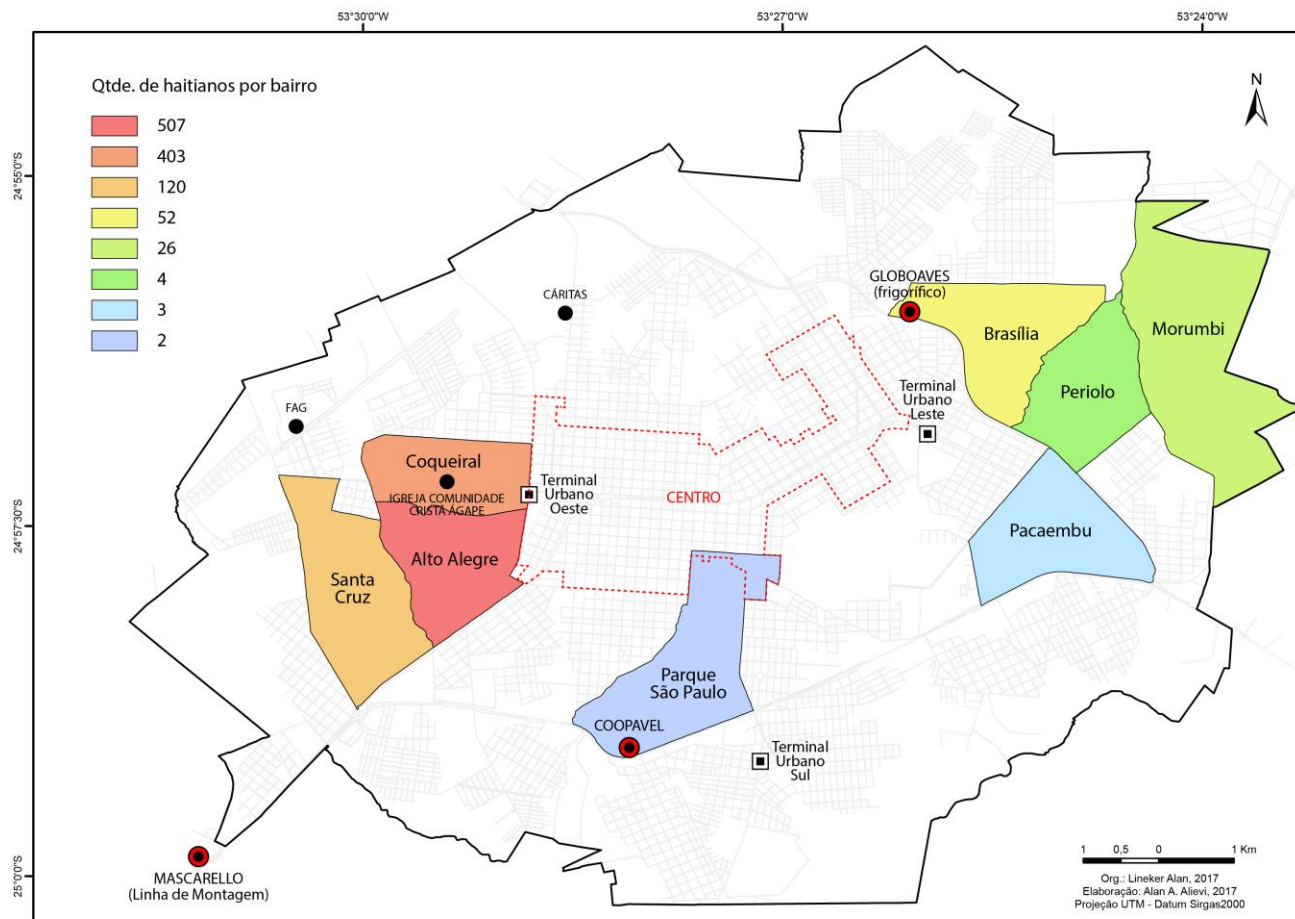
Bairro	Nº de Haitianos
Alto Alegre	507
Coqueiral	403
Santa Cruz	120
Brasília	52
Morumbi	26
Períolo	4
Pacaembu	3
Parque São Paulo	2
TOTAL	1.117

Fonte: Polícia Federal em Cascavel (2016)¹³

Do mesmo modo, a figura 11 mostra a distribuição territorial dos imigrantes haitianos em Cascavel, conforme dados constantes na tabela 11.

¹³Os dados informados na tabela não se referem à totalidade do número de imigrantes haitianos residentes em Cascavel. Outrossim, mostram os dados informados pela Polícia Federal em Cascavel.

Figura 11 – Distribuição territorial dos imigrantes haitianos em Cascavel/PR¹⁴



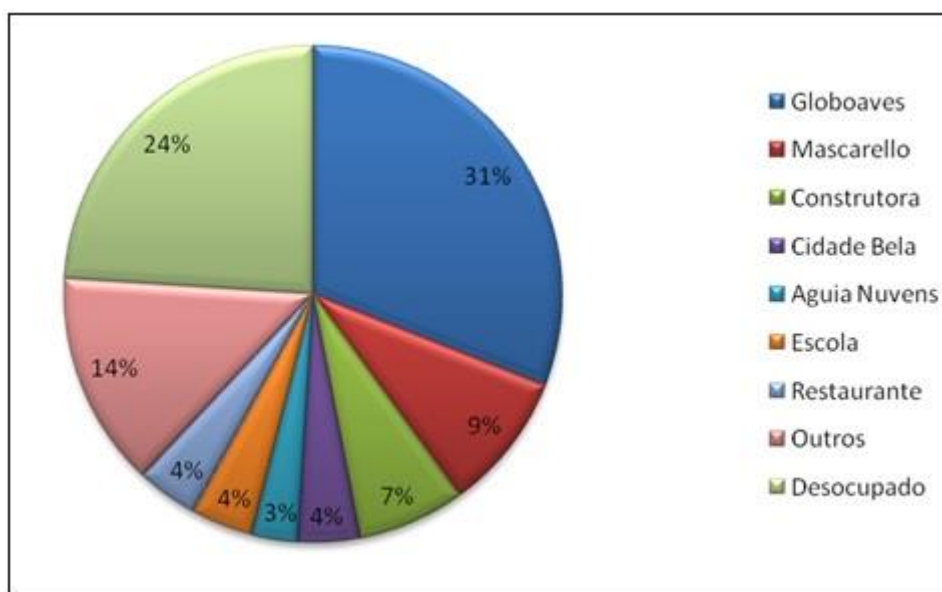
Fonte: Elaboração de Alievi (2017) e organização de Nunes (2017).

¹⁴ A área representada refere-se ao perímetro urbano do município de Cascavel/PR.

Percebe-se claramente a distribuição da população haitiana nas proximidades dos terminais urbanos do município, pensando-se que sua localização, nas proximidades dos terminais, tende a facilitar a mobilidade no município.

Já em relação à ocupação dos imigrantes haitianos em Cascavel, Martins et al (2014) mostra, com base em 70 entrevistas, as empresas identificadas, onde os imigrantes haitianos se inserem no mundo do trabalho do município (gráfico 14).

Gráfico 14 - Haitianos em Cascavel - Empresa onde trabalha

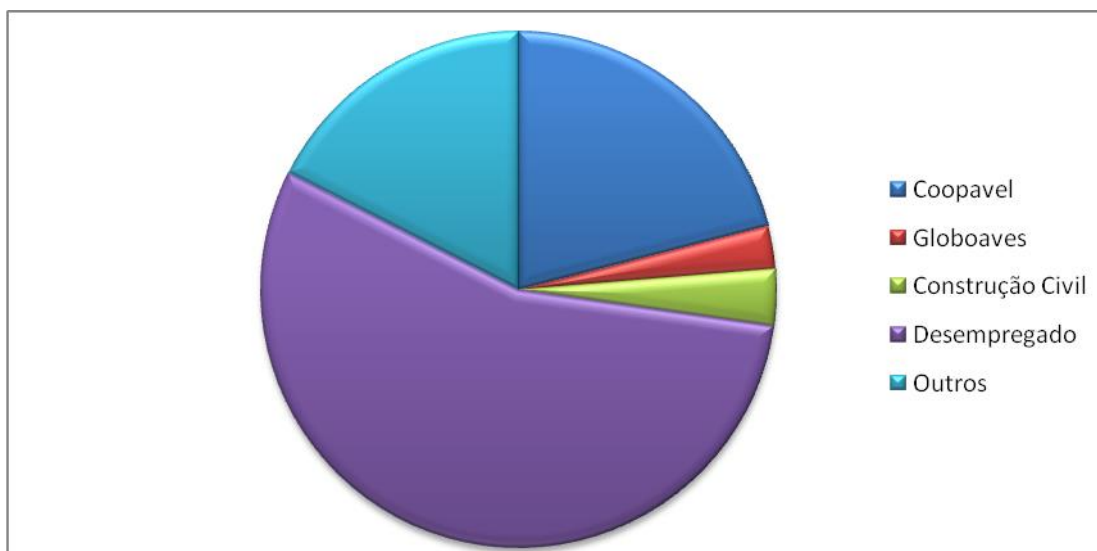


Fonte: Martins et al, (2014, p. 14).

Observa-se que a concentração da mão de obra haitiana se dá principalmente no setor industrial, com a Globoaves e a Mascarello (Montadora de ônibus do município), concentrando 40% do total de empregos, em relação aos entrevistados. Logo após, há uma predominância do ramo da construção civil (Construtora, Cidade Bela, Águia Nuvens) e de atividades do setor de serviços (Escola, Restaurante), concentrando 22% do total. Também, há os que não se encontravam trabalhando, sendo 24% do total.

Em relação ao trabalho dos imigrantes haitianos em Cascavel (gráfico 15) com base nos dados da Cáritas Cascavel¹⁵, nos anos de 2015, 2016 e 2017, mostram uma mudança considerável em relação aos dados apresentados no gráfico 14.

Gráfico 15 - Ocupação dos imigrantes haitianos em Cascavel - 2015, 2016 e 2017¹⁶



Fonte: O próprio autor, a partir de dados da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel (2017).

O número total da amostra do gráfico 15 é de 257 pessoas. Nota-se que a grande maioria (55% ou 142 pessoas), encontravam-se desempregadas, enquanto que 21% trabalhavam na Coopavel, 4% na construção civil, 3% na Globoaves e 18% em outras atividades (Restaurantes, hotéis, Postos de combustíveis, madeireiras, dentre outros).

Deve-se atentar ao grande número de imigrantes haitianos que se encontravam ou encontram-se desempregados no município. Observa-se uma menor absorção da mão de obra imigrante nas atividades produtivas tradicionais, mostrando uma mudança no cenário e no mundo do trabalho para o imigrante haitiano.

¹⁵ A Cáritas constitui-se como uma rede solidária, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No Brasil, foi fundada em 1956 e está presente em 18 estados e em 164 países. Atua na promoção da economia solidária, segurança alimentar e nutricional, bem como na construção do desenvolvimento local, solidário e sustentável (CÁRITAS BRASILEIRA, 2017).

¹⁶ Os dados foram gentilmente cedidos pela Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, a partir do atendimento aos imigrantes haitianos e seu posterior cadastro. Os dados de 2017 referem-se aos imigrantes que procuraram a entidade até o mês de maio.

Pode-se verificar uma homogeneidade em relação a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho. Ao se considerar a amplitude de profissões possíveis que compõem o mercado de trabalho, as ocupações dos imigrantes haitianos ficam restritas à apenas alguns setores que carecem de mão de obra.

Foram informadas, nas fichas da Cáritas Cascavel, algumas profissões exercidas pelos imigrantes haitianos em seu país de origem: Pedreiro, Repórter, Pintor, Secretária, Massagista, Soldador, Mestre de obras, Artista plástico, Pintor, Eletricista, Motorista, Costureira, Babá, Esteticista, Estudante, Metalúrgico, Professor de informática, Cabeleireiro, Mecânico.

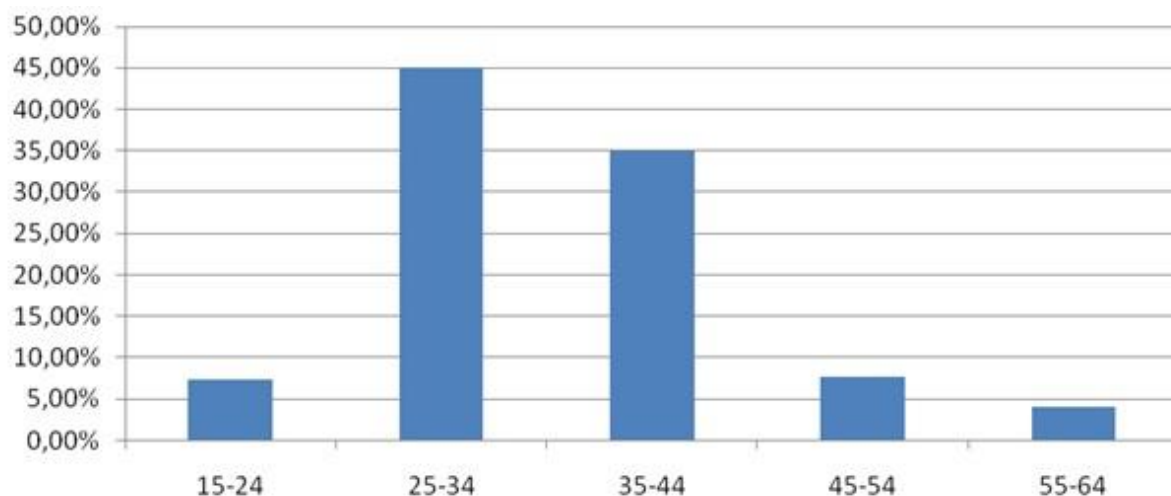
É possível identificar que os migrantes trazem consigo uma série de aptidões e competências, contudo, os imigrantes haitianos não encontram, no mercado de trabalho em Cascavel, meios para desenvolver suas potencialidades. Reduz-se o trabalho dos imigrantes ao trabalho nos frigoríficos, construção civil, dentre outros.

Com isso, obstáculos que normalmente impedem a entrada do imigrante no mercado de trabalho, podem tornar-se maiores, como, por exemplo, a questão da língua, escolaridade (e falta de instituições que validem o diploma em Cascavel), preconceito racial, dentre outras.

Ao se pensar em traçar um perfil dos imigrantes haitianos em Cascavel, buscou-se levantar as seguintes informações: idade, sexo, profissão, bairro, dentre outras, para assim, possibilitar conhecer, de maneira geral, as características dos imigrantes que buscam atividades laborativas no município¹⁷.

Desse modo, o gráfico 16 mostra a percentagem de imigrantes haitianos no município, por idade. Observa-se grande predominância de duas faixas etárias: 25-34 anos (45% do total) e 35-44 anos (35% do total). A faixa etária que compreende os imigrantes com 55-64 anos é a que apresenta menor percentagem de pessoas, 4% do total.

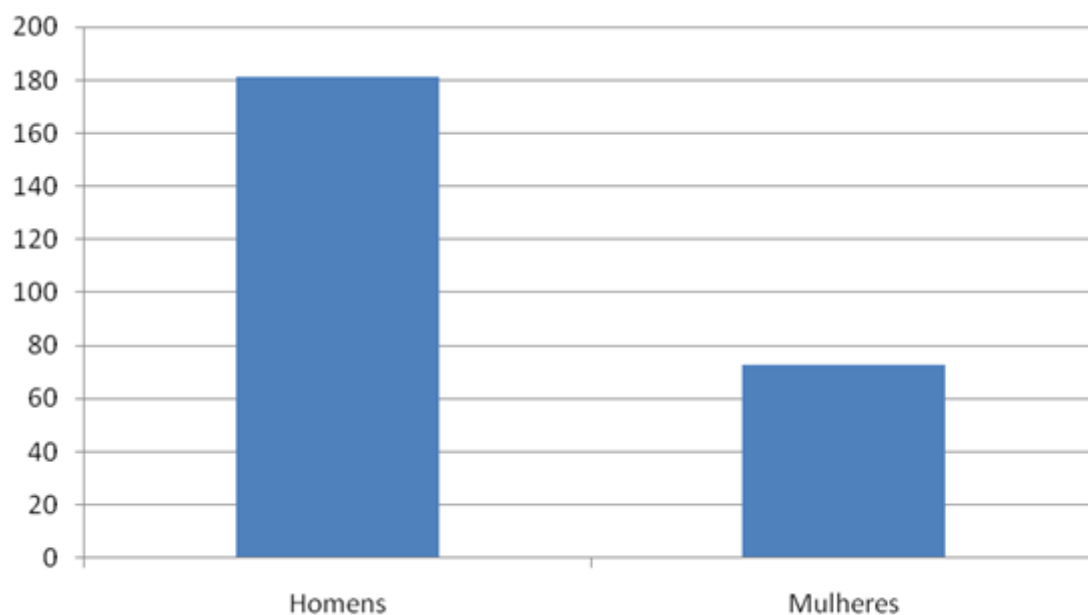
¹⁷ As informações foram retiradas de cadastros realizados pela Cáritas Cascavel nos anos de 2015, 2016 e até maio de 2017.

Gráfico 16 – Percentagem de imigrantes haitianos em Cascavel, por idade

Fonte: O próprio autor, a partir de dados da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel (2017).

Outro ponto importante a ser ressaltado, a partir das informações do gráfico 16, é que a maioria dos imigrantes consultados se encontram em idade economicamente ativa, sendo mão de obra ociosa e disponível.

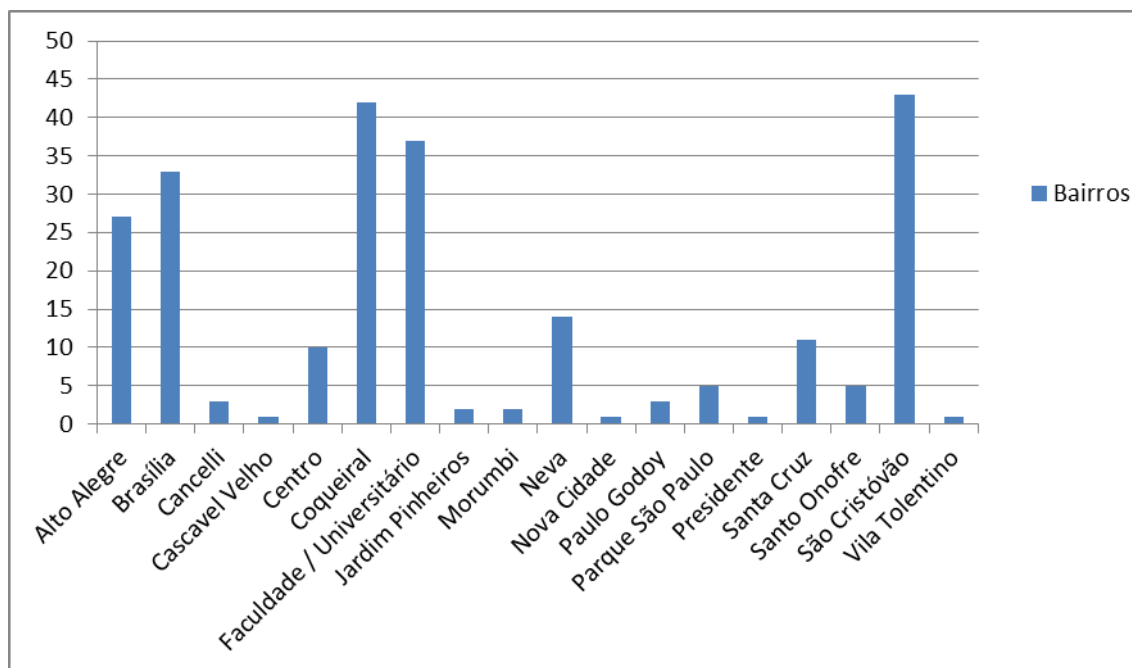
Em relação ao sexo, a partir do gráfico 17 constata-se que, majoritariamente, os imigrantes haitianos em Cascavel são compostos por homens. Do total da amostra, 181 são homens e 73 são mulheres. Assim, cerca de 70% correspondem a homens e 30% a mulheres.

Gráfico 17 – Haitianos em Cascavel, por sexo, 2015-2016-2017

Fonte: O próprio autor, a partir de dados da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel (2017).

Levando-se em consideração as ocupações em que estão inseridos os imigrantes, o emprego disponível aos imigrantes assume características que tendem ao emprego da mão-de-obra masculina nas atividades.

Em relação aos bairros onde se localizam os imigrantes haitianos, com base das informações obtidas na Cáritas, (gráfico 18) destacam-se os bairros São Cristóvão, Coqueiral, Faculdade/Universitário, Brasília e Alto Alegre. Nesse sentido, percebe-se que a distribuição vai de encontro com os dados informados pela Polícia Federal (Tabela 11, figura 11). Portanto, os dados das duas fontes consultadas convergem sobre a realidade da distribuição territorial dos migrantes em Cascavel.

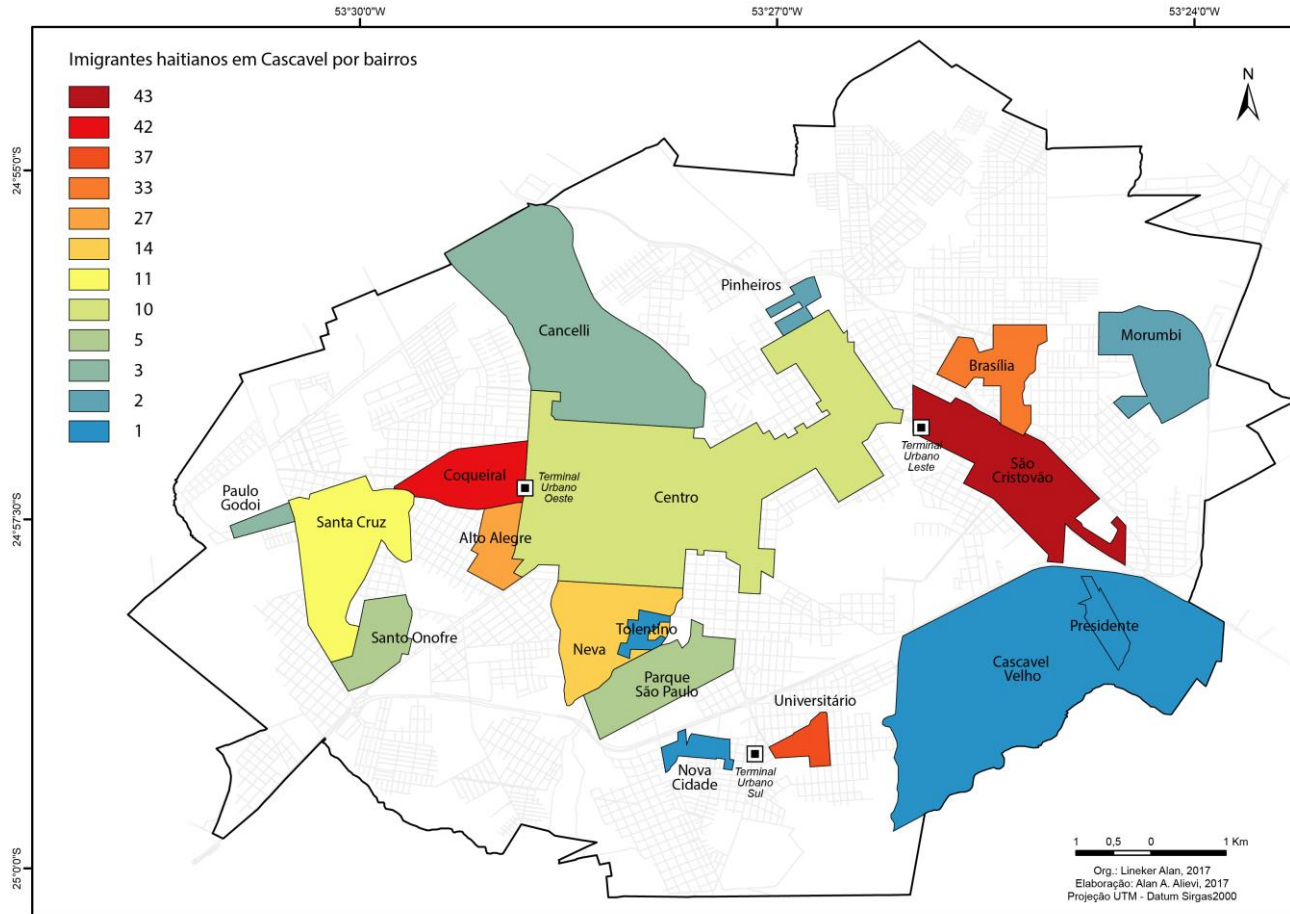
Gráfico 18 - Imigrantes haitianos em Cascavel, por bairros – 2015, 2016 e 2017

Fonte: O próprio autor, a partir de dados da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel (2017).¹⁸

A fim de melhor espacializar a distribuição dos imigrantes haitianos em Cascavel, a partir dos dados encontrados no gráfico 18, a figura 12 mostra mais detalhadamente esse dado.

¹⁸ Algumas pessoas não informaram o bairro de residência, deixando o espaço em branco.

Figura 12 – Distribuição territorial dos imigrantes haitianos em Cascavel/PR, por bairros¹⁹



Fonte: Elaboração de Alievi (2017) e organização de Nunes (2017).

¹⁹ Os dados constantes no mapa advêm das informações da Cáritas Arquidiocesana de Cascavel.

Pode-se destacar, em relação à distribuição dos imigrantes haitianos sua concentração nos bairros Faculdade/Universitário, Coqueiral e São Cristóvão. Acredita-se que a concentração se deve à presença do Terminal Urbano Sul, Leste e Oeste, facilitando a locomoção.

A partir dos dados apresentados, observa-se uma tendência no perfil do imigrante haitiano em Cascavel. Consta-se que os imigrantes são inseridos numa gama muito reduzida de atividades laborativas, sendo relegados aos mesmos o trabalho nos frigoríficos, construção civil e atividades que não necessitam de capacitação profissional ou nível de escolaridade superior.

Também, procuram o município de Cascavel, imigrantes em idade economicamente ativa, sendo a maioria do sexo masculino. A tendência é que, a partir desse perfil, os imigrantes sejam empregados nas atividades laborativas supracitadas.

Além disso, a distribuição dos imigrantes haitianos, por bairros, no município de Cascavel, mostra a concentração em bairros periféricos, dotados de precária infraestrutura.

4.1 IMIGRANTES HAITIANOS EM CASCAVEL: CONQUISTAS E DESAFIOS

A partir da presença dos imigrantes haitianos em Cascavel e de seu contato com a sociedade local, com o passar do tempo, são realizadas ações que buscam a inserção dos imigrantes haitianos no município. Do mesmo modo, percebe-se a construção de uma “territorialidade haitiana” em Cascavel, a partir, por exemplo, de restaurante de comidas típicas do Haiti, igreja composta somente por haitianos, atos públicos, dentre outros.

Nesse sentido, cabe citar alguns eventos que contribuem para essa construção.

Em abril de 2014, ocorreu o I Encontro de Imigrantes haitianos em Cascavel. O encontro visava discutir a coordenação de uma futura Associação, como também ações pertinentes ao dia da bandeira do Haiti. Assim,

A reunião aconteceu na Câmara de Vereadores e contou com a presença de cerca de 30 haitianos. Neste início de organização, a associação contará com uma direção provisória com prazo de um ano. Dividida por coordenações, a entidade irá elencar demandas dos haitianos na cidade, em especial nas áreas trabalhistas, de documentação, saúde e educação (CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL, 2014)

A ação é considerada uma das primeiras mobilizações da comunidade haitiana em Cascavel. Tendo a presença dos primeiros imigrantes no município em 2012, dois anos depois, urge a necessidade de organização, a fim de levantar as demandas e carências da comunidade haitiana em Cascavel.

A Associação não se encontra em atividade desde 2016, após a saída de alguns integrantes e da migração para outros estados do Brasil e para outros países, como o Chile e Estados Unidos.

Desde 2014, é comemorado em Cascavel o Dia da Bandeira do Haiti. Tradicionalmente comemorado no dia 18 de maio, o dia simboliza a luta pela independência (oficializada em 18 de maio de 1803), frente a França, travada pelo povo haitiano.

A comemoração se dá a partir de desfiles pelas ruas da cidade, com cânticos tradicionais do Haiti. Sabe-se que “[...] em Cascavel, na região Oeste do estado, os haitianos comemoraram a data com um desfile pelas ruas da cidade. Cerca de 120 imigrantes participaram do ato e, entusiasmados, cantaram o hino do país” (CRUZ, 2014), (Figura 13).

Figura 13 – Comemoração do dia da bandeira do Haiti em 2014, em Cascavel.



Fonte: CRUZ, 2014.

Em Cascavel também são encontrados elementos que caracterizam o início de territorialidades haitianas. Mesmo que de maneira incipiente, mostram a difusão da cultura, religião e do modo de ser dos imigrantes. Como exemplo, têm-se uma igreja, a qual é frequentada exclusivamente por haitianos e um restaurante de comida haitiana.

Figura 14 – Igreja de haitianos, no bairro Coqueiral, em Cascavel/PR



Fonte: Trabalho de campo (2017).

A igreja é mantida pelos próprios imigrantes haitianos, em parceria com um pastor da Igreja Comunidade Cristã Ágape em Cascavel. Em entrevista com o referido pastor, questionado sobre a ideia da igreja para os imigrantes haitianos, o mesmo informa que:

Então, antes disso eles congregaram conosco, o culto deles era no mesmo local nosso, é ... na parte da manhã, aos domingos pela manhã, mas eles também tinham um trabalho de domingo à tarde, às seis horas também e depois nós locamos um outro local pra eles ali no jardim tropical. Devido ao valor que era muito alto, nós voltamos ali pra onde eles estão agora, que é ali no Coqueiral.

Então ... a igreja paga praticamente 80% da despesa de aluguel pra eles. Eles contribuem com uma pequena parte e nós fizemos a locação no nosso nome também, no nome da igreja. Então, tá sendo um trabalho muito bom, as pessoas tem gostado do trabalho, tem ... eles tem desenvolvido um tipo de comunhão, de relacionamento,

estreitado os relacionamentos, até porque aquela região ali é uma região que tem um grande número de haitianos que moram ali, nas imediações da igreja ali. Esse trabalho começou assim, nós organizando a liderança, ajudando a formação da liderança pra eles né e ... supervisionando o trabalho também, e esse trabalho começou assim ali (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

É evidenciado, no discurso do pastor, a concentração dos imigrantes no bairro Coqueiral (conforme tabela 12). Não é evidenciado, com clareza, o motivo pelo qual os imigrantes constituíram sua igreja, além do locacional, já citado. Possivelmente, as diferenças no modo de vida e de expressão influenciaram na decisão da constituição de uma igreja específica para os imigrantes.

No âmbito institucional, foram realizadas ações que abarcam o imigrante haitiano em Cascavel. Foi aprovado na câmara de vereadores de Cascavel (primeiramente como projeto de Lei e posteriormente como Lei) em 03 de julho de 2017, a Lei 6.728/2017, que institui o “Dia do imigrante haitiano”, a ser comemorado no dia 18 de maio de cada ano (Anexo A). A medida,

[...] atende a uma situação de interesse coletivo e social, tendo em vista a vulnerabilidade deste grupo de imigrantes no Brasil e a necessidade de pensar ações que ajudem os haitianos a inserir-se na comunidade e traga também aos cascavelenses mais conhecimento da cultura e da história destes indivíduos (PREFEITURA DE CASCAVEL, 2017)

O intuito da medida é, de maneira geral, dar mais visibilidade ao imigrante haitiano residente no município por meio de ações educativas, em espaços públicos e de conscientização, com eventos que mostrem aspectos da cultura haitiana. A data do dia do imigrante haitiano coincide com a comemoração do dia da bandeira do Haiti.

Em entrevista com o vereador responsável pela elaboração do projeto, o mesmo aborda as motivações para a criação do projeto, nos trechos a seguir:

A gente começou a desenvolver o trabalho junto com eles. Até um dia eu fui procurado por 2 imigrantes haitianos e comentando né ... que eles gostariam de fazer alguma coisa pra marcar a vinda deles aqui no Paraná, em Cascavel, enfim.
[...] E vim conversando com eles a gente descobriu que o que motivava ainda eles virem pra nossa região é a questão produtiva, as cooperativas né, onde eles, num primeiro momento eles precisavam de trabalhar e aqui como tem essas cooperativas a mão de obra é totalmente braçal, essas coisas, então eles vinham pra esse local.

[...] E daí a gente descobriu que dia 18 de maio é dia da independência lá do Haiti né e a gente propôs daí junto ao município né um projeto de lei, que nós pudéssemos, no dia 18 de maio também, fazer uma ... interligação né com o país local e nós pudéssemos incluir no calendário o dia 18 de maio como o dia do migrante haitiano em Cascavel.

[...] Então nesse dia 18 de maio nós vamos fazer várias atividades voltadas ao migrante, apresentando a cultura deles aqui na cidade, o artesanato deles também que é muito forte, enfim, várias atividades que eles desenvolvem, na cultura deles, aqui para nós. Isso basicamente foi um dos motivos que nos ... é ... começou a propor esse projeto (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

Entende-se que a aprovação do projeto de lei é um importante passo para a construção de mecanismos institucionais que visem uma efetiva inserção dos imigrantes que residem no município. Mas, por outro lado, observa-se que as políticas públicas são deficitárias em relação à sua efetividade.

Já que a referida lei constitui-se numa medida que visa a conscientização da população em relação ao imigrante haitiano, dada a amplitude de sua população em Cascavel. Nesse sentido ações de conscientização são importantes, mas não tocam diretamente no problema principal da efetiva inserção dos imigrantes haitianos no município, que é o trabalho, educação, saúde, lazer, ou seja, pensar o migrante como cidadão com direitos a serem atendidos.

Logo, as políticas públicas a serem outorgadas no município devem ir de encontro ao princípio da efetividade das mesmas, com vista à real inserção do imigrante haitiano nos diferentes espaços (laborais, educacionais, de lazer, dentre outros), podendo então, ser um agente transformador e que contribua para a pujança da sociedade cascavelense.

4.2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS IMIGRANTES HAITIANOS EM CASCAVEL

“Eu sofri também, eu sei que muitos dos haitianos sofreram, mas no jeito que eu sofri eu não me ligo, minha cor não me define. Eu não me preocupo, eu ignoro o ignorante” (fala de imigrante haitiano, 2017)

Diversas são as questões enfrentadas pelos imigrantes haitianos em Cascavel. Dificuldades para conseguir emprego, para estudar ou até mesmo no cotidiano, com casos de racismo contra os imigrantes, o qual fica visível na epígrafe que se inicia este tópico. Mas, também, ressalta-se que trazem consigo uma série de

conhecimentos e experiências que podem (e certamente irão) enriquecer o município, propiciando o início de uma nova dinâmica.

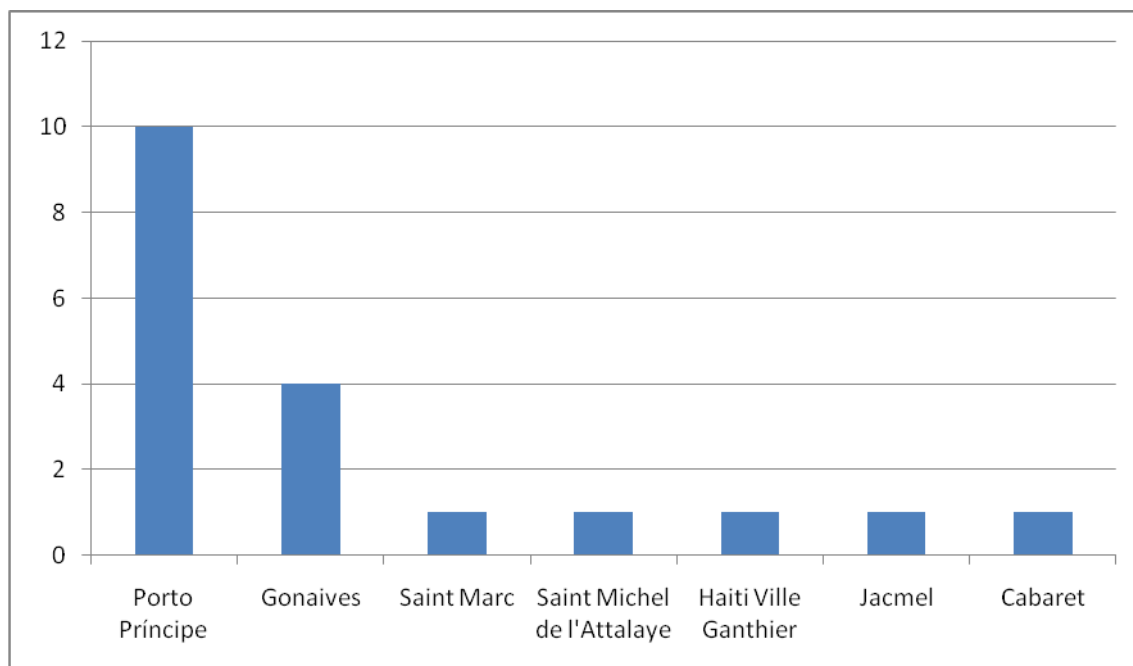
Apesar de todas as questões, os imigrantes lutam, dia a dia, para conseguir uma inserção digna nos diferentes espaços e para mostrar seu valor e suas potencialidades. Aproveitar essas potencialidades, deixando de lado o preconceito arraigado na população brasileira, bem como incentivar e promover políticas públicas que vão de encontro com as necessidades dos imigrantes é de suma importância.

Com isso, no presente subtópico pretende-se, a partir da análise de questionários e de entrevistas realizadas com os migrantes, analisar as condições em relação ao trabalho e questões sócioeconômicas, entre outras, às quais os imigrantes haitianos estão submetidos em Cascavel.

Desse modo, foram aplicados, juntamente aos imigrantes haitianos residentes em Cascavel, uma amostragem de 23 questionários, sendo distribuídos em duas línguas: Português e Francês (Apêndices B e C). Os questionários foram acompanhados de um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

O questionário é composto de 26 perguntas, de cunho qualitativo e quantitativo. As questões pautam-se na tentativa de buscar averiguar a trajetória percorrida pelos imigrantes, sua situação legal em território brasileiro e sua ocupação e condições (gerais) de vida em Cascavel. Isso posto, far-se-á análise das questões respondidas pelos imigrantes.

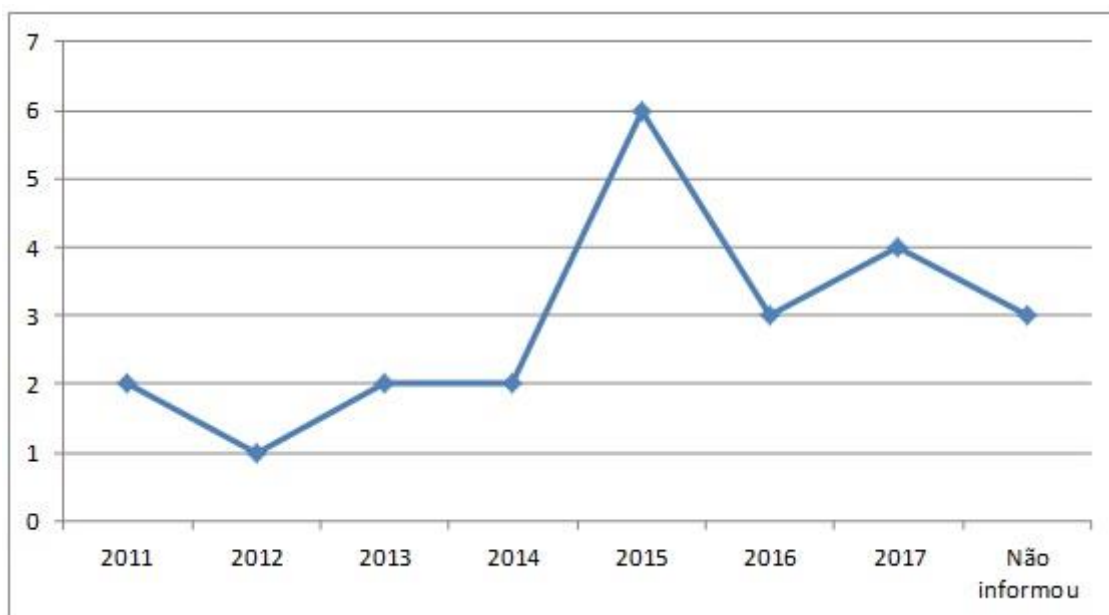
Ao buscarmos averiguar a procedência dos imigrantes haitianos consultados (gráfico 19), observamos a predominância de Porto Príncipe, capital e principal cidade do Haiti. Logo após, aparece Gonaives, quarta maior cidade do país e historicamente marcada por ser o palco da proclamação da independência do país, em 1804, e do fim da ditadura Duvalier, em 1986 (VICENT, 2014).

Gráfico 19 – Cidade de origem dos imigrantes haitianos em Cascavel

Fonte: Trabalho de campo (2017).

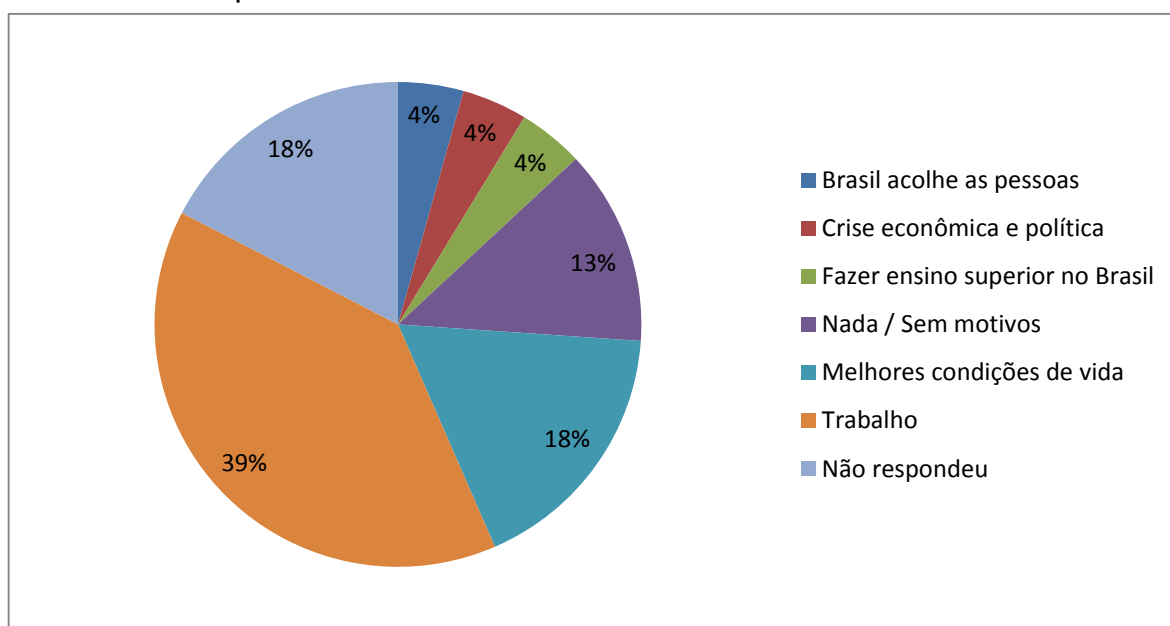
Ao se pensar na temporalidade da migração haitiana para o Brasil e considerando-se os imigrantes consultados, observa-se no gráfico 20, que a maioria chegou no país em 2015. Do mesmo modo, os dados apontam para o início da migração em 2011, sendo presumível, a partir do marco do terremoto de 2010.

Daí em diante, ano a ano, há variações nos fluxos, mas, mesmo assim, apresentam continuidade, mostrando a atratividade do município de Cascavel pelos imigrantes haitianos.

Gráfico 20 – Em que ano veio para o Brasil?

Fonte: Trabalho de Campo (2017).

Nesse sentido, quando questionados sobre as motivações que os levaram a deixar o Haiti, emergem várias proposições, apresentadas no gráfico 21. A principal proposição apresentada é “Trabalho”, sendo 39% das respostas. Logo após, a opção “Melhores condições de vida” apresenta 17% das respostas.

Gráfico 21 – O que o motivou a sair do Haiti?

Fonte: Trabalho de campo (2017).

Também, “Nada/Sem motivos”, aparece com 13% e as proposições “Fazer ensino superior no Brasil”, “Crise econômica e política” e “Brasil acolhe as pessoas” aparecem com 4% das respostas.

As motivações relativas à saída da população haitiana, apresentadas, nos permitem observar como as características socioeconômicas do Haiti impulsionam a população à migração, evidenciadas a partir das respostas apresentadas.

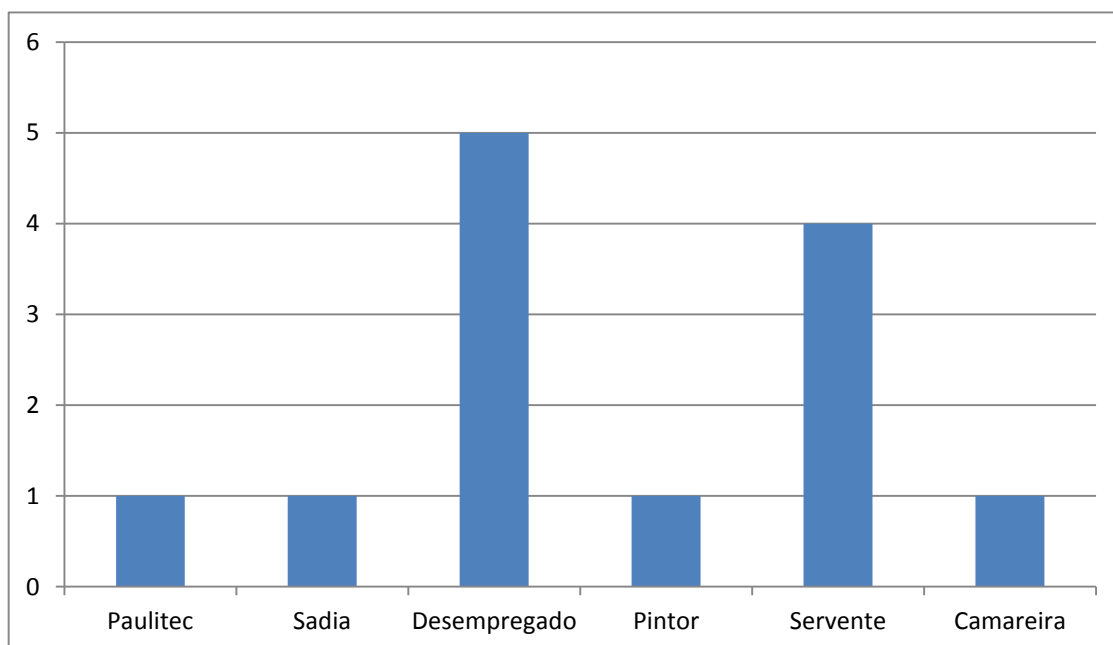
Observa-se que não houveram, nas respostas, referências ao terremoto de 2010 (Ou até mesmo ao furacão Matthew), mas, pode-se inferir que alguns motivos apresentados têm relação com fenômenos naturais, ocasionando uma maior precarização das condições de vida da população haitiana, sendo, por exemplo: “Trabalho”, “Melhores condições de vida”, “Crise econômica e política” (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

Fica evidenciada a visão do Brasil como um país acolhedor, aberto à oportunidades e melhores condições de vida, a partir da resposta “Brasil acolhe as pessoas” (TRABALHO DE CAMPO, 2017). Pode-se inferir que essa resposta tenha relação com o contato da população haitiana com as tropas do exército brasileiro na Minustah.

Quando questionados sobre a profissão exercida no Haiti, foram informadas várias ocupações, podendo-se citar: Alfaiate, Auxiliar de produção, Advogado, Costureira, Eletricista, Estudante, Pedreiro, Pintor, Motorista, Mecânico, Pescador, Professor, Professor de informática, Recepcionista, Vendedor, Vidraceiro, Colocador de telhas (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

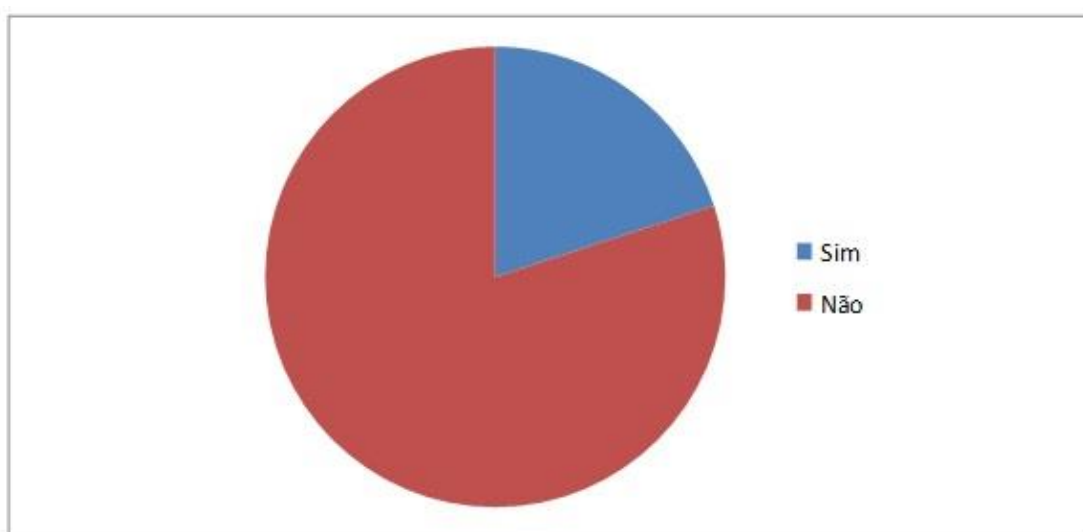
Comparando-se as profissões no Haiti com a ocupação em Cascavel, o gráfico 22 mostra um cenário de desemprego e conseqüente trabalho informal dos imigrantes, sendo que a maioria dos imigrantes consultados encontravam-se desempregados.

Observa-se o emprego na construção civil, mais especificamente na ocupação como Pintor, Pedreiro e na Paulitec (Empresa de construção civil).

Gráfico 22 – Ocupação dos imigrantes Haitianos residentes em Cascavel/PR

Fonte: Trabalho de campo (2017).

Sobre a formação profissional dos imigrantes no Haiti e sua atual ocupação em Cascavel (gráfico 23), quando perguntados: “Essa atividade enquadra-se na sua formação profissional ou no que gostaria de atuar?”, observa-se que 80% dos imigrantes responderam “não” e 20% responderam “sim”.

Gráfico 23 - Essa atividade enquadra-se na sua formação profissional, ou no que gostaria de atuar?

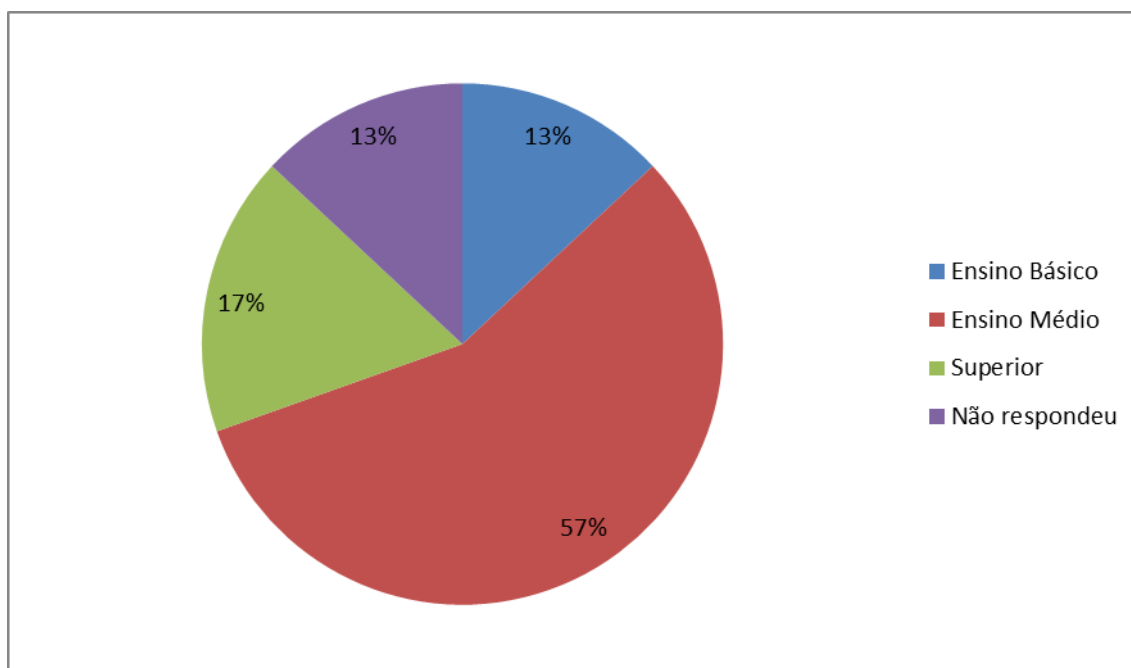
Fonte: Trabalho de campo (2017).

A não inclusão da maioria dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho, em sua profissão original, é uma das questões que merecem destaque. Pode-se considerar que estejam atreladas ao: preconceito racial, xenobia e não-validação do diploma em território brasileiro, portanto, são fatores, dentre outros, que podem contribuir para essa questão.

Associado à esse fato, de como os imigrante se inserem no mercado de trabalho, está a escolaridade. Teoricamente, quanto mais escolaridade apresentar determinado sujeito, maior as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, contudo, percebe-se que o mesmo não ocorre com os imigrantes haitianos.

Nesse sentido, no que se refere à escolaridade dos imigrantes haitianos consultados (gráfico 24), 57% têm o ensino médio, 17% têm o ensino superior e 13% o ensino básico. Não foram averiguados, mas, possivelmente, os imigrantes haitianos podem apresentam especializações diversas, em cursos técnicos e superiores.

Gráfico 24 – Escolaridade dos imigrantes haitianos



Fonte: Trabalho de campo (2017).

Mais especificamente quanto à validação do diploma em território brasileiro e em Cascavel, institucionalmente, o cenário é desfavorável aos imigrantes haitianos. Por exemplo, em Cascavel, é realizada a revalidação do ensino médio dos

imigrantes pelo Núcleo Regional de Educação de Cascavel (NRE), ligado à Secretaria da Educação do Paraná (SEED).

A revalidação é realizada com base na Deliberação nº 09/01 do Conselho Estadual de Educação do Paraná, como na Instrução nº 10/2010, da Secretaria Estadual de Educação, que versa sobre a equivalência e revalidação de estudos realizados no estrangeiro.

Do mesmo modo, não há, no município, a opção da revalidação ou convalidação de diplomas de ensino superior, permanecendo um grande gargalo institucional, que, de maneira geral, inviabiliza a inserção dos imigrantes em atividades às quais os mesmos são capacitados.

Fomos informados por um imigrante²⁰ da ausência de mecanismos de revalidação/convalidação de diplomas em Cascavel, buscando em outros municípios a possibilidade, que faz com que sua inserção no mercado de trabalho, possivelmente, ocorra mais próximo de sua formação original. Assim,

Eu fui lá na Unioeste e não queria fazer letras de novo, queria continuar a me especializar e eles falaram que aqui na Unioeste eles não fazem a revalidação dos diplomas estrangeiros. Falaram que eles vão ligar depois. Depois ligaram, falaram que só Londrina que dá pra fazer, no estado do Paraná só em Londrina. Eu fui lá e fiz. Passei ... Tem que passar numa prova, eu fiz a prova. Voltei e depois de uma semana eles passam o resultado e fiquei aprovado (Joel, entrevista, 2017).

A normativa, em nível nacional, em relação aos diplomas estrangeiros (a nível de graduação) de ensino superior, é a resolução nº 3/2016, do Conselho Nacional de Educação.

Ao se pensar no mercado de trabalho, no qual os imigrantes haitianos estão inseridos, cabe averiguar se o trabalho dos mesmos ocorre de maneira formal ou informal. Desse modo, 62% dos imigrantes consultados informaram “não” quanto ao trabalho com carteira assinada e 38% responderam “sim”.

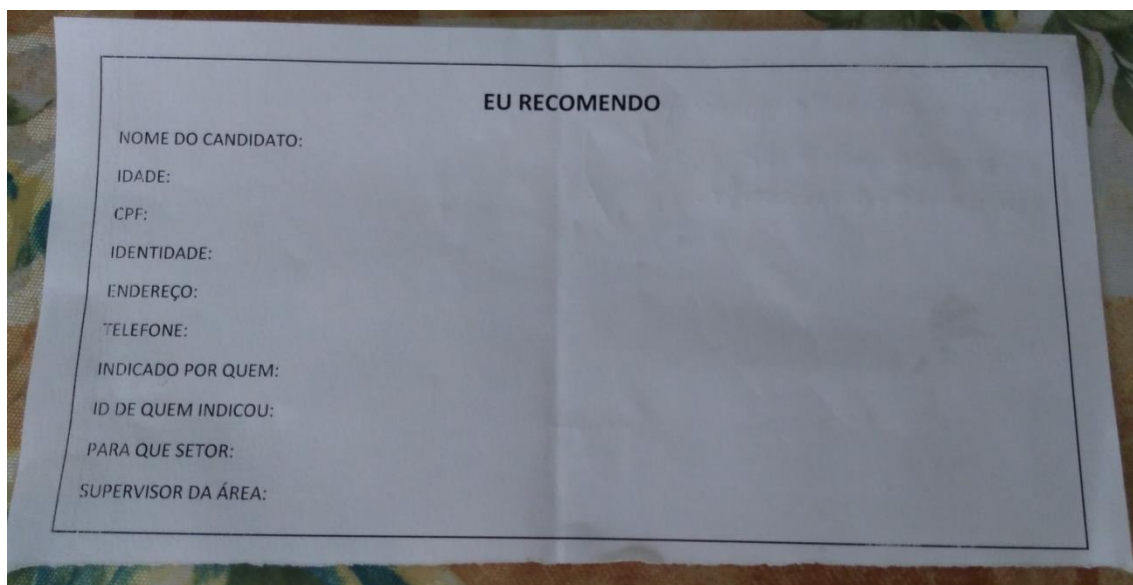
É possível observar, mesmo que de maneira incipiente, um cenário de informalidade do trabalho (e conseqüente desemprego), considerando-se, atualmente, a não-absorção da mão de obra migrante pelos setores produtivos predominantes no município (Frigoríficos e Construção Civil).

A partir de trabalho de campo, realizado em maio de 2017, foram

²⁰ O nome utilizado é fictício, a fim de preservar a identidade do imigrante entrevistado.

constatados obstáculos à entrada dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho, seja no município de Cascavel ou nos municípios da região. A afirmação justifica-se a partir da observância da figura 15.

Figura 15 – Termo de recomendação de empresa do ramo frigorífico da região Oeste



EU RECOMENDO

NOME DO CANDIDATO:
IDADE:
CPF:
IDENTIDADE:
ENDEREÇO:
TELEFONE:
INDICADO POR QUEM:
ID DE QUEM INDICOU:
PARA QUE SETOR:
SUPERVISOR DA ÁREA:

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

No caso, a figura 15 refere-se ao termo de recomendação de uma empresa do ramo frigorífico de Toledo/PR, para a qual imigrantes haitianos que residem em Cascavel buscam emprego. Portanto, o imigrante é informado que, para que a contratação seja viabilizada, é necessário ter alguém (que já trabalhe na empresa) que indique o candidato à vaga, mediante o preenchimento do termo “EU RECOMENDO”, da figura 16.

Ocorre que, muitas vezes, sendo novo no país, os imigrantes não têm conhecimento de pessoas que trabalhem na empresa (sejam eles haitianos ou brasileiros), fazendo com que haja uma seletividade do trabalho nesse setor. Considerando-se os argumentos anteriores, observa-se que os imigrantes são diretamente afetados por essa prática, mesmo que o procedimento também seja aplicado a brasileiros.

Quando perguntados acerca da satisfação com o trabalho no Brasil (estando empregado ou não), 62% dos imigrantes consultados informaram “não” e 38% informaram “sim”.

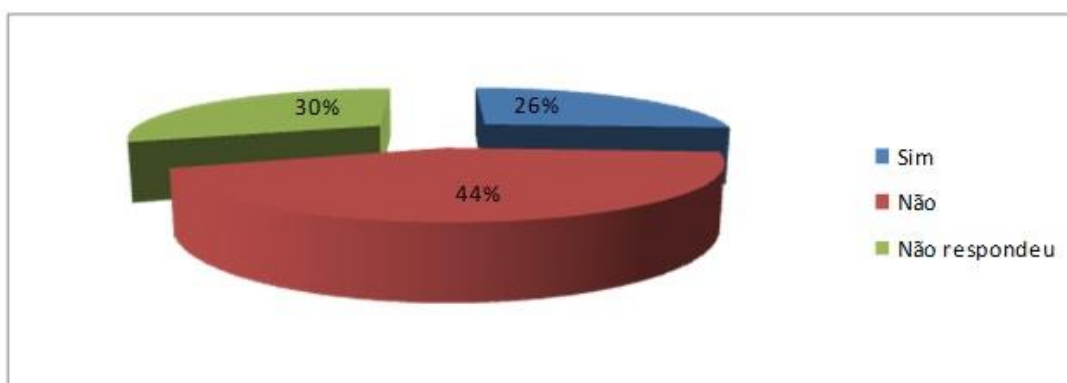
A insatisfação dos imigrantes haitianos com o trabalho no Brasil, nesse caso, particularmente em Cascavel, têm relação com o modo no qual os imigrantes inserem-se no mercado de trabalho de trabalho, mais especificamente, nas atividades às quais desenvolvem.

Salienta-se que a ausência de mecanismos institucionais, à nível de município, para a revalidação de diplomas de ensino superior é um grande entrave à inserção dos imigrantes nas atividades que exerciam no haiti, contribuindo para a insatisfação.

No que se refere a situação legal dos imigrantes em território brasileiro, quando perguntados: “Conseguiu o visto de permanência no Brasil?”, 78% responderam “sim”. 17% responderam “não” e 4% não informaram.

Já no que tange as condições de moradia dos imigrantes haitianos, quando perguntados: “Considera boas as condições de moradia?” (gráfico 25), 44% responderam “não”, 26% responderam “sim” e 30% não responderam.

Gráfico 25 - Considera boas as condições de moradia?



Fonte: Trabalho de campo (2017).

Quando questionados sobre as condições de moradia, alguns imigrantes ficaram receosos em informar a situação. Observou-se que, normalmente, os haitianos procuram as chamadas quitinetes para morar, em decorrência do valor, um pouco abaixo do valor convencional de casas (Figura 16).

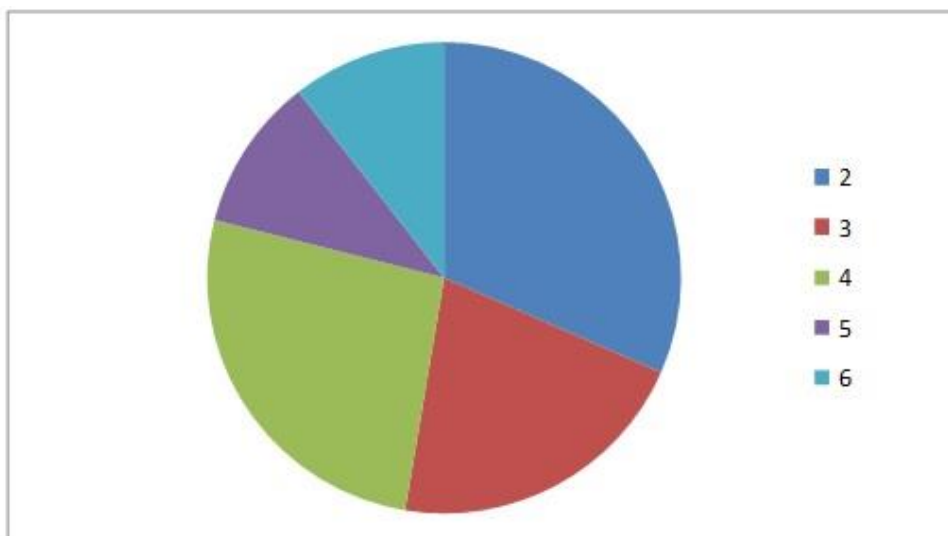
Figura 16 – Vista de moradias de imigrantes haitianos em Cascavel/PR



Fonte: Trabalho de campo (2017).

Comumente, um número grande de pessoas habita a mesma residência, visando poupar, em decorrência do valor do aluguel e porque, na maioria das vezes, somente uma ou duas pessoas residentes na casa trabalham.

Nesse sentido, questionados sobre o número de residentes na mesma moradia, apura-se que a maioria dos imigrantes reside em duas, três e quatro pessoas, havendo também cinco e seis na mesma moradia (gráfico 26).

Gráfico 26 - Quantos moram na casa?

Fonte: Trabalho de Campo (2017).

Do mesmo modo, perguntados: “Com quem mora?”, os imigrantes informaram “Com a família”, “Irmão, primo, prima, amigo”, “Amigos”, “Esposa”, dentre outros.

Outro ponto fundamental da pesquisa e esclarecedor é a análise das entrevistas. Ao todo, foram realizadas 12 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: 7 - imigrantes haitianos, 1 - grupo de haitianos, 1 - responsável pelo setor de migração da Polícia Federal em Cascavel, 1 - representante da Cáritas Cascavel, 1 - pastor que atua na acolhida dos imigrantes no município, 1 – vereador responsável pela lei do dia do imigrante haitiano no município de Cascavel.

Ressalta-se que não foi possível realizar entrevistas com os responsáveis pelo setor frigorífico ou de recursos humanos da Coopavel e da Globoaves, em decorrência da não-disposição dos responsáveis em participar da entrevista e, portanto, se recuar a contribuir com informações para a presente pesquisa.

Optou-se por realizar entrevistas semi-estruturadas, pela possibilidade de, mesmo sendo produzido previamente um roteiro, o entrevistador ter, no momento, a liberdade de perguntar, como também de direcionar a entrevista para os objetivos da investigação. Assim, as entrevistas semi-estruturadas:

[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Desse modo, as entrevistas tiveram como objetivo: apurar as motivações dos imigrantes haitianos em migrar para o Brasil; identificar o caminho pelo qual os imigrantes passaram até chegar em Cascavel, bem como detectar os problemas e dificuldades encontradas pelos imigrantes em Cascavel.

Salienta-se que para a transcrição e análise das entrevistas, os nomes utilizados pelos imigrantes haitianos são fictícios (mas comuns no Haiti) a fim de preservar a identidade dos entrevistados e valorizar a cultura haitiana com nomes típicos do país.

Logo, buscando apreender as motivações pertinentes à migração dos haitianos para o Brasil, em diálogo com Patrick,

O que o motivou a sair do Haiti?
Porque depois terremoto passar daí não tem serviço. Daí vem pra cá [...] (Entrevista, 2017, grifo nosso).

Observa-se que o trabalho surge como motivação pós-terremoto de 2010, embora o Haiti tenha um importante histórico de migração. É possível colocar o terremoto como sendo o grande marco da última diáspora haitiana, pois, a partir do fenômeno, as condições de vida no país tornam-se ainda mais precárias.

A partir do terremoto, o motivo “trabalho” ganha força, estimulando a migração, como informado por Joel nos trechos a seguir:

É o trabalho mesmo. Pra fora do Brasil, o que a mídia fala ... Que o Brasil, o Brasil primeiramente é o Rio de Janeiro e o Carnaval, o Brasil tem mulher bonita, que a mídia fala. O Brasil é o futebol. Então ... Eu não sei jogar futebol, nunca ia vim pro Brasil depois do terremoto e ... Os haitianos vem pro Brasil e eu acho que as pessoas haitianas que tem mais tempo aqui deve ter [vindo] imediatamente depois do terremoto. Acho que não tem um haitiano que tem dez anos aqui já, quase impossível. Se é pra vim aqui pra sair do Haiti eu venho aqui especialmente para trabalhar e como eu gosto de estudar, eu acho uma oportunidade boa de estudar. Mas pra vim aqui o objetivo é trabalhar (Entrevista, 2017, grifo nosso).

O depoimento mostra como é recente o fluxo migratório em direção ao Brasil. Fica claro que não é o Brasil o objetivo da migração haitiana. O objetivo é o trabalho, elucidado quando informado que “Se é pra vim aqui pra sair do Haiti eu venho aqui especialmente pra trabalhar”. Vendo no Brasil possibilidade de inserção digna no mercado de trabalho, o país torna-se uma porta de entrada para o trabalho

dos haitianos.

Antes do terremoto de 2010 o Brasil não estava na rota migratória percorrida pelos haitianos, que tinha como direcionamento os Estados Unidos e a Europa (especialmente a França, por conta da língua). A partir de um maior enrijecimento da política migratória nos países supracitados, da facilidade de entrada no Brasil e da busca por oportunidades fora do país de origem, o Brasil surge como alternativa para os haitianos. Ao ser feita a seguinte questão: Antes do terremoto já tinha essa questão dos haitianos migrarem para outros países? Obteve-se a explicação:

Sim. Mas o Brasil não ... não *tava na opção de vim no Brasil*. O Brasil é muito longe do Haiti. Seria mais fácil mesmo que a burocracia é maior pra conseguir o visto para os Estados Unidos, mas você consegue. *Seria mais fácil pra tentar pra ir para os Estados Unidos, que é mais perto e também o dinheiro é mais valorizado. O Brasil não tava na opção.*

Europa ... que eles vão trabalhar pra ganhar mais. A França, porque a gente fala francês, lá você não vai precisar aprender o idioma e inglês também, como lá na escola, no Haiti, a obrigação de falar inglês e espanhol, dá pra ir pros Estados Unidos, um país que fala inglês, mas Português não. Raramente acha uma escola que dá aula de Português lá no Haiti.

Por que você acha que o Brasil apareceu como uma opção?

Porque teve um acordo entre o governo daqui e o governo do Haiti pra receber os haitianos e depois do terremoto era muito complicado, *o serviço lá era muito difícil*. Teve esse acordo e mesmo se for de longe, ia aparecer a opção pra viajar pro Brasil (Joel, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Fica evidente na entrevista a visão, por parte de Joel, do estreitamento dos laços entre Brasil e Haiti, no que chama de “acordo”. De todo modo, o Brasil (ou o trabalho no Brasil) surge, não como primeira, mas como segunda, terceira ou quarta opção para os imigrantes haitianos frente à dificuldade de entrada em outros destinos.

Sobre o momento do terremoto, Patrick relata que estava com amigos, num clima de aparente normalidade, quando ocorre a fatalidade que levou à óbito milhares de pessoas, como segue.

Tem, tem minha prima, tem minha tia, tem meu padrinho, todos morrer, mas família é só isso, eu tava lá também. Como explicar pra você ... Quando eu tava lá, eu e mais amigo tava lá. Ele falar: - Ah, vamo toma um, vamo num baile. - Ah, então tá bom, não vou fazer nada.

Ai o que aconteceu (incompreensível) eu falar: Então vamo!

Daí dançar, dançar e nós, eu e ele achar um ... gatinha, um mulher, dois mulher. Ai o que aconteceu, acabou o baile, daí eu falei: - Vamo num outro lugar.

A mulher fala: Não, vamo pra casa.

Daí o que acontece, daí eu e ele levar, cada um levou um mulher, levou o teu. Daí nos ficar La no hotel. Daí depois ela falou pra mim: - Ah, eu to com fome.

E eu falar: Ah, tá bom, se você tá com fome eu vou ai buscar um lanche pra ela.

Daí eu fui bater na porta do amigo meu. Eu falei: - Ah, vamo junto comigo porque ela tá com fome. E tua mulher, não com fome também?

Ele falou: - Sim. Traz pra mim.

Daí eu falei: - Ah, tava bom, namorar tá bom agora você não quer sair.

Ele falou: - Traz pra mim.

Daí eu fui lá buscar lanche (incompreensível) porque tem um escada, pra subir. A hora que eu cheguei na primeira escada, cai o terremoto. Cai o hotel, cai tudo.

Intervenção: E você dentro do Hotel e o Hotel caindo?

Eu tava entrando na recepicion , daí só escutei bruummm

Intervenção: E você correu? Correu para fora?

Corri, corri pra fora.

Intervenção: E quanto ao seu amigo e às mulheres que estavam com vocês?

Todos morri. Morri tudo (Patrick, Entrevista, 2017).

Sabendo-se que o terremoto ocorreu nas mediações de Porto Príncipe, são relatados os efeitos da passagem do fenômeno, bem como a ajuda humanitária brasileira a partir da visão do entrevistado.

Como ficou Porto Príncipe depois do terremoto?

Fica feio. Por exemplo ... Pessoa quase tem, mais ou menos 10 mil pessoas morreu. Mais ou menos, bem mais. Ai quem que ajuda nois? É o Brasil. Primeiro país que chegou no Haiti é Brasil, que chegou, que vem ajudar nois.

Exemplo, pessoa aqui morre, cair prédio em cima pessoa, daí Brasil mandar trator tirar pessoa, daí, pra fazer um buraco ... Na verdade depois 2010 pessoa morrer não tem cemitério, só fazer um buraco e família não saber nada, entendeu? Família só fica depois, um mês, dois mês (incompreensível) (Patrick, Entrevista, 2017).

Perguntados sobre a rota percorrida para chegar ao Brasil, observamos que os caminhos vão de encontro com os supracitados anteriormente, abrangendo a fronteira norte do Brasil, bem como a vinda de avião, a partir de 2012, com a Resolução Normativa nº 97/2012, do Conselho Nacional de Imigração (CNIg).

Quando eu fui comprar passagem, eu comprar passagem pra ir, é ... Panamá.

Intervenção: Panamá?

É. República Dominicana até Panamá. Quando eu chegar Panamá, ai eu compro uma passagem pra ir Equador, daí Panamá Equador. Depois do Equador, eu fui no Peru. Depois do Peru eu vim pra cá. (Marcson, Entrevista, 2017).

Primeiro que eu vim de Manaus. De Manaus tem um empresa que precisa pessoa que vem buscar.

Daí ele levar no ... é ... Porto Alegre. Daí depois Porto Alegre eu vim aqui Cascavel.

Ai depois esse serviço que eu fazer, quase conheço Paraná. Já fui Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, ah, Paraná inteiro (Patrick, Entrevista, 2017).

[...] daí sai do Haiti, vim pra São Paulo de avião. Cheguei em São Paulo e aqui em Cascavel era mais fácil pra conseguir fazer o pedido de refúgio, pra fazer os documentos, carteira de trabalho.

Eu vim na casa do meu primo que tava morando aqui. Isso porque lá em São Paulo tinha muitos estrangeiros, não somente haitianos, tinha muitos africanos que tavam na frente ... Um prazo maior pra fazer o documento, aqui era mais fácil (Joel, Entrevista, 2017).

No depoimento de Marcson, observa-se a quantidade de países pelos quais os imigrantes passavam até chegar ao Brasil. No caso, relaciona-se cinco países: República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Brasil. Isso mostra a dificuldade e a demora na migração em direção ao Brasil, principalmente antes da resolução que cria o visto humanitário para nacionais do Haiti.

É importante destacar, já neste momento, uma das motivações do direcionamento para Cascavel, além do trabalho, que foi relatado por Joel. No caso, a menor procura para a regularização de documentos, o que agiliza o processo, além do contato com parentes que já estavam em Cascavel influenciaram na decisão de procurar o município.

Observa-se no depoimento de Patrick, a presença de empresas que ofereciam o transporte para o sul do país, empregando os imigrantes, muito provavelmente em decorrência da falta de mão de obra na região de suas instalações.

Há também relatos, mostrando a presença de intermediários indicando o caminho para os migrantes, os chamados “coiotes”, como as dificuldades e perigos provenientes da migração via fronteira norte do Brasil.

Pergunta: Você migrou sozinho ou entrou em contato com algum intermediário para migrar?

O caminho? Ah, tem gente que mostra. Quanto tá no Equador (incompreensível), passa pra um gente e gente pra outro. Pegar lotação pra tal lugar e tal lugar. Sim, tem gente.

Porque ... pra atravessar não é de graça. É complicado, tem polícia, tem bandido também.

Intervenção: Tem bandido também? Você já viu algum caso no caminho?

Na verdade eu ... eu vi gente que morreu no caminho. Morreu, tipo

de doença, tipo de fome, sabe? Um exemplo, passa três dia no carro (incompreensível) tem gente que tá com ... que quer tomar água, não tem, que quer comer, não tem, sabe? Tem gente, na minha lotação saiu ... na capital do Peru, que se chama Lima, pra ir lá o outro cidade que chama Cusco tem ... duas pessoa que tava estado coma. Coma fica assim (gesto de ataque de saúde) (Willy, Entrevista, 2017).

Observa-se que as mínimas condições de segurança e de saúde não são oferecidas aos imigrantes, que, buscando, por meio do trabalho, melhores condições de vida, submetem-se e pagam para migrar, mostrado quando Willy relata “Porque ... pra atravessar não é de graça (...)”. Não são informados valores, mas estima-se que sejam quantias consideráveis e significativos para os migrantes.

Em Cascavel, os imigrantes procuram a Polícia Federal para a regularização de sua situação. Nesse sentido, em entrevista com o responsável pelo setor de migração da Polícia Federal em Cascavel, são informados os trâmites realizados:

Quando vem pedir refúgio, pedem refúgio. O refúgio humanitário, que é um processo que nós só recepcionamos e enviamos ao ministério da Justiça no CONARE, que decide se vai aceitar ou não esse estrangeiro como refugiado. Outro caso é quando eles já vem com visto obtido no consulado brasileiro.

O consulado brasileiro em Porto Príncipe emite o visto permanente e eles chegam aqui só pra se registrar como permanente e de posse do protocolo de registro eles partem ai pra receita federal, pros correios pra tirar o CPF e o ministério do trabalho ai pra tirar a carteira de trabalho, pra se inserir no mercado de trabalho e buscar uma vaga no mercado de trabalho.

Intervenção: Então eles já vem com esse visto permanente e só regularizam aqui e fazem os documentos?

Isso. E partem pro mercado de trabalho, né? Agora, se conseguem vaga ou não nós não acompanhamos também. A maioria aparentemente sim, mas não sei se todos.

Intervenção: Em relação a esses Haitianos que estão no Brasil, pelo que você falou, parece que a maioria está de maneira regular no Brasil ?

Não é a maioria, eu acho que todos. Todos regulares. Não tem irregular de haitiano. Não tem porque. Todos estão amparados por pedidos de refúgio ou registros já emitidos. O pedido de refúgio já torna ele regular a partir do momento obtido (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

Conforme informado, observa-se que a situação, em relação à regulamentação dos imigrantes em território brasileiro, é estável. Na visão do agente, todos os haitianos em território brasileiro encontram-se de maneira regular. Acredita-se que a regularidade dos haitianos tem relação com o Visto Humanitário conferido aos mesmos.

No que se refere aos problemas e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes haitianos em Cascavel, a dificuldade em conseguir emprego, os problemas dentro das empresas, o preconceito racial e a precariedade das condições de moradia (e o valor do aluguel) emergem como problemas centrais.

Nesse sentido, instituições ligadas à igreja trabalham na acolhida dos imigrantes em Cascavel. É o caso da Cáritas. Assim, foi realizada entrevista com a representante da entidade no município de Cascavel, na qual a mesma ressalta

A gente vai identificar a necessidade deles e a gente passa a trabalhar com eles. Só que nós não vamos trabalhar só com a documentação, a gente acaba se envolvendo pra além da documentação, porque a gente começa a perceber que eles precisam muito mais do que isso, entendeu, só de vir aqui e fazer a documentação e fazer esse encaminhamento (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

Então, observa-se que a entidade trabalha no auxílio com a documentação dos imigrantes, como também em serviços de assistência social, por meio da articulação, juntamente ao setor público, de ações que visem a ascensão social dos imigrantes.

Como já discutido, com a falta de mecanismos legais de validação de diplomas ou até mesmo o reconhecimento dos empregadores das aptidões dos haitianos, são relegados aos mesmos, postos de trabalho que exigem pouca ou nenhuma qualificação profissional e salários baixos. Nesse contexto, ao se perguntar se exercem a mesma profissão do país de origem no Brasil, temos:

Por exemplo, ela tá querendo voltar trabalhar no lugar dela, ele também tá querendo voltar trabalhar, ele também tá querendo, ele também. Cada um tá querendo né, mas a oportunidade, não tem. Eles pensam que: - Ah, é haitiano, vem aqui no Brasil, que se ... ah, vai na Coopavel, vai na Globoaves.
Mas não é assim, cada um tem um profissão (Entrevista coletiva, 2017).

É elucidado como, mesmo para os haitianos, fica clara a visão de que os imigrantes têm necessariamente que se inserir no mercado de trabalho somente em determinadas atividades (braçais, que exigem pouca qualificação profissional e que recebe salários baixos). Os haitianos vivem, então, num contexto de de difícil inserção no mercado de trabalho.

Observa-se que Benjamin se queixa exclusivamente do valor do aluguel, considerando-se o que ganha como servente de pedreiro, ficando difícil para manter a quitinete onde mora com mais três pessoas:

Pra pagar aluguel é muito caro. Pra pagar aluguel (...) aqui não tem problema discriminação pra alugar casa, mas problema só muito caro, muito caro, só (risos)

O aluguel. Pra pagar aluguel (Benjamin, Entrevista, 2017).

Quando perguntados sobre a satisfação com o trabalho no Brasil e sobre as dificuldades encontradas no município, empecílhos em relação à inserção no mercado de trabalho e problemas no cotidiano do trabalho foram elencados os seguintes:

Dificuldade só dentro da empresa. Algum encarregado que enche o saco.

Tirando o serviço, vizinho é gente boa, qualquer gente é bem vindo né. *Tirando o serviço ...* (Entrevista coletiva, 2017, *grifo nosso*).

Depois chegou Cascavel *salário muito, muito pouco*. Depois entrar, assinar em carteira, novecentos (e) trinta pila.

Não, aqui não tem complicado. Só ... *agora só trabalho que muito difícil um pouco agora* (Robenson, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Posso falar de Cascavel e de Coopavel, porque eu conhece Cascavel e eu trabalhar na Coopavel, no momento que eu cheguei aqui, entendeu? Mas é, lá na Coopavel, no começo não sabia como que ia falar que Coopavel não era bom né, agora, depende como que é, eu posso falar pra mim que não é bom. *É do tratamento lá, do jeito que eles tá tratando os povo lá, eu posso falar que não é bom, entendeu?* É isso mesmo.

Só lá dentro do serviço. Só lá. Mas na rua, no bairro não, ainda não (risos) (Marcson, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Observa-se, nos depoimentos anteriores, a importância do trabalho como elemento da realização ou não da inserção e/ou reprodução social do migrante. Por mais que o cotidiano, no ponto de vista do migrante, não seja conflituoso, sendo o trabalho dotado de problemas ou insatisfações, o migrante não se sente confortável ou estável.

Outro problema latente no espaço cascavelense é o da xenofobia e do preconceito racial. Cascavel apresentava, em 2010, uma população de 286.205 habitantes (IBGE, 2010). Do total, 201.634 se declararam brancos, 7.250 pretos, 2.223 amarelos, 74.815 pardos, 251 indígenas e 32 sem declaração. Os números mostram uma homogeneidade na formação étnico-racial do município, sendo a maioria brancos.

Ocorre que, havendo essa homogeneidade na população local, pode

emergir, quando da presença de imigrantes negros, o racismo e a xenofobia²¹. Alguns dos imigrantes entrevistados relataram casos do tipo, chamando-os de “discriminação” e “preconceito”. É possível perceber tal fato na fala do imigrante, a seguir:

O problema principal é aqueles que ta chegando, os novos chegados, *eles tem dificuldade pra conseguir emprego* e também tem esse ... *discriminação e preconceito*.
Eu sofri também, eu sei que muitos dos haitianos sofreram, mas no jeito que eu sofri eu não me ligo, *minha cor não me define*.
Eu não me preocupo, *eu ignoro o ignorante* (Joel, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Os relatos acerca de racismo/xenofobia enfrentados pelos imigrantes em Cascavel se dão na esfera cotidiana (no ônibus, na rua ou até mesmo no trabalho). Quando questionados sobre já ter sofrido ou não com essas situações, os entrevistados, algumas vezes se mostram receosos em responder ou até mesmo se contradizem em relação a ter sofrido com o problema ou não. Nas palavras de um imigrante:

Na verdade, eu já vi. Não acontecer de mim.
Mas eu já vi, uma vez que eu tava lá na lotação²².
Eu to indo pra trabalho, daí tem dois moça brasileira, daí tem um outro haitiano.
Daí não só haitiano, tem pessoas que entra no ônibus que fala muito, entendeu?
Que acontece ... Ele tá senta atrás, daí tem dois moça que senta bem na frente.
Daí ela tá falar: - Ah, não sei porque haitiano vem aqui, vem fazer o que? Vem atrapalhar nós brasileiro.
Vai lá no posto de saúde, não tem vaga, não consegui achar serviço (Patrick, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Percebe-se, primeiramente, um “choque cultural” entre brasileiros e haitianos. Não acostumados com o modo de se expressar dos haitianos, muitos brasileiros se revoltam, proferindo palavras de ódio, mostrando que o pano de fundo da situação tem relação com o racismo e a xenofobia.

São atribuídos aos haitianos a falta de assistência em serviços básicos e essenciais que estão sob a alcunha do estado. Sabe-se que não há relação entre a presença haitiana e os problemas citados.

²¹A Xenofobia refere-se à “Aversão ou rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras” como também ao “temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2017).

²²Ônibus de transporte coletivo municipal.

No cotidiano do trabalho, percebe-se a partir do relato de Robert, a seguir, não aceitação da cultura do próximo, bem como o racismo sofrido e a pressão pela produtividade no ambiente de trabalho, nesse caso, na linha de produção da Coopavel.

Eu trabalhava lá na Coopavel, na sala de corte, viciação, sangria, pendura ...

Ai tinha alguns problema lá que deu com um encarregado lá da sangria. Tava cantando música e coloca, tipo assim ... Sabe quando tá cantando uma música e cada parte da música colocar o nome da pessoa, só pra zoeira?

Ai nós tava fazendo assim, de repente não sei que que deu com ele.

Ele falou: - *Passou um frango!*

Falei: - Ah, você tava lá atrás, porque você não cuida, to fazendo a minha parte veio.

Ai como ele fica bravo, deu o intervalo, depois do intervalo eu comecei cantar, todo mundo já tinha esquecido isso né.

E começou (comecei) canta ele chegou, me chamou de macaco. Ai falei:

- Quem que é o macaco?

Ele falou: - É você mesmo ...

Tipo assim, fi da ...

Ai peguei, sai. Melhor que eu sai dali pra não ficar misturado com ... junto com pessoa mal educada, entendeu? Ai eu deixei Coopavel pra ele (Robert, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Nenhum dos imigrantes haitianos que relatou casos de racismo e xenofobia procurou a delegacia para denunciar as pessoas que o fizeram. Acredita-se que muitos casos dessa natureza ocorrem em Cascavel, mas, intimidados ou não sabendo a quem procurar, não o fazem.

Foram relatados casos em que há seletividade entre haitianos e brasileiros, por parte dos empregadores, quando da procura por emprego ou no ambiente de trabalho em Cascavel. Do mesmo modo, os imigrantes associam a falta de êxito na busca por emprego ou os problemas no âmbito do trabalho ao preconceito racial, como segue:

Discriminação, como ...

Intervenção: Por ser estrangeiro ou alguma coisa assim?

Ah, na verdade eu quero falar sim, porque, eu, sabe, eu fui fazer entrevista, eu saio daqui, eu fui lá no Quatorze de Novembro, na Globoaves. Um amigo meu me convida, um brasileiro.

Me convida: - Faz tempo que você está sem serviço e tem entrevista que vai fazer lá na Globoaves na Quatorze de Novembro e tem que ir pra ver se você pode conseguir alguma coisa.

Ele fala pra mim, a entrevista vai fazer a ... nove e meia.

Como eu necessita serviço, eu levantar aqui as cinco da manhã, tomar banho. Sai sem comer nada, sai, tomei um pouco de água, sai.

Não sei aonde é Quatorze de Novembro. Eu sai, fui no terminal pegar lotação, falar com o motorista, quando chega lá pra me avisa. Chega lá as seis de manhã. Eu não encontra nenhuma pessoa dentro. Fica fora, esperar gente chegar pra abrir e entrar.

Eu ... quando entrar, sabe, eu começa a conversa, tem duas pessoa. As duas sabe mais como faz as coisa e eu pergunta pra gente. Gente dá o papel pra preenche. A gente me dá ... terceira pessoa com papel.

Meu amigo, ele vem depois vinte pessoa e preenche papel dele e ele esperar que (incompreensível) chamar ele.

Quando a (incompreensível) me chama, eu vou lá e ela me pergunta, eu respondo que (incompreensível) e depois eu, é pra esperar, entrar em contato. Saiu, pra ir pra minha casa, pra dar tchau pro meu amigo.

E ... quando tá na mesmo dia, quando tá uma hora, meu amigo ligou pra mim. Falou: - O que falou pra você? (incompreensível)

Falo: - Ah, ele não ligar pra mim, até agora.

Ele falou: - Então tá. Eu acho que ligar pra você, eu passar te levar. Até agora (esperando).

E ele vai começar trabalhar, é hoje, que ele vai começar trabalhar. É coisa que ele é brasileiro (Willy, Entrevista, 2017).

Ressalta-se que a seletividade apresentada não é somente por parte dos empregadores, em níveis superiores em relação à hierarquia dentro das empresas. Ocorre também por parte dos que estão na mesma situação dos imigrantes.

No próximo depoimento, é relatada a seletividade e casos de racismo contra haitianos no cotidiano da Coopavel, nas palavras do imigrante haitiano:

Mas só que ... na verdade a gente não gosta mais da Coopavel, porque antes a gente não falava nada da língua, as pessoa faz as coisa que a gente não entende né, que a gente não sabe. Mas agora eu começar a descobrir que (incompreensível) racista lá. Racista lá né. Injustiça também. Eu descobri isso, ai depois descobrir isso, ai isso fica no pensamento. Não quero ficar mais lá.

Intervenção: Mas isso é parte do chefe ou de quem?

Na verdade não é o encarregado, é monitor, tem alguns monitor que é racista lá, sabe? Porque não dá vontade pra ficar mais. Porque às vezes a gente foi trabalhar e trabalha com estresse, sabe?. E que não pode, quando ficar, ficar trabalhando com estresse só dá dor de cabeça (Marcson, Entrevista, 2017).

Desse modo, observa-se como a questão racial, no caso a não-aceitação ou discriminação com os imigrantes haitianos está presente na esfera do trabalho. Considerando-se que o setor frigorífico foi um dos que mais absolveu a mão de obra migrante, estão os imigrantes sujeitos à essas práticas degradantes no dia a dia.

Tendo as portas do trabalho fechadas ou apresentando grande dificuldade para conseguir emprego, atualmente, surge, por parte dos imigrantes, um certo

conformismo, dos que buscam emprego (em se encaixar somente em determinadas ocupações) e dos que já tem emprego, com medo de perdê-lo e não encontrar outro.

Pergunta: E aqui em Cascavel, você trabalha com o quê?

Ah, eu to sem serviço.

Intervenção: Mas antes você trabalhava com o quê aqui?

Antes? Eu trabalhar ... como auxiliar de limpeza

Intervenção: Onde era?

Na Coopavel.

Intervenção: Na Coopavel? Quanto tempo você ficou trabalhando na Coopavel?

Um ano e seis meses.

Intervenção: Você gostava de trabalhar na Coopavel ou não?

Gostava. É ... eu gostar de trabalha né, porque sem trabalha não conseguir comer né. Não consegui fazer as coisa que ... que quer, não pode né.

Trabalha ... tem gente que fala que trabalhar é ruim, trabalha não é ruim não, trabalha pra recebi.

Intervenção: E essa atividade tem a ver com o que você trabalhava no Haiti?

Não, na verdade quando ... trabalha como auxiliar de limpeza não é profissão né. Não é profissão (Willy, Entrevista, 2017).

Constatou-se que a permanência dos imigrantes haitianos em Cascavel depende das condições ou da disponibilidade de trabalho, como segue.

Só que depois eu sair lá (da Coopavel), se eu sai, se não consegue achar um serviço boa que eu quero, ai vai dar um vontade de sair da cidade, né? *Pra ir em outra cidade pra procurar outro serviço* (Marcson, Entrevista, 2017, *grifo nosso*).

Intervenção: Vocês pretendem ficar em Cascavel?

Sim, eu quero ficar. *Se não tem trabalho aqui, eu não tenho empresa, eu vou lá no outro cidade, entendeu? Ou ... ou Santa Catarina* (Entrevista coletiva, 2017, *grifo nosso*)

Ah, se eu colocar sim, *eu tem que colocar seu eu conseguir serviço, sim. Caso contrário não* (Willy, Entrevista, 2017, *grifo nosso*)

Sendo o “trabalho” o destino dos imigrantes, Cascavel pode, para alguns, ser o destino final de uma jornada em busca de melhores condições de vida, como para outros, pode ser mais um ponto da busca por uma inserção justa e digna no mercado de trabalho.

O fato é que Cascavel, como bem coloca Martins et al (2014), converteu-se no elo de uma cadeia produtiva global, possibilitando-nos reiterar a máxima da não existência de fronteiras para a ação do capital.

Aos poucos, os traços marcantes da cultura e do modo de vida haitiano ficam mais latentes no cotidiano do município, que vai construindo, modificando e ressignificando seu espaço.

Ao final, podemos destacar alguns pontos, que refletem os problemas mais expressivos relatados pelos imigrantes haitianos entrevistados: Dificuldades no trajeto até o Brasil (e até Cascavel); Dificuldade para pagar o aluguel; Dificuldades para revalidar seus estudos no Brasil ou continuar estudando; Seletividade nas empresas, no momento da contratação, em relação aos brasileiros; Racismo sofrido, no ambiente de trabalho e nas atividades cotidianas.

Também fica muito evidente que a presença ou não de muitos imigrantes em Cascavel deve-se à disponibilidade de trabalho. Então, as investigações da presente dissertação ficam em aberto, haja vista que o fenômeno da inserção em Cascavel ou do trânsito para outros municípios, estados ou países continuam e continuarão ocorrendo.

Retomando a fala do início do subitem:

*Eu sofri também, eu sei que muitos dos haitianos sofreram, mas no jeito que eu sofri eu não me ligo, minha cor não me define.
Eu não me preocupo, eu ignoro o ignorante (fala de imigrante haitiano)*

Talvez, a superação do preconceito por parte da sociedade cascavelense, aliada à inserção digna e justa dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho, sejam obstáculos a serem superados para que assim, as potencialidades e virtudes dos imigrantes venham a contribuir para o enriquecimento e pujança no município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, com a elaboração da presente dissertação de mestrado, tratar da imigração haitiana, em especial no município de Cascavel, a partir da perspectiva teórica da Geografia do Trabalho. Para tanto, realizou-se levantamento de obras que tratam do trabalho e seu sistema de mediações, a fim de compreender as contradições inerentes ao mesmo inserido no sistema capitalista.

As discussões pautaram-se no trabalho e suas transformações, a partir do sistema de mediação do capital e a partir da introdução da lógica toyotista na produção. Nesse sentido, presumindo-se que o trabalhador “flexível” seja polivalente e pluriespecializado, pode-se colocar o migrante haitiano como tal.

Sendo, antes de mais nada, força de trabalho e possuindo esta para sua sobrevivência, o migrante haitiano, condicionado às forças condicionantes do capital, busca em outro território trabalho. Logo, o limite da migração haitiana é também o limite imposto pelo capital no trabalho. Há que se ressaltar também que o imigrante haitiano, que possui apenas sua força de trabalho quando migra, já está sujeito, desde então, à precarização do trabalho.

Então, é relevante o desenvolvimento desta pesquisa ao relacionar a migração e o trabalho. O trabalho emerge como causa principal da presença haitiana no município de Cascavel. Por exemplo, nas entrevistas junto aos imigrantes, constatou-se que a presença ou não em Cascavel está condicionada à oferta de emprego.

O imigrante haitiano, sujeito à mobilidade do trabalho, hoje, no contexto da reestruturação produtiva do capital, migra a partir da seguinte premissa: Ofertando sua força de trabalho. E é pelo trabalho que ele vêm, como também pode ser pelo trabalho que ele vai (GAUDEMAR, 1977).

Logo, quando tratamos da migração e seus sentidos, concordamos com Sayad (1998) quando fala da finalidade da imigração: o trabalho. Mas, há que se pensar se a vivência do imigrante haitiano em Cascavel o permitirá sentir-se em seu lugar.

No município de Cascavel, a migração haitiana, embora recente, têm grande relevância, dada a amplitude do fenômeno. Num período curto de tempo, os haitianos passam a fazer parte do cotidiano do município, nos mais variados espaços (de lazer, produção, dentre outros).

Com isso, buscou-se traçar um perfil da imigração e do imigrante haitiano em Cascavel, territorialmente, bem como a partir de sua inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, conclui-se que: a) Territorialmente, o imigrante haitiano busca morar nas proximidades dos terminais, com a finalidade de facilitar sua locomoção b) O motivo principal para a presença haitiana em Cascavel é a oferta de emprego nos frigoríficos e na construção civil c) Os haitianos ficaram sabendo de Cascavel por meio das redes sociais de parentes e amigos d) A validação de diplomas apresenta-se como grande questão e que dificulta uma inserção no mercado de trabalho em outras ocupações e) O racismo e a xenofobia são problemas enfrentados pelos imigrantes em diferentes esferas do cotidiano e do trabalho f) As condições sócio-estruturais, no caso, o aluguel, são dificuldades encontradas pelos imigrantes g) Há ausência de políticas públicas efetivas para os imigrantes.

Então, de maneira geral, a partir da abordagem do capítulo 4, pensando-se no perfil do migrante haitiano em Cascavel, constatou-se que o emprego está relacionado à Coopavel, Globoaves, Construção civil e também há um grande número de haitianos desempregados. Apresentam, de maneira geral, escolaridade média e, além disso, a maioria dos imigrantes encontra-se em idade ativa para o trabalho, sendo a maioria do grupo dos 25 aos 34 anos e majoritariamente homens.

O que isso nos mostra? Mostra que o perfil do imigrante haitiano que procura Cascavel é, majoritariamente, o perfil do imigrante trabalhador, com escolaridade média, que apresenta dificuldades para a validação do diploma e que possui na sua força de trabalho (e na disponibilidade de emprego) o motivo para a permanência ou não no município de Cascavel.

Embora já elencado, ponto fundamental constatado nas entrevistas foram os casos de racismo e xenofobia contra os imigrantes. Embora a sociedade brasileira apresente traços étnicos heterogêneos, a aceitação do outro, do imigrante, torna-se difícil e conflituosa. Ideias propagadas, como a do roubo do emprego foram evidenciadas no cotidiano cascavelense. A superação do preconceito racial e a aceitação do “outro” são pontos que devem ser superados nos diferentes espaços cotidianos de Cascavel.

Embora concluída esta pesquisa de mestrado, a questão dos imigrantes haitianos em Cascavel continua em aberto. Há questões a serem respondidas: Os imigrantes haitianos permanecerão em Cascavel? Cascavel é o destino final ou mais

um lugar na trajetória migratória haitiana? Haverá políticas públicas que visem a inserção do imigrante haitiano de maneira mais igualitária no mercado de trabalho? Continuarão a ocorrer os casos de racismo e a seletividade na contratação dos imigrantes e no ambiente de trabalho?

Ao final, espera-se que a pesquisa, embora com suas limitações de dados e período temporal curto da migração haitiana no Brasil, possa ser um estudo inicial da presença haitiana em Cascavel, mostrando que há várias problemas a serem solucionados, mas várias potencialidades a serem exploradas.

O imigrante haitiano pode sim ser o vetor do início da constituição de uma sociedade mais plural, rica e humanitária, desde que o trabalho (e a vida) em Cascavel, faça sentido para o mesmo e rompa com o bloqueio estrutural capitalista que o condiciona.

REFERÊNCIAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. **Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>> Acesso em: 25 mar 2017.

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. **O que é a convenção de 1951?** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/>> Acesso em: 25 mar 2017.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. Reestruturação produtiva do capital: Política pública de “requalificação” do trabalhador. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 7, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/2341/2335>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

_____. As Novas Formas de Acumulação de Capital e as Formas Contemporâneas do Estranhamento (Alienação). **Caderno CRH**, Salvador, n.37, p. 23-45, jul./dez.2002.

_____. **O caracol e sua concha**: Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BAPTISTE, Chaneline Jean. **Transição para a vida adulta e migração internacional**: O caso dos jovens haitianos na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas,SP: 2015.

BAPTISTE, Chaneline Jean; VIEIRA, Joice Melo. Catástrofe ambiental e migração internacional: a perspectiva dos migrantes haitianos na cidade de São Paulo. In: BAENINGER et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco editorial, 2016, p. 577-607.

BRASIL. Ministério do trabalho e emprego. **Bolsa qualificação**. Disponível em: <<http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoas-2/seguro-desemprego-2/modalidades/bolsa-qualificacao/>> Acesso em: 18 de Outubro de 2017.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, [on-line]. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL. Haitianos definem coordenação da associação de defesa dos imigrantes. 2014. Disponível em: <<https://camaracascavel.pr.gov.br/noticias/item/4484-haitianos-definem>>

coordenacao-da-associacao-de-defesa-dos-imigrantes.html> Acesso em: 20 de Junho de 2017.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL. **Lei Nº 6.728 / 2017**. Disponível em: <http://camaracascavel.pr.gov.br/images/stories/leis/files/6_728.pdf> Acesso em: 8 de Setembro de 2017.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Quem somos e histórico**. Disponível em: <<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>> Acesso em: 19 de Outubro de 2017.

CAVALCANTI, Leonardo et al. Os imigrantes haitianos: Perfil e características da principal nacionalidade no mercado de trabalho brasileiro. In: Cavalcanti, L.; Oliveira, T.; Tonhati, T.; Dutra, D. **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO. **Resolução Normativa 97/2012**. 2012. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>> Acesso em: 16 de Maio de 2017.

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DE CASCAVEL - COOPAVEL. **Relatório anual 2016**. Disponível em: < <http://www.coopavel.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Relato%CC%81rio2016Coopavel-Digital.pdf>> Acesso em: 24 de Março de 2017.

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DE CASCAVEL - COOPAVEL. **A Coopavel: Apresentação**. Disponível em: <<http://www.coopavel.com.br/a-coopavel/>> Acesso em: 24 de Março de 2017.

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DE CASCAVEL - COOPAVEL. **Revista Coopavel**. Disponível em: <<http://www.coopavel.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Web-RevistaCoopavel-Ed413.pdf>> Acesso em: 24 de Outubro de 2017.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. Dissertação (Mestrado em História e estudos culturais) - Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR, Porto Velho, Rondônia, 2014.

CRUZ, Luiz Carlos. **Haitianos comemoram o Dia da Bandeira com festas no Paraná**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/haitianos-comemoram-o-dia-da-bandeira-com-festas-no-parana-9fp4iacetif7wojkdw1ntyzwu>> Acesso em: 26 Dez 2017.

DANTAS, Mariana. Grupo de 44 haitianos busca melhorar de vida em Cascavel. **Jornal Hoje**, Cascavel/PR, p. 6, 31/01/2012.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa / **Coio**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=coio>> Acesso em: 16 de Maio de 2017.

_____. Dicionário brasileiro da língua portuguesa / **Xenofobia**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Xenofobia/>> Acesso em: 26 de Setembro de 2017.

FARIA, Andressa Virgínia de. **A diáspora haitiana para o Brasil: O novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: 2012.

FARIA, Andressa Virgínia de. Os haitianos e o refúgio ambiental. In: BAENINGER et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, Paco editorial, 2016.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. C. G; RIBEIRO, C. Migração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos. **Anais do XVI Seminário sobre Economia Mineira**. CEDEPLR / UFMG. Diamantina, 2014.

FERNANDES, D; FARIA, A. V. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, Paco editorial, 2016, p. 95-111.

FIGUEIREDO, Euridíce. O Haiti: história, literatura, cultura. **Revista Brasileira do Caribe**, vol. VI, núm. 12, janeiro-junho, pp. 371-395, 2006,

GALEANO, Eduardo. **A história do Haiti é a história do racismo**. 2010. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2010/01/23/a-historia-do-haiti-e-a-historia-do-racismo-artigo-de-eduardo-galeano/>> Acesso em: 21 fev 2017.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa; estampa, 1977.

GAZETA DO POVO. **Haitianos comemoram dia da bandeira com desfile em Cascavel**. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/haitianos-comemoram-dia-da-bandeira-com-desfile-em-cascavel-9f8sr6cdvz9metidchk43paa6>> Acesso em: 20 de Junho de 2017.

GAZETA DO POVO. **As dez cidades do Paraná que mais criaram empregos em 2014**. 2015. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/as-dez-cidades-do-parana-que-mais-criaram-empregos-em-2014-ejs8acaxt2qqwoivtc4bs8hn2> > Acesso em: 28 de Dezembro de 2017.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 17.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HECK, Fernando Mendonça. **Degradação anunciada do trabalho na Sadia, em Toledo (PR)**. 2013. Dissertação (mestrado) - UNESP/Campus Presidente Prudente.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Informações completas**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410480>. Acesso em: 03 abr 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 03 abr 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pr/cascavel/panorama>> Acesso em: 13 de Junho de 2017.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Haitianos no Brasil**: Dados estatísticos, informações e uma recomendação. 2016. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/images/Haitianos_dados%20PF_CNIg%20-%20Recomendao%20de%20Registro%201.pdf> Acesso em: 16 de Maio de 2017.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico municipal de Cascavel**. 2017. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85800&btOk=ok>> Acesso em: 14 de Maio de 2017.

_____. **Base de Dados do Estado – BDEWeb**. 2017b. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>> Acesso em: 14 de Maio de 2017.

LAMAS, Bárbara Gomes. **Instabilidade no Haiti e a MINUSTAH**. 2005. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20050705150430.pdf> Acesso em: 22 fev. 2017.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BAENINGER, Rosana. Imigração haitiana no Brasil e remessas para o Haiti. In: BAENINGER et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco editorial, 2016, p. 229-251.

MALTA, Fernando. A anomalia da anomalia: os refugiados ambientais como problemática teórica, metodológica e prática. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Ano XIX, n. 36, p. 163-178, jan./jun. 2011.

MAMED, Letícia Helena. **Haitianos no Brasil**: Da entrada indocumentada pela Amazônia à inserção precarizada no mercado laboral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/argumentum/article/viewFile/14506/10426>> Acesso em: 09 de Outubro de 2017.

MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARTINS, José Renato Vieira (et al.) **A diáspora haitiana: Da utopia à realidade.** Foz do Iguaçu: Gráfica Grapel, 2014.

MARX, Karl. O capital. **Crítica da economia política.** Vol I, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATOS, Cristina. **Migrações: decisões individuais e estruturas sociais.** Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa, 1993.

MESZÁROS, István. **Para além do capital – Rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo editorial, 1995.

MIGRATION POLICY INSTITUTE. Estimativa de população haitiana no Exterior. 2015. Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/>> Acesso em: 19 de Maio de 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Perfil do Município).** Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php> Acesso em: 25 de Abril de 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – MTE. **Relatório anual de informações sociais (RAIS).** Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario.htm> Acesso em: 18 mar 2017.

MOREIRA, Ruy. A (Geografia da) Sociedade do Trabalho. **Terra Livre**, São Paulo/SP, Ano 29, V.1, n.40. p. 131-142. Janeiro a Junho de 2013.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo agroindustrial e modernização agrária.** São Paulo: Hucitec, 1989.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. **Resolução 1542,** 30 abr. 2004. Disponível em: <[http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1542%20\(2004\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=S/RES/1542%20(2004))> Acesso em: 22 fev. 2017.

OIM - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre migração.** Genebra: Organização internacional para as migrações, 2009.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conselho de Segurança aprova o fim da missão da ONU no Haiti.** 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-aprova-fim-da-missao-da-onu-no-haiti/>> Acesso em: 22 abr 2017.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas.** [S.I.]: SOCIUS Working Press, nº11/2004, Lisboa. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2037>. Acesso em 24 de Outubro de 2017.

PIGNATI, W. A. MACHADO, J. M. H. Riscos e agravos à saúde e à vida dos trabalhadores das indústrias madeireiras de Mato Grosso. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.961-973, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000400019> . Acesso em: 18 jan. 2017.

PONTES, LUCIANO. **Secretário dos Direitos Humanos do Acre teme superlotação de Haitianos em Brasileia**. 2014. Disponível em: <<http://fotospublicas.com/secretario-dos-direitos-humanos-acre-teme-superlotacao-de-haitianos-em-brasileia/>> Acesso em: 09 mai 2017.

PRAZERES, T, J. NAVARRO, V. L. Na costura do sapato, o desmanche das operárias: estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da indústria de calçados de Franca, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.27, n.10, p. 1930-1938, out. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n10/06.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. **Aprovada instituição do dia do imigrante haitiano**. 2017. Disponível em: <<https://camaracascavel.pr.gov.br/noticias/item/6829-aprovada-instituicao-do-dia-do-imigrante-haitiano.html>> Acesso em: 19 de Junho de 2017.

SÁ, Jessica Espíndola. **A decisão brasileira de participar da Minustah**. 2015. Dissertação (Mestrado em relações internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba / UEPB, João Pessoa, 2015.

SALIM, Celso Amorim. “Migração: o fato e a controvérsia teórica”. In: **VIII encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, v. 3, São Paulo. ABEP, 1992, p. 119-144.

SAMORA, Daniele Teresa. **Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração haitiana na Amazônia**: Uma análise das regularidades discursivas. 2015. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR, Porto Velho, Rondônia, 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, 299 p.

SAYER, Andrew. New developments in manufacturing: the just-in-time system. **Capital&Class**, Londres, n.30, 1986.

SISTEMA NACIONAL DE CADASTRAMENTO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS – SINCRE. **SINCRE**. Disponível em: <<http://obmigra.mte.gov.br/index.php/component/k2/itemlist/category/51>> Acesso em: 20 de Junho de 2017.

SPERANÇA, Alceu A.; SPERANÇA, C. **Pequena história de Cascavel e do Oeste**. Cascavel: J.S. Impressora LTDA, 1980.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: A história**. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. **Por uma Geografia do Trabalho (reflexões preliminares)**. 2002. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/thomaz/Geografia%20do%20Trabalho-2016/ltrodu%E7%E3o/Texto-Pos-1-Thomaz-Por%20uma%20Geografia%20do%20Trabalho.pdf>> Acesso em 06 de maio de 2017.

_____. Os limites da teoria, e a plasticidade do trabalho (Repensar auto-crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil). **Revista Pegada**, Presidente Prudente, Vol. 7, N. 1, Pág. 7-40, Junho de 2006.

TONHATI, Tânia. CAVALCANTI, Leonardo. OLIVEIRA, Antônio Tadeu. Os imigrantes haitianos no Brasil: Formas de entrada, permanência e registros. In: CAVALCANTI et al (Orgs). **A imigração haitiana no Brasil: Características Sócio-Demográficas e laborais na região sul e no distrito federal**. Brasília, DF: OBMIGRA, 2016.

TONHATI, Tânia et al. Os imigrantes haitianos no Brasil: A empregabilidade dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro. In: CAVALCANTI et al (Orgs). **A imigração haitiana no Brasil: Características Sócio-Demográficas e laborais na região sul e no distrito federal**. Brasília, DF: OBMIGRA, 2016b.

USGS – United States Geological Survey, National Earthquake Information Center. Earthquakes Map. Version 4, 19 January 2010. Disponível em: <<https://earthquake.usgs.gov/earthquakes/recenteqsww/Quakes/us2010rja6.php>> Acesso em: 24 de Outubro de 2017.

VICENT, Mauricio. **O difícil renascer do Haiti**. 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/31/internacional/1401568324_956393.html> Acesso em: 8 de Setembro de 2017.

VILLEN, Patrícia. O estigma da ameaça ao emprego pelos periféricos na periferia: Crise e imigração no Brasil. **Revista Rua**, Campinas, Número 21 – Volume 2, Novembro/2015, p. 247 - 264. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8642466>>. Acesso em: 20 de Outubro de 2017.

WROBLESKI, Stefano. **Sem acesso a políticas públicas, haitianos são explorados**. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2014/01/sem-acesso-a-politicas-publicas-haitianos-sao-explorados/>> Acesso em: 10 Ago 2015.

ANEXOS

ANEXO A
Lei Nº 6.728/2017

LEI Nº 6.728 de 03 de julho de 2017.

**INSTITUI EM ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE
CASCAVEL O “DIA DO IMIGRANTE HAITIANO”.**

A CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL, ESTADO DO PARANÁ, APROVOU DE AUTORIA DO ILUSTRE VEREADOR *CARLINHOS OLIVEIRA*, E EU, PREFEITO MUNICIPAL, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º. Esta Lei institui o “*Dia do Imigrante Haitiano*” no Município de Cascavel, a ser comemorado sempre no dia 18 de maio de cada ano.

Art. 2º. É facultado ao Poder Público Municipal colaborar com ações que possam homenagear o Dia do Imigrante Haitiano.

Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação oficial.

Gabinete do Prefeito Municipal
Cascavel, 03 de julho de 2017.

Leonaldo Paranhos
Prefeito Municipal

Hudson Marcio Moreschi Junior
Secretário de Assistência Social

Luciano Braga Côrtes
Secretário de Assuntos Jurídicos

Carlinhos Oliveira
Vereador – Câmara Municipal de Cascavel

PUBLICADO EM 08/07/2017

ORGAO OFICIAL ELETRONICO Nº 1830

ORGAO IMPRESSO O PARANÁ Nº12.549

ANEXO B

Projeto de Lei Nº 53 de 2017 que institui em âmbito do Município de Cascavel o "Dia do Imigrante Haitiano"

CÓPIA

Câmara Municipal de Cascavel
ESTADO DO PARANÁ

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Protocolo em 20511

PROJETO DE LEI Nº 53, DE 2017.
(Autor: Vereador Calinhos Oliveira/PSC)

Institui em âmbito do Município de Cascavel o "Dia do Imigrante Haitiano".

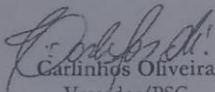
A Câmara Municipal de Cascavel, Estado do Paraná, aprova:

Art. 1º Esta lei institui o "Dia do Imigrante Haitiano" no Município de Cascavel, a ser comemorado sempre no dia 18 de maio de cada ano.

Art. 2º É facultado ao Poder Público Municipal colaborar com ações que possam homenagear o Dia do Imigrante Haitiano.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação oficial.

Palácio José Neves Formighieri, 65º aniversário de Cascavel.
Em, 11 de maio de 2017.



Calinhos Oliveira
Vereador/PSC

Justificação

O ano de 2010 marcou o início da imigração haitiana no Brasil. A entrada dos haitianos via Tabatinga, no Amazonas, começou a ser notada em fevereiro de 2010, logo após o terremoto, que sacudiu violentamente o Haiti, e em particular a capital, Porto Príncipe.^[10] A catástrofe provocou a morte de mais de 150 mil pessoas e deixou cerca de 300 mil deslocados internos.

Os haitianos chegam a Brasília, no Acre, de ônibus e são orientados a procurar a delegacia da PF solicitando refúgio, preenchendo um questionário no próprio idioma e sendo entrevistados por policiais. A PF expede um protocolo preliminar que os torna "solicitantes de refúgio", obtendo os mesmos direitos que cidadãos brasileiros, como acesso à saúde e ao ensino. Eles também podem tirar carteira de trabalho, passaporte e CPF, sendo registrados oficialmente no país.

Rua Pernambuco, 1843 - Centro - CEP 85810-021 - Cascavel - Paraná
Fone |45| 3321-8800 - Fax |45| 3321-8881 - www.camaracascavel.pr.gov.br - e-mail: admin@camaracascavel.pr.gov.br





Câmara Municipal de Cascavel

ESTADO DO PARANÁ

Após o registro na PF, a documentação segue para o Comitê Nacional de Refugiados (Conarc) e para o Conselho Nacional de Imigração (Cnig), que abrem um processo para avaliar a concessão de residência permanente em caráter humanitário, com validade de até 5 anos. Os haitianos não são considerados refugiados no Brasil. Segundo a lei brasileira, o refúgio só pode ser concedido a quem provar estar sofrendo perseguição em seu país por motivos étnicos, religiosos ou políticos. Porém, em razão da crise humanitária provocada pela catástrofe de 2010, o governo brasileiro abriu uma exceção, concedendo-lhes um visto diferenciado. (wikipedia.org/wiki/ImigraçãohaitianoBrasil)

Pautado nessas informações do site do Wikipedia, temos hoje na cidade de Cascavel mais de quatro mil haitianos residentes. São imigrantes que aqui buscam uma melhor qualidade de vida. Onde estão à disposição de vários setores de nossa cidade, em especial na área da construção civil, colocando mão de obra a serviço de nossa gente. Entendo que essas pessoas devem ser valorizadas no seu dia a dia, e nada mais justo que homenagearmos esses imigrantes com ações em um dia específico.

Homenagearmos esses imigrantes é mostrar que o povo cascavelense respeita o que está escrito na letra de seu hino "UMA CIDADE HOSPITALERA". Onde aqui as pessoas não importam à raça, o credo, a religião, são tratados de forma igualitária e em condições de viverem bem.

Espero, pois, contar com a aprovação deste simples, mas justo projeto de lei.

Cal. F. de S.:



APÊNDICES

APÊNDICE A
Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecemos que esta pesquisa está vinculada ao curso de mestrado intitulada “O trabalho dos Haitianos na Agroindústria de Cascavel/PR”, sob a responsabilidade do mestrando Lineker Alan Gabriel Nunes.

Essa atividade faz parte do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, sob a orientação da Professora Dr^a Ideni Terezinha Antonello. O questionário tem como objetivo: Entender como está estruturada a vida e o trabalho dos imigrantes haitianos residentes em Cascavel/PR.

Os dados e informações por mim fornecidos, mediante questionário e/ou entrevista, serão utilizados na pesquisa mencionada que resultará em Dissertação de Mestrado, contribuindo para os objetivos da mesma. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada e meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa me identificar será mantido em absoluto sigilo, evitando a minha exposição pessoal, social ou profissional. Estou certo de que poderei interromper a entrevista a qualquer momento, solicitar a retirada de trechos da mesma ou me recusar a prestá-la.

Sei que me é garantido livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências e a tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao conteúdo deste termo, que foi lido e compreendido, assim como a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Cascavel, ____ de _____ de 2017.

Pesquisado (a):

Nome: _____

Assinatura: _____

Pesquisador:

Nome: Lineker Alan Gabriel Nunes

Assinatura: _____

APÊNDICE B
Questionário aplicado aos haitianos - Português



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Questionário:

- 1 - Onde morava (em que cidade) no Haiti?
- 2 - Qual era a sua profissão?
- 3 - Escolaridade?
Ensino básico () Ensino médio () Superior () Qual Formação (curso)
- 4 - Que ano veio para o Brasil?
- 5 - O que o motivou a sair do Haiti?
- 6 - Como ficou conhecendo o município de Cascavel? Por que decidiu migrar para esse município? Em que ano chegou no município ?
- 7 - Por quais lugares passou até chegar ao Brasil/Como foi a trajetória?
- 8 - Entrou em contato com algum intermediário para migrar:
Sim () não () – pagou pelo serviço:
- 9 - Por quais cidades passou no Brasil até chegar a Cascavel? Que cidade foi a porta de entrada no Brasil?
- 10 - Migrou sozinho ou com a família?
- 11 - Conseguiu o visto de permanência no Brasil: Sim () Não () Foi complicado:
- 12 - Tem parentes no Haiti
Sim () Não () – Grau de parentesco:
Tem contato com eles:
Em caso de esposa, filhos – pensa em trazê-los para o Brasil?
- 13 - Qual sua ocupação em Cascavel/ No que trabalha? Empresa em que trabalha?
- 14 - Essa atividade enquadra-se na sua formação profissional, o no que gostaria de atuar?
Sim () não () - Qual o motivo?
- 15 - Tem registro em Carteira?
Sim () Não () - Quantas horas trabalha por dia?
- 16 - Exerce outra atividade remunerada?
Sim () Não () Qual:
- 17 - Está satisfeito com o trabalho no Brasil:
Sim () Não () Qual o motivo?
- 18 - Quais foram/são as dificuldades encontradas no município de Cascavel?
- 19 - Com quem mora:
- 20 - Onde/Bairro:
- 21 - Quantos moram na casa:
- 22 - Considera boas as condições de moradia:
Sim () não () Por que?
- 23 - Quais idiomas tem domínio:
- 24 - Tem conhecimento do Português:
Sim () não () onde aprendeu:
- 25 - Já sofreu preconceito/discriminação no Brasil/Cascavel:
Sim () Não () No primeiro caso de que forma:
- 26 - Pretende permanecer em Cascavel:
Sim () Não () qual o motivo:

APÊNDICE C

Questionário aplicado aos haitianos – Francês

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Questionário / Questionnaire:

- 1 - Où ai-je vécu (dans cette ville) en Haïti?
- 2 - Quelle était sa profession?
- 3 - Education?
l'éducation de base () École secondaire () High () Quelle formation (cours)
- 4 - En quelle année est venu au Brésil?
- 5 - Qu'est-ce qui vous a motivé à quitter Haïti?
- 6 - Comment saviez-vous la ville de Cascavel? Pourquoi avez-vous déménagé dans cette ville? En cette année, il est arrivé dans la ville?
- 7 - Pour les lieux qui doit atteindre le Brésil / Comment était le voyage?
- 8 - Contacté un intermédiaire pour migrer:
Oui () Non () - payé pour le service:
- 9 - Pour que les villes ont passé au Brésil pour se rendre à Cascavel? Quelle ville était la porte d'entrée au Brésil?
- 10 - Migrés seul ou en famille?
- 11 - Vous avez le visa est resté au Brésil: Oui () Non () était délicate:
- 12 - Avez-vous des parents en Haïti:
Oui () Non () - Lien:
Avoir le contact avec eux:
Dans le cas de l'épouse, les enfants - pensent de les amener au Brésil?
- 13 - Quelle est votre profession à Cascavel / Pas de travail? Société vous travaillez?
- 14 - Cette activité correspond à leur formation professionnelle, ce qui pourrait fonctionner?
Oui () Non () - Quelle est la raison?
- 15 - Vous ouvrez une session dans le portefeuille?
Oui () Non () - Combien d'heures de travail par jour?
- 16 - Exerce autre activité lucrative?
Oui () Non () Quoi:
- 17 - Etes-vous satisfaits du travail au Brésil:
Oui () Non () Quelle est la raison?
- 18 - Quels ont été / sont les difficultés rencontrées à Cascavel?
- 19 - Qui vit:
- 20 - Où / Quartier:
- 21 - Combien vivent dans la maison:
- 22 - Considère bonnes conditions de vie:
Oui () Non () Pourquoi?
- 23 - Quelles langues ont domaine:
- 24 - Connaissez-vous les Portugais:
Oui () Non () où il a appris:
- 25 - Avez-vous eu préjudice / discrimination au Brésil / Cascavel:
Oui () Non () Dans le premier cas, comment:
- 26 - Vous voulez rester à Cascavel:
Oui () Non () quelle est la raison:

APÊNDICE D

Roteiro de entrevista com os imigrantes haitianos



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Entrevista - Questões:

- 1 - Onde morava (em que cidade) no Haiti? Qual era a sua profissão? Escolaridade no Haiti?
- 2 - Que ano veio para o Brasil? O que o motivou a sair do Haiti? Como ficou sabendo do município de Cascavel?
- 3 - Por quais lugares passou até chegar ao Brasil/Como foi a trajetória?
- 4 - Por quais cidades passou no Brasil até chegar a Cascavel? Que cidade foi a porta de entrada no Brasil?
- 5 - Migrou sozinho ou com a família? Tem parentes no Haiti?
- 6 - Qual sua ocupação em Cascavel/No que trabalha? Empresa em que trabalha?
- 7 - Tem registro em Carteira? Quantas horas trabalha por dia?
- 8 - Exerce outra atividade trabalhista?
- 9 - Está satisfeito com o trabalho no Brasil?
- 10 - Quais foram/são as dificuldades encontradas no município de Cascavel?
- 11 - Com quem mora? Quantos moram na casa?
- 12 - Como aprendeu o idioma Português?
- 13 - Já sofreu preconceito/discriminação no Brasil/Cascavel?
- 14 - Pretende permanecer em Cascavel?

APÊNDICE E

Roteiro de entrevista com a representante da Cáritas Cascavel

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA****Entrevista - Questões:**

- 1 - De maneira geral, qual é o papel/finalidade da Cáritas, desde que ano atua em Cascavel?
- 2 - Como surgiu a necessidade de realizar ações junto aos imigrantes haitianos (ano de início) e como ocorre o trabalho da Cáritas em relação ao imigrante (realizado por voluntários)
- 3 - Que ações foram/são realizadas pela Cáritas em relação ao imigrante haitiano?
- 4 - Para as ações realizadas, os haitianos procuraram a entidade (desde quando?) ou o contrário?
- 5 - De que forma (meios) os imigrantes tem conhecimento dessas ações, no caso deles procurarem a Cáritas?
- 6 - Há o apoio/parceria do poder público para com a Cáritas em relação ao apoio ao imigrante haitiano?
- 7 - Pode relatar o que considera que são as maiores dificuldades/problemas enfrentados pelos haitianos em Cascavel?
- 8 - Tem conhecimento das condições de vida dos haitianos em Cascavel?
- 9 - Nesse contexto, considera que esses problemas poderiam ser amenizados com a atuação do poder público?
- 10 - Poderia relatar pontos em relação a sua observação da inserção do migrante na sociedade de Cascavel?
- 11 - A que se propõe o Fórum dos Haitianos?
- 12 - Você tem conhecimento de outras ações de apoio ao imigrante haitiano em Cascavel?

APÊNDICE F

Roteiro de entrevista com o representante da Polícia Federal em Cascavel



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Entrevista - Questões:

- 1 - Quantos haitianos procuram a polícia federal por dia?
- 2 - Tem registro do ano que começaram a chegar em Cascavel?
- 3 - Tem conhecimento da forma que chegaram no Brasil?
- 4 - E qual motivo se deslocaram para Cascavel:
- 5 - Quais os procedimentos que eles fazem na PF?
- 6 - Possuem os documentos necessários para tais procedimentos, ou seja, para conseguir o visto de permanência no Brasil? qual tipo de visto obtêm? permanente ou temporário ?
- 7 - Assim, os imigrantes haitianos estão regularizados ou irregulares no Brasil? Há dados sobre?
- 8 - Os pedidos de visto é individual ou familiar?
- 9 - Ao pedir o visto, qual é a justificativa apresentada para pedir a permanência no Brasil?
- 10 - Apresentam o vínculo empregatício ao pedir o visto?
- 11 - Possuem os dados do local de moradia destes migrantes em Cascavel?
- 12 - Os haitianos têm certo domínio da língua portuguesa?
- 13 - Há ações da Polícia federal em relação ao imigrante? Quais?
- 14 - Há um aumento ou diminuição dos haitianos em Cascavel, desde do início da migração para Cascavel?
- 15 - considera que com a crise vivenciada no Brasil esse fluxo tende a diminuir?
- 16 - considera que os migrantes são bem aceitos pela sociedade do município, e que eles estão conseguindo se inserir bem tanto no mercado de trabalho como na cultura da cidade.